



**UNIVERSIDADE FEDERAL DE CAMPINA GRANDE  
CENTRO DE FORMAÇÃO DE PROFESSORES  
UNIDADE ACADÊMICA DE CIÊNCIAS SOCIAIS  
CURSO DE LICENCIATURA EM HISTÓRIA**



**“MUITOS EM UM SÓ CORPO”**: O ASSASSINATO DE JONATHANN  
KISS E A EMERGÊNCIA DO MOVIMENTO LGBTQIAPN+ NA CIDADE  
DE JUAZEIRO DO NORTE (2000 -2023)

CICERO LEANDRO DA SILVA BATISTA

CAJAZEIRAS – PB  
2024

**CICERO LEANDRO DA SILVA BATISTA**

**“MUITOS EM UM SÓ CORPO”:** O ASSASSINATO DE JONATHANN KISS  
E A EMERGÊNCIA DO MOVIMENTO LGBTQIAPN+ NA CIDADE DE  
JUAZEIRO DO NORTE (2000 -2023)

Monografia apresentada a disciplina de Trabalho de Conclusão de Curso (TCC) do Curso de Graduação em Licenciatura em História da Unidade Acadêmica de Ciências Sociais do Centro de Formação de Professores da Universidade Federal de Campina Grande, como requisito para obtenção do título de licenciado em História.

**Orientador:** Prof.<sup>a</sup> Dra. Ana Lunara da Silva Morais

**CAJAZEIRAS – PB**  
**2024**

Dados Internacionais de Catalogação-na-Publicação-(CIP)

B333m Batista, Cicero Leandro da Silva.  
“Muitos em um só corpo”: o assassinato de Jonathann Kiss e a emergência do movimento LGBTQIAPN+ na cidade de Juazeiro do Norte (20002023) / Cicero Leandro da Silva Batista. – Cajazeiras, 2024.  
172f. : Color.  
Bibliografia.

Orientadora: Profa. Dra. Ana Lunara da Silva Moraes.  
Monografia (Licenciatura em História) UFCG/CFP, 2023.

1. Homossexuais. 2. LGTBfobia. 3. Movimento LGBTQIAPN+. 4. Violência homossexual - Cariri cearense. 5. Crime homossexual. 6. Kiss, Jonatham - Assassinato. 7. Silva, José Vicente de Assis - Produtor de eventos. 8. Juazeiro do Norte - Ceará - Movimento LGBTPN+. I. Moraes, Ana Lunara da Silva. II. Título.

UFCG/CFP/BS CDU – 316.837

**CICERO LEANDRO DA SILVA BATISTA**

**“MUITOS EM UM SÓ CORPO”**: O ASSASSINATO DE JONATHANN  
KISS E A EMERGÊNCIA DO MOVIMENTO LGBTQIAPN+ NA CIDADE  
DE JUAZEIRO DO NORTE (2000 -2023)

**APROVADO EM** 15 / 07 / 2024

**COMISSÃO EXAMINADORA**

*Ana Lunara da Silva Moraes*

---

Prof. Dra. Ana Lunara da Silva Moraes  
(UACS/CFP/UFCG - Orientadora)

 Documento assinado digitalmente  
CICERO JOAQUIM DOS SANTOS  
Data: 16/07/2024 14:44:06-0300  
Verifique em <https://validar.iti.gov.br>

---

Profa. Dr. Cícero Joaquim dos Santos  
(URCA)

*Lucas Gomes de Medeiros*

---

Prof. Dr. Lucas Gomes de Medeiros  
(UACS/CFP/UFCG)

---

Profa. Dra. Rosemere Olímpio de Santana  
(UACS/CFP/UFCG)

Dedico:

A João Vicente da Silva, a Joãozinho, e a Jonathann Kiss, vocês foram muitos em um só corpo. Mesmo após a morte, continuaram influenciando muitas outras pessoas a lutarem pela construção de um mundo melhor. Obrigado pela força e persistência.

## AGRADECIMENTOS

*É tão bonito quando a gente entende  
que a gente é tanta gente onde quer que a gente vá  
E é tão bonito quando a gente sente  
que nunca está sozinho por mais que pense estar.  
(Gonzaguinha)*

Foram tantas pessoas, muitos ficaram, outros foram embora, outros eu escolheria não lembrar. A toda essa gente, o meu muito obrigado, vocês fizeram parte de mim durante esse tempo que permaneci na graduação.

Agradeço imensamente a professora Rosilene Alves de Melo, por todo o carinho e dedicação. A nossa relação vai bem mais além de professor e aluno, se tornou uma relação muito cordial, respeitosa e carinhosa. Obrigado de todo o coração pelos conselhos e pelos momentos maravilhosos que pudemos viver juntos. Saiba que seu auxílio foi primordial para a realização desta pesquisa. Não me esqueço dos seus conselhos, levo comigo um em especial que diz assim: Rosilene não solta a mão de Rosilene, Leandro não solta a mão de Leandro. Dedico a você todo o amor que houver nessa vida.

Obrigado ao meu companheiro Denilson. Foram incontáveis os momentos difíceis, mas você sempre esteve ao meu lado. Obrigado, meu amor. Amo te. Dedico a você todo o amor que houver nessa vida.

Aos meus pais, meus irmãos e ao meu sobrinho adorador, Gabriel. Dedico a vocês todo o amor que houver nessa vida.

Aos meus amigos da Residência Universitária, Lucas, Davi, Francisco, Yslan, Leandro, Marvin, Saniel, Daniela, Laiza, Leide. Dedico a vocês todo o amor que houver nessa vida.

Obrigado aos meus colegas e amigos de turma Gaby, Erika, Ana Vitória e Ranieri. Dedico a vocês todo o amor que houver nessa vida.

A professora Ana Lunara pelo apoio. Dedico a você todo o amor que houver nessa vida.

Agradeço aos entrevistados na pesquisa Brendha, Ailton, Ronildo, Josmacelmo e Faustino. As instituições colaboradoras a Casa da Diversidade Cristiane Lima e a Associação Beneficente Madre Maria Villac. Ao professor Tiago Coutinho da UFCA.

A todos que direta ou indiretamente fizeram parte da minha formação no Centro de Formação de Professores, o meu muito obrigado.

## RESUMO

Esta pesquisa tem por objetivo problematizar a trajetória do movimento LGBTQIAPN+ na cidade de Juazeiro do Norte, tomando como ponto de partida o assassinato do publicitário, radialista, produtor de eventos João Vicente da Silva, mais conhecido como Jonathann Kiss, ocorrido em 10 de setembro de 2000. A morte de Jonathann Kiss mobilizou familiares, amigos, a justiça, além da imprensa local e nacional. O crime se insere numa longa trajetória de violências físicas e simbólicas contra homossexuais no Cariri cearense. No entanto, a luta pela elucidação do crime, e por justiça, se converteu num movimento mais amplo de militância em defesa da vida e dos direitos da comunidade LGBTQIAPN+. A partir do ano 2000 uma série mobilizações resultaram na criação de diversas entidades de proteção à comunidade, com destaque para a Associação de Apoio, Defesa e Cidadania aos Homossexual de Juazeiro do Norte (AADECHO). Do ponto de vista teórico, o presente estudo se apropria das questões promovidas pelos estudos de gênero e sexualidade que contribuíram para despertar a escrita da história do longo “sono heteronormativo” (Veras e Pedro, 2014). A pesquisa utilizou a metodologia da história oral, a partir de entrevistas com amigos de Jonathann Kiss e militantes. Além das entrevistas, o trabalho analisa o processo -crime e acompanha as informações e artigos publicados nos jornais *Diário do Nordeste* e *Jornal do Cariri*. O luto pela morte de Jonathann Kiss se converteu na luta por direitos e na construção de uma agenda política do Movimento LGBTQIAPN+ em Juazeiro do Norte, com a conquista de avanços no campo jurídico através de uma série de leis que passam a proteger os direitos da comunidade LGBTQIAPN+. Entre os resultados da investigação, buscou-se trazer a história da construção do Movimento LGBTQIAPN+ em Juazeiro do Norte, enfocando seus principais projetos e ações desenvolvidas ao longo das duas décadas de atuação, enfatizando como essas ações foram determinantes para a gestação de uma teia de proteção e acolhimento para as identidades LGBTQIAPN+.

**Palavras-chave:** história, LGBTfobia, movimento LGBTQIAPN+, Juazeiro do Norte, Jonathann Kiss

## ABSTRACT

This research aims to problematize the trajectory of the homosexual movement in the city of Juazeiro do Norte, starting with the assassination of the advertising executive, radio host, and event producer João Vicente da Silva, better known as Jonathann Kiss, which occurred on September 10, 2000. The death of Jonathann Kiss mobilized family, friends, the justice system, as well as local and national media. The crime is part of a long trajectory of physical and symbolic violence against homosexuals in the Cariri region of Ceará. However, the struggle to solve the crime and for justice has transformed into a broader movement advocating for the life and rights of the LGBTQIAPN+ community. Since 2000, a series of mobilizations have resulted in the creation of various entities to protect the community, notably the Association for the Support and Defense of the Homosexual Community of Juazeiro do Norte (AADECHO). From a theoretical perspective, this study draws on issues raised by gender studies, contributing to the awakening of the writing of the history of the long "heteronormative slumber" (Veras and Pedro, 2014). The research employed the methodology of oral history, through interviews with friends of Jonathann Kiss and activists. In addition to the interviews, the work analyzes the criminal process and follows the information and articles published in the newspapers *Diário do Nordeste* and *Jornal do Cariri*. The mourning for the death of Jonathann Kiss turned into a fight for rights and the construction of a political agenda for the homosexual movement in Juazeiro do Norte, resulting in advances in the legal field through a series of laws that now protect the rights of the LGBT+ community. Among the results of the investigation, the aim was to present the history of the construction of the homosexual movement in Juazeiro do Norte, focusing on its main projects and actions developed over two decades of activity, emphasizing how these actions were crucial for the creation of a network of protection and support for LGBTQIAPN+ identities.

**Keywords:** history, LGBTphobia, LGBTQIAPN+ movement, Juazeiro do Norte, Jonathann Kiss

## LISTA DE ABREVIACOES E SIGLAS

AADECHO	-	Associação de Apoio, Defesa e Cidadania aos Homossexuais
AIDS	-	Síndrome da Imunodeficiência Adquirida
DST	-	Doenças Sexualmente Transmissíveis
ABEMAVI	-	Associação Beneficente Madre Maria Villac
GRAB	-	Grupo de Resistência Asa Branca
GALOSC	-	Grupo de Apoio a Livre Orientação Sexual do Cariri
GGB	-	Grupo Gay da Bahia
HIV	-	Vírus da Imunodeficiência Humana
LGBTQIAPN+	-	Lsbica, Gay, Bissexual, Transsexual, Queer, Intersexual, Assexual, Pansexual, Não-binários
MHB	-	Movimento Homossexual Brasileiro
NUDG	-	Núcleo de Diversidade de Gênero

## LISTA DE FIGURAS

<b>Figura 1:</b> Evento em memória de Jonathann Kiss .....	23
<b>Figura 2:</b> Corpo de Jonathann Kiss no local do crime.....	24
<b>Figura 3:</b> Corpo de Jonathann Kiss no local do crime.....	25
<b>Figura 4:</b> - Estatueta utilizada nas agressões.....	27
<b>Figura 5:</b> Jonathann Kiss em fotografia com a modelo Suyane Moreira.....	32
<b>Figura 6:</b> Jonathann Kiss no Jornal do Cariri .....	33
<b>Figura 7:</b> Capa da Revista Kariri Moda Fashion Show .....	33
<b>Figura 8:</b> Manchete do Jornal do Cariri.....	35
<b>Figura 9:</b> Romerson Afonso Nonato.....	37
<b>Figura 10:</b> Marcony Lima da Silva.....	37
<b>Figura 11:</b> Primeira edição do Jornal Lampião da Esquina .....	47
<b>Figura 12:</b> Capa da Revista Veja .....	50
<b>Figura 13:</b> Logomarca da AADECHO.....	54
<b>Figura 14:</b> Distribuição dos casos de AIDS no Brasil, entre os anos de 1980 e 1996 .....	57
<b>Figura 15:</b> Cartaz do Projeto H2omens.....	60
<b>Figura 16:</b> Apresentações do Projeto Trupe da Prevenção .....	61
<b>Figura 17:</b> Cartaz da Primeira Parada do Orgulho Gay de Juazeiro do Norte.....	63
<b>Figura 18:</b> Logo do Grupo de Apoio a Livre Orientação Sexual do Cariri.....	67
<b>Figura 19:</b> Cartaz do Seminário de Direitos Humanos e Cidadania LGBT.....	68
<b>Figura 20:</b> Artigo vinculado pelo Jornal do Cariri.....	75
<b>Figura 21:</b> Fotografia de Cristiane Lima.....	79
<b>Figura 22:</b> Fachada da Casa da Diversidade Cristiane Lima.....	79

## LISTA DE GRÁFICOS

<b>Gráfico 1:</b> Número de assassinatos de LGBTQIAPN+ no Brasil nos últimos 5 anos .....	91
---	----

## LISTA DE TABELAS

<b>Tabela 1:</b> Eventos promovidos pela militância homossexual entre os anos de 1980 e 1997.....	51
<b>Tabela 2:</b> Número de assassinatos de LGBTQIAPN+ por município.....	83
<b>Tabela 3:</b> Leis que atingem diretamente a causa LGBTQIAPN+ na cidade de Juazeiro do Norte.....	93
<b>Tabela 4:</b> Relatório do Núcleo de Diversidade e Gênero .....	98

## SUMÁRIO

<b>INTRODUÇÃO</b> .....	14
<b>CAPÍTULO 01: “BICHA” NÃO MORRE, VIRA HISTÓRIA: A TRAJETÓRIA DE VIDA E AS IMPLICAÇÕES DA MORTE DE JONATHANN KISS</b> .....	21
1.1 Mataram o “viado”, está lá o corpo no chão .....	21
1.2 Dizem que “bicha” não morre, vira história.....	27
1.3 Quem matou jonathann kiss?.....	34
1.4 Características dos crimes de ódio contra a população LGBTQIAPN+.....	41
<b>CAPÍTULO 02: A EMERGÊNCIA DO MOVIMENTO LGBTQIAPN+ NA CIDADE DE JUAZEIRO DO NORTE E A REPERCURSSÃO DA MORTE DE JONATHANN KISS</b> .....	45
2.1 Considerações sobre a atuação do movimento de militância LGBTQIAPN+ no Brasil.....	45
2.2 “As Gays invadiram a cidade do Padre Cicero”: o Movimento de Militância LGBTQIAPN+ na cidade de Juazeiro do Norte .....	53
2.3 A repercussão da morte de Jonathann Kiss e a emergência do movimento LGBTQIAPN+ de Juazeiro do Norte.....	71
<b>CAPÍTULO 03: PARA O DIA NASCER FELIZ, O MUNDO INTEIRO NOS RESPEITAR E A GENTE SER FELIZ, FELIZ: GANHOS, VITÓRIAS E CONQUISTAS DO MOVIMENTO DE MILITÂNCIA LGBTQIAPN+ NA CIDADE DE JUAZEIRO DO NORTE</b> .....	78
3.1 Ao fim da tempestade, sempre nascerá um arco-íris: a Casa da Diversidade Cristiane Lima .....	78
3.2 “Jonathann Kiss é presente, porque a gente tem que lembrar dele não só por esse viés da morte, mas por aquilo que Jonathann representou”: a permanência da memória de Jonathann Kiss na militância homossexual.....	85
3.3 Principais conquistas do Movimento de Militância LGBTQIAPN+ na cidade de Juazeiro do Norte.....	90
<b>CONSIDERAÇÕES FINAIS</b> .....	101
<b>REFERÊNCIAS</b> .....	104
<b>APÊNDICES</b> .....	112
APÊNDICE 01.....	113
APÊNDICE 02.....	116
APÊNDICE 03.....	119
APÊNDICE 04.....	122

APÊNDICE 05.....	125
<b>ANEXOS.....</b>	<b>128</b>
ANEXO 01 – Transcrição da entrevista 01 .....	129
ANEXO 02 – Transcrição da entrevista 02 .....	134
ANEXO 03 – Transcrição da entrevista 03 .....	147
ANEXO 04 – Transcrição da entrevista 04 .....	153
ANEXO 05 – Transcrição da entrevista 05 .....	162

## INTRODUÇÃO

O que o campo histórico brasileiro tem a falar sobre os estudos da temática homossexual? Uma breve análise nos bancos de teses de Pós-Graduação, conseguiremos identificar um número considerável de trabalhos que tomam em quanto linha de pesquisa a homossexualidade no Brasil. Abarcando questões diversas como cidadania homossexual, políticas governamentais, sociabilidade e identidade, entre outros. Uma historiografia permeada de perspectivas teóricas-metodológicas. No entanto, ao contrário deste cenário atual, a homossexualidade foi por muito tempo invisibilizada dentro do campo histórico, ganhando destaque no final da década de 1980 e 1990.

Ao analisar o cenário exposto acima, duas questões se destacam: o que levou a esse cenário de invisibilidade? Quando e de que forma a temática homossexual ganha destaque no radar dos historiadores? Desta forma, na introdução desta pesquisa, trabalharemos o silenciamento da homossexualidade no campo histórico, tomaremos ainda como objetivo apontar a importância da Teoria Queer e as concepções foucaultiana para os estudos da temática homossexual.

Em um artigo publicado em 2014, intitulado de *Os silêncios de Clío: escrita da história e (in)visibilidade das homossexualidades no Brasil*, Elias Ferreira Veras e Joana Maria Pedro, analisaram o silêncio histórico a que a pessoa/sujeito/indivíduo homossexual foi submetido ao longo do curso da história. No Brasil, os campos pioneiros na produção de trabalhos acadêmicos que se ocupassem de transformar as experiências dos homossexuais em pesquisas foram a Sociologia e a Antropologia. Enquanto a Sociologia e a Antropologia se destacavam nas décadas de 1980 e 1990, com estudo desses “novos sujeitos sociais”, a historiografia permanecia resiliente. No entanto, não significa dizer que não havia historiadores atentos a esse novo campo de estudo que gradualmente ganhava formas e cores, mas na sua maioria o campo da historiografia permanecia em silêncio.

Sobre esse silêncio historiográfico, Elias Ferreira Veras e Joana Maria Pedro (2014) apontam que ele não foi motivado por falta de fontes, mas assim como a mulher permaneceu por muito tempo invisibilizada nas pesquisas historiográficas, assim foi o homossexual. Desde os primórdios das primeiras sociedades medievais, a homossexualidade sempre esteve presente, mas ela foi relegada ao silêncio, à invisibilidade, um vazio que se refletiu no campo histórico. Uma história conduzida por homens heterossexuais que selecionavam temas relevantes e silenciavam outros.

Esse cenário passaria a ser modificado a partir da Revolta de Stonewall e da proliferação do vírus HIV, momento em que homossexuais, em vários lugares do mundo, passaram a questionar o lugar de marginalidade a que eram submetidos. No Brasil, esse cenário passa a ser observado a partir das décadas de 1980 e 1990, quando essas pessoas passam a reivindicar o lugar de marginalidade e patologia. Trata-se de questionar a invisibilidade histórica-social. É nesse estante de profundas mudanças que passamos a observar historiadores se debruçando sobre o estudo do tema.

Sobre esses processos reivindicatórios João Bosco Gois destaca:

[...] representou uma guinada significativa na perspectiva de análise da questão, assim como também aglutinou temas diametralmente opostos daqueles estudados em momentos anteriores. Dessa forma, abandonando a busca das origens ou das causas da homossexualidade e das suas supostas consequências maléficas, partiu-se para uma reflexão sobre a construção social dos significados associados a ela e das dificuldades enfrentadas pelos homossexuais na sociedade brasileira (Gois, 2003, p. 290).

De fato, esses processos revolucionários por parte dos grupos homossexuais tratou de fazer com que esses novos estudos que estavam emergindo buscassem estudar aspectos da vida cotidiana dessas pessoas. O modo como se relacionam com a família, a sociedade e a maneira como lidam com a sua própria sexualidade. Se afastando de questões como a origem e as causas da homossexualidade, temas amplamente explorados pelo campo médico e psicológico.

Segundo Elias Vera e Joana Maria Pedro (2014), outra questão que possibilitou o desenvolvimento desses estudos no campo historiográfico foi a perspectiva de novas fontes históricas. Nos anos de 1970 e 1980, as principais fontes utilizadas para o estudo da homossexualidade, como “prática doentia, desviante e contagiosa”, eram fontes de origem médica e polícia. Materiais que diziam muito sobre o modo como a sociedade e suas principais instituições agiam e enxergava a homossexualidade. James Green e Ronald Polito (2006) destacam que, a partir dos anos 1990, observaremos a utilização de diversos materiais no estudo da temática, fontes essas que passam a ser produzidas pelos próprios homossexuais.

Mesmo com uma proliferação de novos estudos sobre a homossexualidade no campo histórico brasileiro, houve resistências por uma boa parte dos historiadores, que consideravam essas novas pesquisas uma “história militante”. Contudo, a proliferação de novos estudos sobre tudo a partir dos anos 2000 teve um papel preponderante ao popularizar a temática, mais que isso, mostrou o quanto são diversas as identidades sexuais no Brasil. Trabalhos esses que em sua grande maioria eram produzidos por acadêmicos homossexuais

ligados aos movimentos de militância homossexual, demonstrando que esses movimentos eram, ao mesmo tempo, acadêmicos, sociais e políticos (Veras, Pedro, 2014).

Nesse novo cenário de valorização do homossexual/homossexualidade nos estudos estereográficos no Brasil, não podemos nos esquecer das contribuições do filósofo francês Michel Foucault, que com suas concepções sobre Estado, poder e sexualidade permitiu a construção de novas perspectivas no estudo da temática.

Destaca o historiador Carlos Gilberto Pereira Dias (2021), a relevância que a obra *História da Sexualidade (1988)* teve no desenvolvimento dos estudos ligados a homossexualidade. Salienta o autor que as reflexões propostas por Michel Foucault contribuíram para que os estudos acerca da sexualidade deixassem o viés biológico, apontando para o entendimento de que os discursos categorizantes são verdades construídas e impostas aos corpos. O Estado, o governo e a sociedade, por meio dos seus dispositivos de poder, atam de maneira a disciplinar os corpos, imputando a eles verdades e normativas sociais. Discursos esses que refletem o cenário histórico-culturais de cada época.

Carlos Gilberto (2021), complementa a discussão de Elias Veras e Joana Maria Pedro (2014), ao destacar que no início da década de 1970, embora não houvesse uma vontade por parte da comunidade de historiadores em produzir estudos acerca da homossexualidade, já havia muitos questionamentos no campo historiográfico sobre o lugar da homossexualidade.

A despeito das pesquisas que contribuíram para a visibilidade dos estudos homossexuais, a produção *Além do Carnaval (1999)* de James Green é considerada um marco nos estudos históricos brasileiros sobre a homossexualidade. Carlos Gilberto (2021) destaca que a importância da produção de James Green se deu por conta dela romper um silêncio historiográfico, abrindo espaço para novas pesquisas, sobre tudo pelo viés de novas fontes.

Nessa linha de propagação da temática homossexual no campo historiográfico, ganhou grande relevância a teoria Queer, sobre tudo os escritos de Judith Butler. O historiador Fernando Jose Benetti (2023) aponta que, desde 1995, a Teoria Queer passou a ser alvo de estudo de diversos campos de pesquisas, como a Pedagogia, História, Jornalismo, Sociologia e Letras.

Segundo Cassiano Celestino de Jesus (2020), a perspectiva Queer teve um papel importante dentro do campo de estudos da temática homossexual no Brasil, por permitir que se construíssem novos olhares sobre a relação corpo, sexualidade e gênero. Mas que isso, a Teoria Queer permitiu pensar como a política heterossexual opera os corpos, os oprimindo e governando.

Continua o autor ao destacar que a Teoria Queer enxerga a heterossexualidade como uma política-social, sendo assim, ela atuaria com mecanismos próprios que visam administrar

os sentidos dos corpos, criando e aprofundando desigualdades.

No campo historiográfico, a Teoria Queer possibilitou pensar para além das margens, mostrando que por muito tempo a história foi pensada e escrita por heterossexuais. Continua o autor afirmando que a perspectiva Queer possibilitou uma nova escrita sobre os estudos homossexuais.

Deste modo, tendo em vista a importância do movimento homossexual na luta contra a LGBTfobia<sup>1</sup>, no enfrentamento aos discursos moralistas intolerantes que vestem as sexualidades desviantes, que essa pesquisa se insere. Lançamos a tarefa de analisar de que maneira surge o movimento de militância homossexual na cidade de Juazeiro do Norte, percebendo de que forma a morte de João Vicente da Silva, conhecido popularmente como Jonathann Kiss, influenciou a construção do movimento.

Jonathann Kiss foi assassinado na sua residência em 10 de setembro de 2000, aos 33 anos, em Juazeiro do Norte. Figura conhecida no meio social pelo seu trabalho como promotor de eventos. Apesar de viver em uma época marcada pela resistência e intolerância à homossexualidade, ele conseguiu se projetar como figura de destaque em uma sociedade patriarcalista. Desta forma, a nossa problemática consiste em examinar como a sua morte foi capaz de despertar um sentimento comum na comunidade homossexual, impulsionando a formação de uma militância que demandasse em favor da comunidade.

O recorte temporal do estudo é de 23 anos, se estende de 2000 a 2023. Dentro deste espaço de tempo, apresentamos as circunstâncias do crime, a repercussão social que o fato teve no Cariri cearense e como essa repercussão influenciou na construção da militância. Em seguida, analisamos o trabalho desenvolvido pelo movimento nos seus 21 anos de atuação na cidade de Juazeiro do Norte.

A escolha por trabalhar o tema encontra esteio em duas justificativas. A primeira delas se deu pelo fato da inexistência de trabalhos que tomem, enquanto objeto de investigação, o surgimento do Movimento de Militância Homossexual na cidade de Juazeiro do Norte, ligado à morte de Jonathann Kiss. Uma ligação composta de suposições e mitos. O que buscamos é entender qual foi a real influência da morte de Jonathann na construção do movimento.

A segunda justificativa se ampara em uma motivação pessoal. Desde que adentrei no curso de Graduação em História no Centro de Formação de Professores (CFP/UFCG) em 2019, passei a me interessar pelas questões que rodeiam a militância homossexual. Sou

---

<sup>1</sup> O termo “fobia” em seu significado literal significa medo, a versão de algo. Sendo assim, a junção do termo fobia com a sigla que designa indivíduos homossexuais tem por objetivo caracterizar o medo, a intolerância e aversão a sujeitos que não heterossexual e cisgêneros.

militante, e enquanto militante, historiador e homem gay, considero que essa seja a minha forma de militar. Acredito que, contribuindo com a escrita da história do movimento, estarei possibilitando que os membros da militância de Juazeiro possam conhecer as suas origens, enquanto agentes sociais transformadores.

No que diz respeito às fontes, trabalhamos com o processo-crime do caso que se encontra arquivado no Fórum Municipal de Juazeiro do Norte<sup>2</sup>, manchetes do *Jornal Diário do Nordeste*, *Jornal do Cariri*, fotografias, panfletos e entrevistas concedidas por amigos de Jonathan Kiss e militantes do movimento homossexual. O manuseio do processo criminal se deu da seguinte forma. Ao examinar o documento, constatamos a existência de dois processos, sendo o primeiro o processo original e o segundo com as retificações do primeiro, que juntos somam cerca de 4.000 páginas. Na leitura do processo, separamos as informações meramente burocráticas (ofícios, memorandos) de documentos cujo teor se refere aos fatos relacionados ao crime.

Na análise do processo-crime, visamos compreender as seguintes questões: quem foi Jonathann Kiss? De que maneira as testemunhas o projetaram por meio dos seus depoimentos? Como a sua sexualidade foi tratada ao longo das investigações - tendo em vista que o crime foi tipificado como latrocínio, não como um crime de ódio? O intuito foi de perceber como Jonathann Kiss driblava as normas sociais impostas à homossexualidade e como a própria sociedade o enxergava como indivíduo homossexual.

As matérias de jornais foram analisadas com o intuito de identificar a repercussão e o sentimento de perda gerado pela morte do publicitário. O objetivo é perceber como a figura de Jonathan Kiss foi projetada nessas matérias e como essa imagem foi recebida pela população.

A pesquisa tem como metodologia, além da análise de fontes escritas, a história oral. Nesse sentido, as entrevistas ocorreram com pessoas que conviveram com Jonathann Kiss e que atuaram no início do movimento e com aqueles que ainda atuam na militância em Juazeiro do Norte. Para a realização das entrevistas, elaboraremos a seguinte metodologia. Propomos a elaboração de dois grupos de entrevistados. O primeiro grupo tem como critério de escolha que eles tenham participado dos primeiros grupos de militância LGBTQIAPN+ que se organizaram na cidade de Juazeiro do Norte a partir dos anos 2000. Já o segundo grupo tem como critério para a escolha dos participantes a sua ligação com os movimentos na atualidade. Salientamos que, embora sejam dois grupos com critérios de seleção distintos, um mesmo entrevistado pode fazer parte dos dois grupos, já que ele tanto pode ter feito parte dos primeiros

---

<sup>2</sup> Dados do Processo-crime: Nº 2000016049396. Tipo de ação: Homicídio – crime. Volume: I. Autuação: 19/07/2007. Segredo de justiça: Não. Órgão julgador: 1ª Vara da Comarca de Juazeiro do Norte.

movimentos, como ainda poderá manter ligação com a comunidade na atualidade.

Duas das entrevistas foram realizadas remotamente por meio de um aplicativo de vídeo chamado, o restante realizadas de forma presencial com o auxílio de um gravador. Optamos pela metodologia de entrevistas semi-dirigidas, modalidade que concede aos participantes a liberdade da sua fala. Em simultâneo, essa modalidade compreender a relação entre o dito e não dito.

No primeiro capítulo pretendemos, por meio da análise dos depoimentos contidos no processo-crime, construir uma espécie de biografia da trajetória de vida de Jonathann Kiss. Salientamos que a intenção não é construir uma biografia arregimentada com todos os detalhes da sua vida, mas situar o leitor sobre quem foi o promotor de eventos Jonathann Kiss, como ele conseguiu se fincar na sociedade juazeirense como uma figura única de respeito e prestígio. Além disso, abordaremos os motivos, as circunstâncias e a repercussão que a sua morte despertou na cidade de Juazeiro do Norte.

O tópico 1.1 exploraremos a morte trágica do publicitário Jonathann Kiss, enfatizando as primeiras repercussões que ela toma na cidade de Juazeiro do Norte e na região. Já o tópico 1.2 problematizamos uma parte da trajetória de vida do publicitário, dando ênfase à sua carreira e à sua homossexualidade. No tópico 1.3, desvendaremos o crime, contando os motivos e os autores. Finalizando o capítulo, o tópico 1.4 trata das características dos crimes de ódio contra pessoas LGBTQIAPN+ no Brasil. Decidimos por acrescentar esse tópico motivados pela necessidade de saber reconhecer as principais características de crimes contra homossexuais.

É importante salientar que o foco da nossa análise não consiste no personagem Jonathann Kiss, mas na sua trajetória. Partimos do caso de Jonathann Kiss para entender de que maneira a homofobia opera na cidade de Juazeiro do Norte e a relevância do Movimento de Militância Homossexual na reversão deste cenário.

No segundo capítulo, tomamos como objetivo averiguar de que maneira a repercussão causada pela morte do publicitário influenciou na gestação do movimento de militância homossexual na cidade de Juazeiro do Norte. A proposta consiste em reconstruir a trajetória dos grupos que emergiram no município, enfocando as suas principais ações em direção à construção de uma agenda de políticas homossexuais no município.

No tópico 2.1, discutiremos previamente a chegada e a trajetória do movimento homossexual no país, enfocando as suas principais ações enquanto movimento reivindicador. Dando continuidade, o tópico 2.2 discorrerá sobre a construção do movimento de militância homossexual em Juazeiro do Norte. Por fim, o tópico 2.3 trata-se da repercussão da morte do

publicitário, analisando de que maneira ela influenciou na construção da primeira instituição ligada a causa homossexual, Associação de Apoio, Defesa e Cidadania aos Homossexuais (AADECHO).

Dando continuidade, no terceiro capítulo, nos propomos a averiguar como se encontra o movimento na atualidade, tendo como objetivo evidenciar os principais ganhos logrados por meio da atuação do movimento. Buscando compreender como esses ganhos foram importantes na construção de um ideal de cidadania para a população homossexual do município. Nesse meio, teremos em vista perceber qual a relação estabelecida entre o poder municipal e o movimento ativista.

No tópico 3.1, analisamos a trajetória da Casa da Diversidade Cristiane Lima e o seu papel na continuidade do movimento homossexual em Juazeiro do Norte. O tópico 3.2, falaremos da permanência da memória e o legado de Jonathann Kiss na militância homossexual na atualidade. No encerramento do capítulo, no tópico 3.3 trataremos da atuação do movimento no município, enfatizando as principais conquistas da militância.

## CAPÍTULO 01: “BICHA” NÃO MORRE, VIRA HISTÓRIA: A TRAJETÓRIA DE VIDA E AS IMPLICAÇÕES DA MORTE DE JONATHANN KISS



Neste primeiro capítulo, tomamos como intuito apresentar um pouco da trajetória do publicitário Jonathann Kiss, enfatizando a sua trajetória enquanto figura que dispunha de visibilidade social e a sua importância para a área de publicidade na região do Cariri cearense. Salientamos que o nosso intuito não é construir um texto bibliográfico, o que buscamos é apresentar para o leitor a importância que o personagem Jonathann Kiss teve para a cidade de Juazeiro do Norte e para o movimento homossexual na região.

### 1.1 Mataram o “viado”, está lá o corpo no chão

No dia 28 de junho, a Rua São Pedro<sup>3</sup>, uma das maiores e importantes vias da cidade de Juazeiro do Norte, conhecida por ser um local de intenso comércio e circulação

---

<sup>3</sup> A rua São Pedro é tradicionalmente escolhida como rota da Parada do Orgulho LGBTQIAPN+ pelo que ela significa para a cidade, e, como destaca Natália Veríssimo, Maria Cunha e Marízia Oliveira (2019), devido a sua localização no coração do município, sendo ela o maior ponto de concentração comercial de variados nichos comerciais. Ainda, é um dos maiores pontos de circulação de indivíduos que residem nas cidades vizinhas. São essas e outras características que concede ao comércio da rua São Pedro, grande relevância para a economia do município de Juazeiro do Norte.

de pessoas, é tomada por uma manifestação política que se apresenta de forma festiva. Corpos pintados, trajando fantasias, brilho e lantejoulas que a cada movimento exprimem alegria, irreverência, pintando as ruas de cores e glitter. Dos dois lados da rua, as calçadas são disputadas por curiosos que aplaudem os trios elétricos e os corpos dançantes. Outros observam atentamente com olhares de indiferença e questionamento, como se reivindicassem de volta aqueles espaços de poder.

Assim são as Paradas do Orgulho LGBTQIAPN+<sup>4</sup> da cidade de Juazeiro do Norte, uma mistura de sentimentos e sensações. Desde a sua primeira edição ocorrida em 1997, na cidade de São Paulo - SP, as Paradas do Orgulho LGBTQIAPN+ se caracterizaram como um símbolo do movimento homossexual brasileiro, reunindo não apenas as identidades subversivas, mas simpatizantes e defensores da causa. Apesar de toda a sua simbologia, muitos as caracterizam como um carnaval fora de época, alegando que elas já teriam perdido a sua importância e o seu real sentido de ser. Decerto, as Paradas do Orgulho LGBTQIAPN+ não deixam de ser um momento festivo, de alegria e comemoração. No entanto, isso não anula o seu caráter original de um símbolo de luta, resistência e de reivindicação dos espaços públicos. Pois, habitar as ruas negando a sua imagem preestabelecida socialmente é uma forma de quebrar o poder normatizador dos corpos.

Em meio a gritos, palavras de ordem, um personagem chama atenção por sua presença marcante nas paradas homossexuais de Juazeiro do Norte, nas manifestações e discussões da pauta na cidade, esse personagem sempre é lembrado e exaltado, em uma clara tentativa de evocar e alimentar a sua memória.

---

<sup>4</sup> Ao longo do tempo, as Paradas do Orgulho LGBTQIAPN+ foram mudando e se estruturando, mudando de nomes por diversas vezes. A primeira parada recebeu o nome de Parada do Orgulho GLT, em 1990, recebeu o nome de Parada do Orgulho LGBT. Hoje ela recebe o nome de Parada do Orgulho LGBTQIAPN+, as várias mudanças na dominação das paradas exemplificam e reconhecem a existência de outras sexualidades. Na cidade de Juazeiro do Norte observamos várias transformações nos fluxos das Paradas do Orgulho LGBTQIAPN+, isso se deve as transformações ocorridas dentro dos próprios grupos de militância.

**Figura 1:** Evento em memória de Jonathann Kiss



Fonte: Instagram da Associação Beneficente Madre Maria Villac (@abemavicariri, 2021).

O personagem retratado no cartaz acima é considerado uma figura de grande representatividade, um dos símbolos do movimento homossexual de Juazeiro do Norte. Por quê? Quem é essa pessoa? Por que dentre tantos sujeitos, ele acaba se destacando? Ao longo deste capítulo apresentaremos a história deste sujeito e os motivos que o levaram a se tornar um dos símbolos do movimento homossexual de Juazeiro do Norte.

De acordo com o (Processo-crime, Juazeiro do Norte, vol. I, 2008, p. 18), no dia 10 de setembro de 2000, às 14 horas, a polícia civil da cidade de Juazeiro do Norte foi chamada para averiguar uma situação suspeita em uma residência na rua 101, casa 20, 3ª etapa, no bairro Novo Juazeiro. Vizinhos, desconfiados do que poderia ter ocorrido na casa de número 20, decidiram por acionar dois policiais que residiam no bairro para averiguar a situação. Quando os policiais ali chegaram, as narrativas davam conta que o morador da residência não teria aparecido durante toda a manhã, sendo que ele tinha uma rotina fidedigna aos domingos. No processo-crime, a testemunha Edson Gomes Sobreira, vizinha de Jonathann Kiss afirma que percebeu algo diferente na sua rotina naquele dia:

Algo de errado deveria estar ocorrendo na casa de Jonathan, pois na noite anterior teriam ouvidos barulhos estranhos e até aquela hora o mesmo não sairá fora, e era de costume, nas manhãs de domingo, Jonathan tirar o carro da garagem, passear no bairro (Processo-crime, Juazeiro do Norte, vol. I, 2008, p. 18).

Após ouvida as alegações dos vizinhos aflitos que ali estavam e constatarem uma anormalidade, os policiais decidiram por entrar na casa. Ao adentrarem o portão da

residência, tudo parecia estar nos conformes. Na beira da piscina, três taças de vinho, indicando ter havido alguma confraternização na noite anterior, o carro estacionado na garagem e a porta da residência sem sinal aparente de violação. O silêncio que ecoava da residência era somente quebrado pelos latidos dos cachorros no interior do imóvel. Dando continuidade às verificações, pela frecha da janela do banheiro, um policial avistou marcas e poças de sangue por todo o piso. Foi nesse momento que os investigadores perceberam que poderia ter ocorrido algo no interior do imóvel.

Quando os agentes arrombaram a porta, a cena que se viu era comparável a uma cena de um filme de terror. Rastros de sangue que se estendiam por todos os cômodos da casa, poças de sangue no banheiro, respingos nos lençóis da cama, na tela da televisão, e, no chão da sala de estar, jazia um corpo sem vida.

**Figura 2:** Corpo de Jonathann Kiss no local do crime



Fonte: Processo-crime, Juazeirodo Norte, vol. I, 2008.

**Figura 3:** Corpo de Jonathann Kiss no local do crime



Fonte: Processo-crime, Juazeiro do Norte, vol. I, 2008.

Quando os peritos chegaram ao local do crime, descreveram a seguinte cena:

Ao entrar na sala verificou-se a presença de um corpo já em estada de rigidez cadavérica, vestido e bastante ensanguentado na posição de decúbito dorsal. Após passarmos da sala para o quarto, fomos direto ao banheiro conjugado onde constatou-se roupas espalhadas, sangue pelo piso, parede e porta, com a incidência maior para o quarto e a sala onde o corpo foi encontrado. Observando-se que o crime começou no banheiro com briga corporal e esforço por parte da vítima em ser socorrido, tentando sair do local. Na sala foi encontrado uma estatueta de tamanho médio, ensanguentado, tendo a base do objeto um pouco danificada. Na sala o corpo da vítima, posteriormente descrito, com o chão todo manchado pelo sangue que se estendia pela sala de jantar de onde partia marcas de tênis pelo chão ensanguentado que seguia pela cozinha e área de serviço. (Processo-crime, Juazeiro do Norte, vol. I, 2008, p. 150).

Ao averiguarem o corpo, constatou-se a identidade da vítima. Tratava-se de João Vicente da Silva, popularmente conhecido por Jonathann Kiss, um famoso radialista e promotor de eventos na cidade. Pela figura de destaque que a vítima representava e pelas circunstâncias do ocorrido, já que as evidências corroboravam para a tese de que poderia ter ocorrido uma morte violenta, não demorou para o caso logo ganhar notoriedade e

repercussão no Cariri cearense e em outros Estados. Sendo o caso destaque no extinto programa televisivo “Linha Direta.”

No primeiro momento, várias versões foram levantadas no intuito de elucidar o caso, contudo, a cena do crime apontava para duas possíveis versões. A primeira delas apontava para um crime de ódio. O que corroborava para essa versão foram as circunstâncias em que a vítima teria sido morta, com altos níveis de crueldade e violência. Apesar de ser uma figura com inserção na cidade de Juazeiro do Norte, exercendo grande influência no meio social, a vítima era homossexual, tendo sido mais uma vítima da onda de violência que acometia os homossexuais.

A segunda versão apontava para a tese de que poderia ter ocorrido um latrocínio naquela madrugada, já que parentes da vítima apontaram o sumiço de alguns pertences, como um aparelho de vídeo e dinheiro. As pegadas de sangue espalhadas por todos os cômodos do domicílio demonstravam serem dois os acusados do possível latrocínio. O estranho de toda a situação era que pertences de valor, como o carro da vítima, não haviam sido levados, nem havia sinais de arrombamento. Ou seja, os autores que adentraram a residência de Jonathann Kiss naquela madrugada provavelmente tiveram livre acesso à moradia.

A análise do laudo cadavérico apontou indícios de luta corporal no interior da residência. Os vários ferimentos feito por objeto cortante nas mãos da vítima demonstravam que Jonathann tentou desamar os suspeitos. O laudo apontou ainda o indício de que as agressões poderiam ter sido iniciadas ainda no quarto, devido às manchas e respingos de sangue por todo o ambiente. Já inconsciente, o promotor de eventos teria sido arrastado até a sala de estar, onde foi brutalmente espancado e degolado.

O Laudo Pericial feito no local do crime, apontou que houve uma morte violenta com poucas chances de defesa. Segundo o Laudo Pericial o publicitário sofreu cerca de cinco pancadas na região da cabeça por instrumentos contundentes (duas estatuetas que faziam parte da decoração do ambiente) o que resultou num afundamento de crânio. Além do traumatismo craniano, a vítima teve o pescoço degolado.

Ante o visto e examinado, concluem os peritos que no local do crime ocorreu uma morte violenta, tendo como vítima João Vicente da Silva, de maneira direta e intencional, perpetrada por no mínimo uma pessoa, tendo início o fato ocorrido no banheiro do quarto da vítima, desenrolando-se para o quarto e terminando na sala, ocorrendo luta corporal tendo sido atingido com 08 (oito) golpes de instrumento contuso-perfurante (semelhante a faca), 05 (cinco) golpes de instrumentos perfuro-contuso (estatueta), das quais o ferimento no

dedo da mão esquerda foi na tentativa de tirar a arma do agressor (Processo-crime, Juazeiro do Norte, vol. I, 2008, p. 151).

**Figura 4:** - Estatueta utilizada nas agressões



Fonte: Processo-crime, Juazeiro do Norte, vol. I, 2008.

Para aqueles que presenciaram a cena evidenciada pelas imagens acima, a impressão que se tinha era um aparente ódio pela vítima. Todavia, uma fala presente em alguns depoimentos no Processo-crime daqueles que conheciam e conviviam com Jonathann Kiss conta “Que Jonathann não tinha nenhum inimigo, ao contrário, tinha muitos amigos, sendo ele bastante conhecido” (Processo-crime, Juazeiro do Norte, 2008, vol. I, p. 34). Com o início das investigações, eram dois os principais questionamentos: quais os responsáveis pela morte do promotor de eventos Jonathann Kiss? Quais os motivos para um crime tão bárbaro?

## **1.2 Dizem que “bicha” não morre, vira história**

Mesmo amparado por um amplo acervo documental e metodológico que nos permita esmiuçar toda a vida de um sujeito, ainda assim, é preciso questionar, seria possível reconstruir toda a trajetória de vida de uma pessoa? Alessandro Portelli (2006) afirma que um indivíduo, ao longo de toda a sua vida, acumulará diversas experiências. Experiências que estarão entrelaçadas como um novelo de fios, sendo impossível capturá-

las e compilá-las. Ao tentar fazê-lo, algo sempre ficará pelo caminho. Além disso, se consideramos essa possibilidade, estaríamos assumindo o risco de desconsiderar todos os sentimentos, paixões e emoções vividas pelo sujeito esmiuçado. Contudo, as narrativas extraídas desse ator social podem e devem ser contadas. Destaca Alessandro Portelli:

É exatamente porque as experiências são incontáveis, mas devem ser contadas, que os narradores são apoiados pelas estruturas mediadoras da linguagem, da narrativa, do ambiente social, da religião e da política. As narrativas resultantes, (...) não só podem, como devem ser contadas (Portelli, 2006, p. 108).

Entretanto, o que está em voga não é somente a sua trajetória, enquanto sujeito apartado do seu meio social. Assim como destacou Pierre Bourdieu (2006), “tentar compreender uma vida como uma série e por si suficientemente de acontecimentos sucessíveis, sem outro vínculo que não a associação a um sujeito” (Bourdieu, 2006, p. 189 – 190). Desse modo, ao problematizar a vida de uma pessoa, não podemos concebê-la separada do contexto ao qual ela se relacionava. É importante perceber e problematizar como esses indivíduos que deixaram seus depoimentos no Processo-crime viviam e pensavam aspectos da vida cotidiana e social, como a homossexualidade.

Segundo a historiadora Mary Del Priore (2009), quando Bourdieu, em seu texto “*L’illusion biographique*”, tece uma crítica ferrenha às subjetividades das biografias históricas, a sua capacidade de elencar de forma organizada todos os acontecimentos de uma vida, o autor está chamando atenção para o entendimento desse gênero ligado ao fazer das grandes figuras históricas. Ao se lançar nesse gênero, como enfatiza Bourdieu, é necessário eliminar todos os vestígios das biografias positivistas que tecem um modelo linear, sistêmico e cronológicos para sua feitura.

Destaca ainda Mary Del Priore (2009) que o campo biográfico não pode mais se assentar em um único indivíduo ou grupo social, mas ao estudá-los, o historiador deve estar preocupado em compreender a história de uma época a qual esse indivíduo ou indivíduos foram contemporâneos. Em função disso, o que procuramos não é reconstruir toda a trajetória de vida de Jonathann Kiss, esmiuçando cada detalhe de forma cronológica e linear, mas contar as narrativas que conseguimos construir através das fontes analisadas.

Afinal, quem foi Jonathann Kiss? É porque a sua morte despertou tamanha repercussão? Como ele se tornou um dos símbolos do Movimento de Militância homossexual da cidade de Juazeiro do Norte? Por que lembrá-lo? Por que problematizar a sua morte? A partir

da análise do Processo-crime, da memória de alguns indivíduos que conviveram com Jonathann Kiss, traçaremos as respostas para essas perguntas que norteiam a escrita desse capítulo.

A memória pode ser entendida como um exercício de lembrar, de evocar do passado as lembranças de algo que marcou, uma memória que tanto pode ser individual ou coletiva. Lucília de Almeida Neves Delgado define o exercício da memória como sendo “um cabedal infinito” (2006, p. 16), onde os indivíduos que fizeram parte ou observaram um determinado evento, efetuam suas próprias interpretações, ressignificando os aspectos mais importantes, codificando aquilo que mais os marcaram. Por vezes, como destaca Lucília de Almeida Neves Delgado, essa memória é maquiada, reinterpretada, mesmo que seja inconscientemente um mecanismo de proteção contra a dor que essas memórias podem despertar.

Para algumas pessoas da cidade de Juazeiro do Norte, mencionar o nome do publicitário Jonathann Kiss é evocar as lembranças de um crime bárbaro que marcou toda uma cidade, despertando revolta, insegurança, um sentimento de perda. Mesmo aqueles que não o conheciam, onde as únicas referências que chegavam até eles eram através da mídia, a sua morte desperta um sentimento de curiosidade, de conhecer os responsáveis pelo crime bárbaro.

Para mim, a trama experimentada por Jonathann Kiss, figura que se destacava em uma sociedade aversa a homossexualidade, me tocou de forma íntima. Por meio de documentos e das memórias de sujeitos, que até tão pouco tempo me eram estranhas, mas que agora me são tão íntimas, que me colocam dentro dessa história. Concedendo-me o poder de apontar o começo, o meio e o fim da trajetória de um indivíduo. A busca de tentar responder, mesmo que seja por esfera da interpretação de outros sujeitos, quem foi Jonathann Kiss? Como ele pensava e vivia a sua homossexualidade frente à discriminação e à mortalidade de homossexuais em uma sociedade hétero patriarcal?

No meio artístico e social, todos o conheciam como o famoso publicitário e radialista Jonathann Kiss. No entanto, seu nome de batismo era João Vicente da Silva, para sua mãe o “Joãozinho”. Nascido no dia 19/08/1967, filho de Vicente Joaquim da Silva e Maria Balbina do Espírito Santo. Ainda criança, João Vicente e sua família se mudam para a cidade de Juazeiro do Norte, influenciados por dona Balbina, que há época era romeira, devota do santo milagreiro do sertão, o Padre Cícero Romão Batista (Processo-crime, Juazeiro do Norte, vol. I, 2008, p. 11).

Publicitário, radialista, editor de revista de assuntos variados, empresário, ícone de moda. Múltiplas facetas de um mesmo indivíduo. Em uma época em que a homossexualidade era vista e tratada como abominação, onde os homossexuais eram hostilizados nas ruas, era

impensado um homossexual ocupar um lugar de destaque como Jonathann Kiss<sup>1</sup> ocupou. Por seu carisma e irreverência, o publicitário se fincou na história da sociedade juazeirense como uma das grandes figuras da década de 1990.

Assim, naquela época, década de 80, os homossexuais nas ruas, eles falavam: lavem o viado. Às vezes, eles jogavam pedras. Batiam, botavam para correr, tinham muito essa questão. Hoje se fala em violência, mas acho que a violência naquela época, ela era bem maior (Faustino).

A situação da homofobia na cidade de Juazeiro do Norte era extrema. Nós sabemos que sempre teve essa questão, pois Juazeiro é tida como uma cidade religiosa. As pessoas respeitam muito a imagem do Padre Cícero, ele é o dono da cidade, e qualquer comportamento fora dos padrões era tido, olha só, naquela época era tido como inaceitável (Josmacelmo).

Desafiando as normativas sociais virgentes, o promotor de eventos conseguiu se projetar como um sujeito de prestígio e referência social. Sendo perceptível na fala de uma das testemunhas ouvidas no processo de investigação, onde a testemunha destaca que naquela existia uma segregação nos espaços públicos, que delimitava o convívio com pessoas assumidamente homossexuais, implicando em uma segregação social (Processo-crime, Juazeiro do Norte, vol. I, 2008). Apesar de existirem espaços bem delimitados de convivência para os homossexuais, Jonathann conseguiu driblar essa imposição, transitando entre esses dois mundos: o mundo dos relegados à clandestinidade social e o mundo dos dominantes.

Desde pequeno Jonathann já desafiava os padrões comportamentais dos papéis construídos e pré-estabelecidos para o homem e mulher. Foi na escola, no colégio Moreira de Sousa, onde o talento para a organização de eventos começaria a desabrochar. Era ele o responsável por organizar os desfiles de miss estudantil do colégio, montar os cenários e ensaiar as concorrentes.

A visibilidade como figura de destaque foi alcançada a partir do momento que ele passou a realizar “Os Melhores do Ano”, evento o qual ele propiciava a entrega do “Prêmio Destaque”, uma espécie de comenda, cujo objetivo era homenagear indivíduos da sociedade juazeirense que de alguma forma haviam se destacado durante o ano. O evento fazia tanto sucesso que a data já havia se fincado no calendário social como o evento do ano. As pessoas aguardavam durante todo o ano pelo evento, pois ele montava toda uma estrutura para que pudesse receber as maiores personalidades da cidade. Um dos pontos altos do evento era a presença de uma personalidade artística, o que hoje conhecemos como presença “vip”.

---

<sup>1</sup> Sobre a importância do publicitário Jonathann Kiss para a cidade de Juazeiro do Norte, o professor Tiago do curso de jornalismo da Universidade Federal do Ceará, produziu um trabalho audiovisual que trata do pioneirismo de Jonathann Kiss na área de publicidade. Um podcast dividido em cinco episódios.

Foi no tempo que ele fazia essas festas, ele fazia Os Melhores do Ano, que a sociedade daqui e todo mundo queria fazer roupa nova para ir para essa festa. Ele sempre trazia um artista novo que fazia esses melhores do ano. Esse foi o “boom” na carreira dele (Ailton)

Se fossemos caracterizar Jonathann Kiss, caracterizaríamos como um empresário de sucesso. Jonathann tinha uma visão muito atualizada do mundo empresarial. Fazia diversos acordos com os empresários locais, que patrocinavam as suas festividades. Foi a partir desses eventos e de vários outros realizados no decorrer do ano que ele foi começando a se projetar e ganhar destaque como figura pública. Os seus eventos logo caíram no gosto da população. O que de fato foi determinante para alavancar a sua carreira foi o fato de ele não ter se concentrado em apenas um único público, pois realizava eventos que iam desde as mais populares a celebrações destinadas à alta sociedade local.

Conhecido por seu temperamento forte, quando se tratava da organização dos seus projetos, Jonathann era bastante criterioso e detalhista. Vistoriava cada detalhe para que tudo saísse como o esperado. Além de organizar eventos sociais, ele era bastante atuante no mundo da moda. Esteve à frente do Miss Cariri, onde muitas das suas modelos chegaram a concorrer ao Miss Brasil, sendo, inclusive, conhecido por dar oportunidade para modelos que estavam iniciando a carreira. Foi ele o responsável por descobrir e lançar a modelo Suyane Moreira, que à época era apenas uma adolescente quando começou a desfilas na equipe do publicitário.

**Figura 5:** Jonathann Kiss em fotografia com a modelo Suyane Moreira



Fonte: Jornal do Cariri, 2022. Disponível em: <https://jornaldocariri.com.br/influencer-antes-da-internet-jonathann-kiss/>

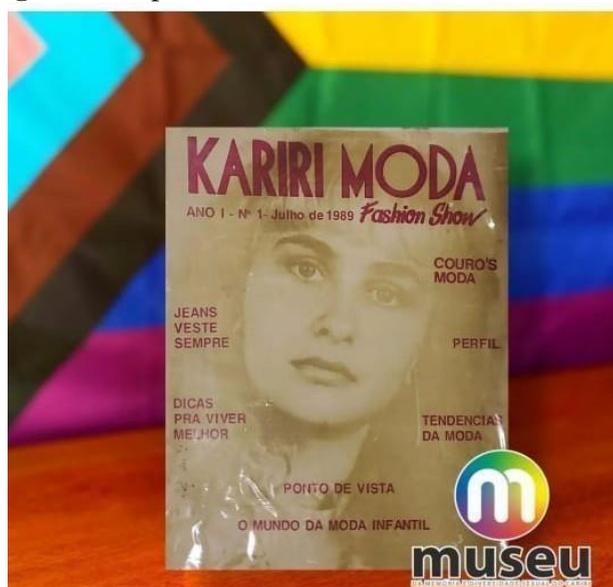
A habilidade que Jonathan Kiss tinha para a comunicação o levou a trabalhar no rádio. Na década de 1990 que ele estreou na emissora de rádio Vale FM, tempos depois na rádio Tempo FM. Em ambas as emissoras Jonathann Kiss apresentava um programa de entrevistas. Entrevistava artistas locais e quando havia alguma festividade, e na ocasião de algum grupo musical que fosse se apresentar, ele trazia os integrantes para participarem do seu programa.

Antes de lançar sua própria revista, o promotor de eventos chegou a atuar como colunista do *Jornal do Cariri*. Segundo Carlos Felipe e Tiago Coutinho (2022), Jonathann foi um dos primeiros colunistas do jornal, iniciando como colunista na fundação do jornal em 1997. Inicialmente, a sua coluna tinha o nome de “Sociedades”, passou posteriormente a se chamar “People”. Conforme os autores, a coluna versava em apresentar dicas de moda, etiqueta e os eventos da alta sociedade juazeirense.

**Figura 6:** Jonathann Kiss no Jornal do Cariri

Fonte: Jornal do Cariri, 1997.

“Kariri Moda Fashion Show”, essa foi a primeira revista lançada por Jonathann Kiss em 1989. Ao longo da década de 1990, foram lançadas várias revistas. Como podemos observar na capa da primeira revista lançada por Jonathann Kiss, a revista trazia uma gama de conteúdo.

**Figura 7:** Capa da Revista Kariri Moda Fashion Show

Fonte: Museu da Memória e Diversidade Sexual do Cariri e do Ceará

Diferente da vida social, na vida pessoal Jonathann era uma pessoa muito discreta, tinha muitos relacionamentos esporádicos, porém, reservado a sua intimidade. Os únicos que tinham acesso aos seus casos eram alguns amigos mais próximos, entre eles Katia Regina, Lena Landim, Nilva Alencar, Regina Martinho e Senizia. Essas pessoas eram as mais próximas, para quem ele contava todos os detalhes da sua vida.

Fora essas pessoas, Jonathann não costumava contar detalhes da sua vida. Apesar de Jonathann ser uma figura pública, existiam padrões e espaços sociais bem delimitados para o convívio social com outros indivíduos homossexuais. A discrição era um desses dogmas, já que a homossexualidade somente poderia ser tolerada desde que fosse algo relegado ao convívio com outros homossexuais. Ter discrição era uma forma de se proteger de agressões e de discriminações nas ruas.

Quando as pessoas passavam nas ruas, por exemplo, que tinham um andado diferenciado, não padronizado, e as pessoas desconfiavam de longe, essas pessoas serviam de chacota, né? As pessoas riam dela, debochavam, até vaiavam. Na rua, era um preconceito tremendo que havia na cidade de Juazeiro do Norte, naquela época (Josmacelmo).

Conforme apontou Marcos Antônio, uma das testemunhas arroladas na investigação, para o publicitário o seu trabalho era a sua grande paixão, a quem ele se dedicava por completo, além de talentoso, muito crítico e rigoroso. Todavia, quando ele se apaixonava, tudo mudava. Quando apaixonado, Jonathann mudava a sua personalidade, se tornava uma pessoa mal-humorada, triste, tudo passava para o segundo plano. Chegava ao ponto de se dedicar único e completamente as suas paixões, paixões essas que duravam algumas semanas. Gostava de ter vários relacionamentos, porém, negava fidelidade a todos eles.

### **1.3 Quem matou Jonathann Kiss?**

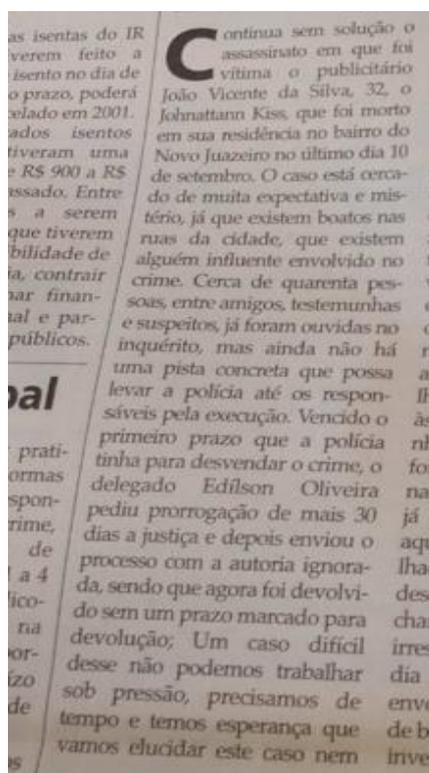
A morte de Jonathann Kiss despertou um sentimento comum entre a sociedade juazeirense. No dia do seu velório, a cidade foi tomada por um luto coletivo que se irradiou-se por entre a classe empresarial da qual o promotor de eventos fazia parte, a classe média e a

comunidade LGBTQIAPN+. Formou-se uma grande fila de pessoas querendo dar o último adeus ao publicitário, é o que destaca o entrevistado Josmacelmo Geraldo:

Foi muito chocante. Eu me lembro da época em que, no velório dele, aconteceu na casa da mãe dele, na rua Santa Cecilia, foi levado o corpo, o cachão para lá. E aquela rua se transformou em uma grande fila, que vinha lá da Praça do Socorro até a residência dele, que era dois quarteirões. Uma fila muito grande para dar o adeus a ele, o último quando ele estava lá sendo velado. E chocou bastante. Eu na época tinha essa idade, como eu já falei, entre aí, acho que uns 20 anos. Eu o conheci com 16, 17 anos, quando ele faleceu, eu já estava por volta de 20 a 21 anos. Foi um choque bastante grande, de forma trágica, da forma que aconteceu com ele. (Josmacelmo).

Já fazia uma semana desde que o publicitário havia sido morto no dia 10 de setembro de 2000. Não se comentava outro assunto durante toda a semana. Nas conversas na Praça Padre Cícero, local onde Jonathann costumava frequentar, nas fofocas de calçadas, nos bares. Todos davam de conta de especular os possíveis motivos e os autores do crime bárbaro. Entre os muitos boatos, insinuavam uma suposta inércia dos investigadores em revelar os detalhes do crime, motivados pelo suposto envolvimento de um indivíduo de alto poder aquisitivo, é o que destacou a matéria do *Jornal do Cariri*.

**Figura 8:** Manchete do Jornal do Cariri



Fonte: Jornal do Cariri, 2000.

Dez de outubro, exatamente um mês após o corrido. A polícia já havia interrogado cerca de 35 pessoas e, ainda assim, poucas informações foram obtidas que pudessem contribuir para a elucidação do caso. Tendo passado o prazo de investigação, sem que o crime fosse desvendado, o delegado Edson Oliveira, responsável pelo inquérito, requer a prorrogação das investigações por mais 30 dias no intuito de desvendar o assassinato. Fato que só aumentava as expectativas sobre a autoria do crime. Por conta de toda a pressão popular por respostas, o promotor de justiça Francisco Leitão Mora chegou a cogitar a possibilidade de acionar a Polícia Federal para auxiliar nas investigações, foi o que destacou o *Jornal do Cariri*:

O promotor de justiça Francisco Leitão Mora, que está fazendo alguns levantamentos paralelo com a Polícia Civil de Juazeiro, disse ontem ao JC que poderá pedir a ajuda da Polícia Federal caso seja necessário; A população pode ter certeza de uma coisa, nós faremos de tudo para que este bárbaro assassinato venha a ser esclarecido, afirmou o promotor (*Jornal do Cariri*, 2000, p. 8).

Como podemos evidenciar no exame da notícia acima, a entrada da Polícia Federal no caso era vista como a última possibilidade na tentativa de desvendar o assassinato do promotor de eventos. Entretanto, apesar do apoio que a PF poderia conceder aos investigadores, havia especulações sobre a possibilidade da entrada do órgão nas investigações. Uma dessas especulações apontava para que, se fosse concretizada a entrada da PF no caso, poderia causar certo constrangimento aos investigadores locais, indicando a sua ineficiência em desvendar o crime.

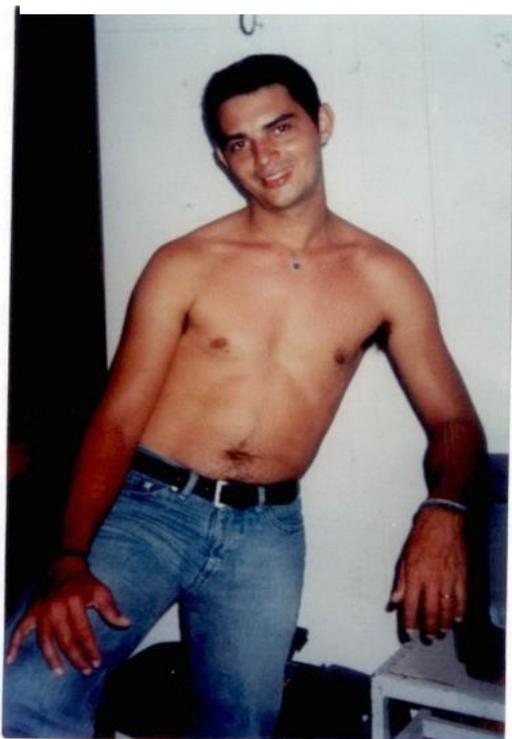
Um Policial Federal, que não quis se identificar, disse a reportagem do JC que o fato da Federal entrar no caso as vezes é melindroso já que não é a sua área e pode causar constrangimento a própria Policial Civil, mas acrescentou que o crime não está difícil de ser desvendado e sem prometer nada o policial adiantou que caso eles entrem mesmo nas investigações, já existem indícios que podem levar aos esclarecimentos do assassinato (*Jornal do Cariri*, 2000, p.8).

Enquanto se especulava a possibilidade da entrada da Polícia Federal no caso, as investigações prosseguiram, refutando algumas versões e apontando outras. O delegado Edson Oliveira refutava a tese de que alguém da alta sociedade estivesse envolvido no caso, pois os indícios encontrados no local apontavam para outra versão. Segundo o delegado, a versão mais plausível é a de que poderia ter ocorrido algum desentendimento no interior da residência, envolvendo pessoas próximas à vítima, já que a casa não tinha sinais de arrombamento. (*Jornal do Cariri*, 2000).

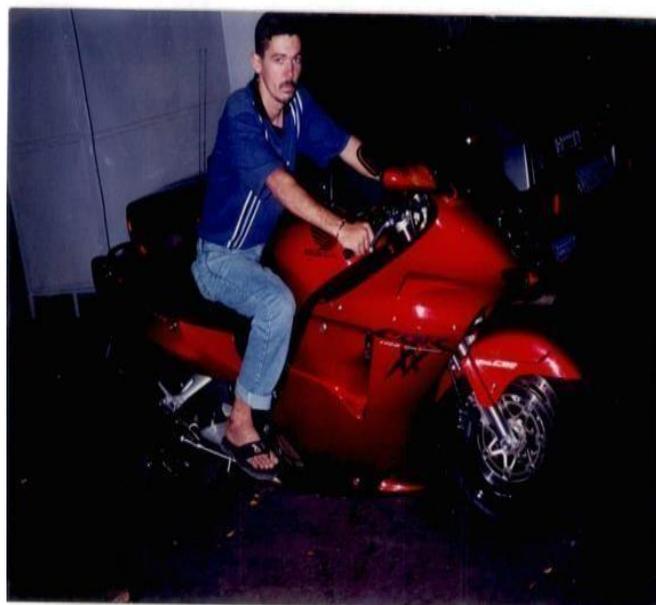
Já se passaram 5 meses desde a morte do publicitário que abalou a cidade de Juazeiro do Norte. Em 8 de fevereiro de 2001, são reveladas as identidades dos autores do assassinato de Jonathann Kiss. No dia em que os investigadores da Polícia Civil apresentam os nomes dos supostos autores do crime, uma multidão ansiosa aguardava do lado de fora da delegacia, esperando a tão aguardada revelação das identidades dos indivíduos responsáveis pela morte do promotor de eventos.

As investigações mostraram que os responsáveis pelo fim trágico do promotor de eventos foram dois mototaxistas que marcavam ponto na Praça Padre Cícero. Marcony Lima da Silva, conhecido por “Maikon”, que à época do ocorrido tinha 26 anos. Conforme o curso das investigações mostrou, o acusado conhecia a vítima, pois já havia prestado serviços como mototaxista, o que lhe conferia trânsito livre na residência. O segundo acusado, o também mototaxista Romerson Afonso Nonato, conhecido como “Mineirinho”, que na época tinha 27 anos. Ele não conhecia a vítima, sendo cooptado pelo Maikon como comparsa na ação. No dia 20 de julho de 2001, ambos foram indiciados pelo latrocínio do publicitário.

**Figura 9:** Marcony Lima da Silva



**Figura 10:** Romerson Afonso Nonato



Fonte: Processo-crime, Juazeiro do Norte, vol. I, 2008.

Fonte: Processo-crime, Juazeiro do Norte, vol. I, 2008.

Os investigadores chegaram aos nomes dos dois acusados por meio do depoimento de Elany, Alves Dourado, namorada de “Maikon”. Contudo, na data do indiciamento, ambos se encontravam foragidos, tendo os dois evadido da cidade logo após cometerem o crime. Era conhecido apenas o paradeiro do “Maikon”, que, ao deixar a cidade, afirmou estar indo para o Estado de São Paulo. Logo após o indiciamento, foram expedidos os mandados de prisão para os dois acusados.

Como já afirmamos, a morte do decorador despertou grande repercussão não só na cidade, mas em outros Estados, sendo capa de jornais, programas de rádio e até programas televisivos, como foi o caso do programa “Linha Direta” da emissora Rede Globo. Foi por intermédio dessa reportagem, veiculada no ano de 2001, divulgando a fotografia dos foragidos, que foi possível capturar os acusados.

No dia 3 de março de 2002, em um dia normal de ronda na cidade de Praia Grande - SP, alguns agentes reconheceram o “Maikon” como sendo um dos foragidos noticiados pela reportagem. Na ocasião, ele portava uma arma de fogo, documentos falsos, além de produtos oriundos de roubo. Questionado sobre os motivos da morte do publicitário, “Maikon” negou qualquer ligação com a morte. Declarou o acusado Marconi Lima da Silva às autoridades policiais:

Conhecia a vítima, pois o via passar em um automóvel branco; que nega qualquer relacionamento com a vítima; que nega ter frequentado a casa da vítima, pois jamais foram a residência da vítima. que nega ter feito qualquer corrida para a vítima, até mesmo para fazer compras; que somente veio a conhecer o segundo acusado Romerson Afonso Nonato, conhecido por “Mineirinho”, a partir de quando ambos os acusados chegaram nesta cidade (Processo-crime, Juazeiro do Norte, vol. I, p. 521).

Já Romerson Afonso Nonato, depois do ocorrido, acabou fugindo para a sua cidade natal, Governador Valadares, e de lá se desloca até a cidade de São Paulo. No dia 27 de setembro de 2002, o acusado acabou se entregando às autoridades policiais da cidade de São Paulo. Essa prisão ocorreu devido ao mandado de prisão que estava em aberto, mas, principalmente, ao caso ser massivamente explorado pelo programa

“Linha Direta”. Sobre as acusações, Romerson Afonso Nonato declarou às autoridades policiais:

Que nega a autoria do delito narrado na denúncia; que nega o interrogado que jamais dirigiu a palavra à pessoa da vítima; que a vítima não lhe conhecia; Que a vítima jamais fez qualquer viagem ou precisou dos serviços do interrogado. Que quando Jonathan Kiss passava na praça, o interrogado no seu

posto de mototáxi o via; Que sabia que a vítima era homossexual, porque via no meio no meio dos homossexuais que a Praça Padre Cícero; Que conhecia o primeiro acusado, “Maikon”, apenas de vista. (Processo-crime, Juazeiro do Norte, vol. I, 2008, p.758).

Mesmo os acusados em nenhum momento terem confessado a autoria do crime, com base nos depoimentos colhidos ao longo da investigação, foi possível apontar os dois acusados como sendo os responsáveis pela morte do promotor de eventos. Por intermédio das investigações, os agentes esclareceram as reais intenções do crime. A polícia descobriu que “Maikon” já vinha há algum tempo planejando roubar a casa da vítima. Para o acusado, seria um plano certo, já que tinha plena confiança por parte da vítima, o que facilitaria a entrada no imóvel. Desta forma, contactou o “Mineirinho” para que pudesse ajudá-lo a colocar o seu plano em prática.

Com revelação das identidades dos responsáveis pelo assassinato do publicitário, ainda resta uma pergunta a ser respondida: o que de fato aconteceu naquela madrugada fatídica de 10 de setembro? Salientamos que os fatos que narraremos a seguir são baseados nos autos policiais e nos depoimentos, já que os acusados ao longo de todo o processo de investigação e condenação, sustentaram as alegações de inocência. Sendo assim, reconstruiremos o último dia de vida de Jonathann Kiss, até o momento que ele encontra a sua morte.

Na manhã do dia 9 de setembro de 2000, como era de praxe nas manhãs de sábado, sempre às 08h30, Jonathann sai para o trabalho; no caminho, parou para dar uma carona para o seu funcionário, Pedro. No trabalho, Jonathann passou boa parte do dia triste, mal-humorado, pensativo. O motivo dele estar assim era por conta de uma paixão não correspondida por Demétrio, um dos seus modelos. Apesar de perceberem que o publicitário estava deprimido, os seus funcionários não ligaram, já que era constante essas situações (Processo-crime, Juazeiro do Norte, vol. I, 2008).

Conforme apontaram os investigadores, em um dado momento do dia, com intenção de executar seu plano, “Maikon” se encontrou com a vítima para lhe fazer uma proposta. O mototaxista se comprometeu a apresentar um amigo e levá-lo até a sua casa, onde poderiam tomar alguma bebida e conversar. Mesmo sendo uma fatídica coincidência, a desilusão que Jonathann teve com Demetrius ajudou a concretizar os planos do assassino, já que Jonathann não hesitou em aceitar a proposta.

No dia 09 de setembro, véspera da ação criminosa, Jonathann Kiss foi para o trabalho por volta das 08h30 tendo passado o dia triste, conforme depoimentos, possivelmente por não haver obtido êxito em conquistar Demetrius, por quem estava bastante interessado. Em determinada hora se

comunica com Maikon, o qual ficou de lhe apresentar, ou levar a sua presença a noite, alguém interessante. Mineirinho havia arquitetado um plano de roubar a vítima, possivelmente tenha pensado em colocá-lo em ação com essa terceira pessoa (Processo-crime, Juazeiro do Norte, vol. I, 2008, p. 303).

Quando chegaram na residência do publicitário, ambos começaram a conversar enquanto tomam champanhe na beira da piscina. Por não ter a oportunidade de colocar o plano em prática, tendo em vista a falta de iniciativa do comparsa, os dois acusados deixam a residência por volta das 03h. Do lado de fora da residência os dois discutem, culpabilizando-se mutuamente pela falta de iniciativa. Porém, algum tempo depois, decidem voltar a casa e concretizar o plano. (Processo-crime, Juazeiro do Norte, vol. I, 2008).

Como “Maikon” tinha livre acesso à vítima, não levantariam suspeitas o seu retorno, e assim fizeram. No primeiro momento apenas “Maikon” entrou na residência, ficando “Mineirinho” escondido do lado de fora. Naquele mesmo instante, o publicitário já se preparava para dormir, quando “Maikon” toca a porta. Em nenhum momento a volta de “Maikon” a residência levantou suspeitas, pois “Maikon” era conhecido da vítima. Jonathann o convida para tomar uma bebida, recusada pelo acusado, que pediu um copo de água. No momento que a vítima deu as costas, o acusado passou a exigir dinheiro, o acertando logo em seguida com um golpe de faca superficial no pescoço. Nesse momento a vítima corre para o banheiro e passa a interrogá-lo sobre os motivos que o levou a atacá-lo, alegando que iria chamar a polícia. Nesse momento “Maikon” sabia que teria que matar Jonathann, pois ele iria entregá-lo. (Processo-crime, Juazeiro do Norte, vol. I, 2008).

Escondido por trás da porta do banheiro, o assassino esperou imóvel até que publicitário saísse e ele pudesse terminar o que havia começado. Tempos depois, acreditando que o seu algoz já teria evadido da residência, a vítima deixa do banheiro, momento que é surpreendido por uma pancada na cabeça efetuada com um capacete. Os dois acabam entrando em luta corporal. Elany Alves Dourado, namorada de “Maikon” na época, disse, em depoimento à polícia, que ele teria contado a ela o que aconteceu na residência. Segundo Elany, o namorado alegou que foi difícil conter a vítima, pois parecia que ele lutava artes maciais.

Como o Jonathan era muito forte, não caiu e ambos entraram em luta corporal; Que o homem brigava muito, parecia até que lutava artes maciais; Que chegou a um ponto que pensou que iria perder a briga pois já estava muito cansado; Que conseguiu pegar uma estatueta e deu 50 pancadas na cabeça, até que a testa do Jonathan começou a afundar (Processo-crime, Juazeiro do Norte, vol. I, 2008, p. 198).

Não teria os vizinhos escutado algo? Essa foi uma questão levantada durante a investigação, pois como poderia os vizinhos não terem ouvido o barulho que vinha da residência? Alguns vizinhos relataram ter ouvido alguns gemidos vindos da casa, porém, como era costume festas na casa que durava a noite inteira, ninguém suspeitou que pudesse estar acontecendo algo de errado.

Após algum tempo, o segundo acusado, “Mineirinho” entra na residência, apropriando-se da segunda estatueta, contribuindo com as agressões. Essas foram tão violentas que o crânio da vítima afundou. Desfalecido e indefeso, a vítima foi arrastada até a sala de estar, deixando um rastro de sangue pela casa. Não satisfeito, e com receio de que Jonathann ainda estivesse vivo e contasse o que teria ocorrido, “Maikon” sobe em cima da vítima, o pisoteando. De posse de uma faca, desfere um golpe certo na região da jugular e, com o pé apoiado na cabeça da vítima, puxa a faca, o degolando. Constatando que a vítima já estava morta, eles deixam a residência levando dinheiro que haviam encontrado na carteira, um aparelho de vídeo e a faca usada no crime, que nunca foi encontrada, teria sido descartada em um telhado de uma casa no bairro vizinho.

No ano de 2009, ambos foram levados a julgamento. No dia 3 de agosto do mesmo ano, foi outorgada a sentença condenatória pelo crime de latrocínio, sendo ambos condenados à pena de 23 anos de reclusão em regime fechado. Pelo fato de “Mineirinho” já ter antecedentes por roubo, a sua pena foi aumentada, sendo condenado a 25 anos de prisão. Devido ao relaxamento da prisão preventiva, aos condenados foi concedido o direito de recorrer à liberdade condicional depois de uma parte da pena cumprida. No ano de 2018, “Maikon” foi assassinado<sup>5</sup> na sua residência na cidade de Juazeiro do Norte; já “Mineirinho”, até hoje, o seu paradeiro é incerto.

#### **1.4 Características dos crimes de ódio contra a população LGBTQIAPN+**

Latrocínio ou crime de ódio? Conforme o leitor pode evidenciar até o momento da leitura, a documentação jurídica analisada apontou que a morte do promotor de evento Jonathann Kiss fora um latrocínio, sem menção a crime motivado pela sua orientação sexual.

---

<sup>5</sup> São desconhecidos os motivos que levaram ao assassinato de Maikon.

Esse entendimento fora fundamentado pelo fato de um dos autores envolvidos no caso ser conhecido da vítima, inclusive apontou os investigadores que o próprio Jonathann Kiss teria levado os acusados para o interior da sua residência. Apesar das circunstâncias do ocorrido, as autoridades policiais caracterizaram como um latrocínio planejado.

Apesar de considerarmos a versão policial do caso, a tese de latrocínio apresentada pelo processo criminal muito nos deixou inquieto. Ao analisarmos as circunstâncias do crime, as fotografias registradas do corpo e do local do crime, o nosso entendimento se volta para a tese de um crime com a empregabilidade de ódio. A despeito do nosso posicionamento, cabe considerar que naquele momento essas discussões não estavam totalmente postas na arena de debates do movimento de militância. Para a tipificação de um ato de tal natureza, é necessário conhecimentos e ferramentas para a sua caracterização. Sendo assim, o que propomos no encerramento deste capítulo é trazer um breve debate acerca da caracterização dos crimes de ódio contra pessoas LGBTQIAPN+.

Segundo Paula Lacerda (2006), a tipificação de crime de ódio somente passou a ser explorada na mídia brasileira a partir dos anos 2000, depois do caso Édson Néris. Esse foi um caso emblemático que despertou e atraiu olhares para esse tipo de crime. No dia 06 de fevereiro de 2000, na Praça da República, em São Paulo, Édson e seu parceiro foram violentamente atacados por um grupo de indivíduos com socos e pontapé. O seu parceiro conseguiu escapar, no entanto, Édson foi espancado até a morte. O caso foi bastante explorado pelos veículos de imprensa e pelo movimento homossexual que passou a questionar os motivos torpes que culminaram em um ato tão cruel.

A despeito disso, Mariana Melo (2020) aponta que a categoria homofobia, para designar crimes cometidos contra indivíduos auto identificados homossexuais, já era algo vigente desde, pelo menos, os anos 1990. Contudo, somente a partir dos anos 2000 que a categoria ódio passa a servir como impulsionador no entendimento dessas violências.

Como bem destaca Luiz Mott e Daniel Cerqueira (2003), o entendimento do crime motivado por circunstância de ódio, na década de 2000, não é muito diferente do nosso entendimento atualmente. Como define Mariana Melo (2020), esse sentimento eloquente e inexplicável se materializa na agressividade, na fúria de destruir os corpos daqueles sujeitos diferentes de mim. Um sentimento que não possui uma justificativa aparente, mas um objetivo de eliminar os sujeitos “infratores”.

A grande contradição é que, concomitantemente a estas cruciais conquistas, persiste em todas as regiões do Brasil, violenta intolerância antihomossexual,

cientificamente chamada de “homofobia”. Este ódio explícito, cruel, persistente e generalizado, vai do insulto e ameaça, à graves episódios de discriminação, constatados em todos os segmentos e esferas sociais. Incluem violência física, golpes e tortura, culminando em violentíssimos e pavorosos assassinatos – via de regra cometidos com revoltantes requintes de crueldade, abrangendo elevado número de golpes e tiros, o uso de múltiplos instrumentos e tortura prévia. Crimes de ódio em que a homossexualidade da vítima motivou a agressão e pesou definitivamente no modus operandi do homicida (Mott; Cerqueira, 2003, p. 8).

Destaca Roberto Efrem Filho (2016), que esse sentimento não só passou a nortear as vidas dos indivíduos homossexuais, como do próprio movimento de militância. A violência e a morte gestadas por esse sentimento de ódio estão presentes nos discursos e nas ações do movimento LGBTQIAPN+, seus mortos são rememorados com o intuito de conferir legitimidade à sua atuação. Os militantes, sujeitos homossexuais, tendem a experimentar a violência de diversas maneiras, seja pela condição de vítima, seja pelas próprias narrativas construídas pelo movimento. Para esses indivíduos, essas narrativas são necessárias, ao capacitarem esses corpos para o convívio social/sobrevivência. Ou seja, a violência produz corpos, corpos que já nascem com a consciência da violência. Por meio das narrativas dessas mortes construídas pelo movimento, esses indivíduos gestam a consciência da violência. Assim, enquanto a violência aniquila corpos, ela produz outros.

A discussão posta acima acaba por esbarrar em outra questão altamente relevante para o Movimento LGBTQIAPN+ no cenário atual. Todo ato cometido contra uma pessoa homossexual pode ser referenciado como homofobia/crime de ódio? Essa é uma questão conflituosa, que desperta posições contrárias e a favor no Movimento de Militância Homossexual. Roberto Efrem Filho (2016), a respeito disso, destaca a necessidade de serem observadas as características do ato. Geralmente, as mortes mais violentas são aquelas reivindicadas pela militância ao garantir ao grupo a tipificação como homofobia, sem abrir brechas para questionamentos. São exatamente essas mortes brutais que tendem a comprovar a existência da homofobia.

Na tentativa de explicar os assassinatos brutais de LGBTQIAPN+, lançando luz nos pilares que sustentam esses crimes, Filho (2016) salienta que essas ações são legitimadas na noção de impunidade e no fato de os sujeitos que o praticam alimentarem uma consciência de estarem fazendo um “favor” para a sociedade. A homossexualidade é um ato condenável socialmente, desta forma, matar um indivíduo com atos condenáveis passa socialmente a ser visto como algo benéfico.

Ao analisar esses crimes brutais, é perceptível que exista uma operação lógica na brutalização desses corpos, tendo por objetivo lógico a intimidação e controle. Ou seja,

são crimes cometidos contra indivíduos que possuem sobre suas existências marcadores sociais que os relegam à condição de inferioridade, marcadores impostos pelos grupos dominantes. As vítimas dessa violência não são necessariamente conhecidas dos sujeitos que as cometem, e o desejo que se esconde, por trás da brutalização dos corpos, em mutilar os órgãos genitais, decapitar, estuprar, etc., deixa sinais claros naqueles corpos do que pode acontecer com aquele grupo, Mariana Melo (2020). Esse sentimento de ódio pelos corpos LGBTQIAPN+ tem se alastrado por todo o país.

Nesse sentido, antes de nós nos referirmos a esses indivíduos como vítimas de crimes de ódio, é necessário compreender que esse ódio já acompanhava esses sujeitos mesmo em vida. Em vida, essas pessoas experimentaram o rigor de um sistema controlador de uma conduta moral e sexualmente aceita. Foram sujeitos que viveram acorrentados a um sistema equipado para vigiar e punir suas ações e comportamentos. Por isso, concordamos com Valdenízia Bento Peixoto (2018) quando a autora destaca a importância de apresentar essas vítimas como uma forma de não permitir que a violência se sobreponha à existência dessas pessoas.

Apresentá-las/os representa, de algum modo, a não subsunção da vida pela morte, pois o assassinato brutal a que foram submetidas/os possui uma trama social fática e corriqueira, que revela uma sociedade potencialmente negligente com corpos que deveriam importar, independente de suas sexualidades. Além disso, existe um Estado ausente de políticas e compromissos efetivos com as pessoas LGBTQIAPN+, no qual o que mais vale é o “motivo torpe em detrimento de um fenômeno histórico e letal que é o LGBTcídio” (Peixoto, 2018, p. 34).

Assim como ressaltamos no início deste capítulo, este não é um trabalho bibliográfico. Partimos do caso de Jonathann Kiss para trabalhar a violência a que os corpos homossexuais são submetidos. Assim como Jonathann, tantos outros com potencial e talento tiveram suas existências ceifadas de modo trágico. Como bem destaca Valdenízia Bento Peixoto (2018), são pessoas que habitaram e viveram suas breves vidas de modos e formas diferentes, o que elas têm em comum é o motivo pelo qual suas vidas foram interrompidas. Por ousarem viver as suas “sexualidades impuras”, tiveram que pagar com suas vidas.

Ao longo do próximo capítulo, exemplificaremos como a dor e a revolta da morte deram lugar à luta pela existência de outras vidas. Abordaremos a construção do Movimento de Militância Homossexual na cidade de Juazeiro do Norte, com foco em analisar de que maneira a repercussão da morte de Jonathann Kiss influenciou na construção do primeiro grupo de apoio à causa homossexual na cidade.

## **CAPÍTULO 02: A EMERGÊNCIA DO MOVIMENTO LGBTQIAPN+ NA CIDADE DE JUAZEIRO DO NORTE E A REPERCURSSÃO DA MORTE DE JONATHANN KISS**

No segundo capítulo desta pesquisa, investigaremos como se organiza o Movimento de Militância Homossexual na cidade de Juazeiro do Norte, analisando de que maneira a repercussão da morte de Jonathann Kiss influenciou na construção e estruturação da militância no município.

### **2.1 Considerações sobre a atuação do Movimento de Militância LGBTQIAPN+ no Brasil**

Certamente, quando nos referimos à história da militância homossexual como força política, a revolução propiciada pela Rebelião de Stonewall, em 28 de junho de 1969, na cidade de Nova Iorque, é lembrada enquanto marco inicial. Decerto, naquele fatídico 28 de junho, quando os frequentadores do bar de Stonewall se rebelaram contra as batidas frequentes da polícia, tal ato se consagrou como a fagulha necessária para despertar a revolta e a insatisfação que a população de homossexuais acumulava durante anos de repreensão.

Quando aqueles indivíduos fecharam as portas do bar com os policiais ainda dentro e logo em seguida começaram a depredar o espaço, aqueles sujeitos não estavam tentando iniciar uma revolução, enquanto um grupo historicamente marginalizado e que resolveram se rebelar. A real intenção daqueles sujeitos era defender os seus espaços de convivência, lugares onde poderiam viver a plenitude das suas sexualidades sem os temores da repreensão social. Contudo, para a comunidade homossexual, a revolta se mostrou como um momento fértil para o início de um movimento de questionamento das imposições às “identidades marginais”.

Como já abordados nesta seção, a cidade de Nova York até pode ser considerada o marco inicial, onde se iniciou a gestação de um Movimento de Militância Homossexual organizado e estruturado em pautas e desejos políticos. Entretanto, James Green (2000) salienta que antes das manifestações em Nova York há registro de manifestações em prol da população homossexual em países como Inglaterra e França. Ato que questionavam a permanência desses indivíduos em lugares públicos.

Desta forma, o que diferencia a permanência e a estruturação dos protestos ocorridos na Europa e nos EUA é justamente o contexto histórico que ambos experimentaram. Nas décadas de 1930 e 1940, o continente europeu estava sob a tutela de governos autoritários nazifascistas, regimes que coíbiam qualquer manifestação que fosse contrariar os desejos ditatoriais. A exemplo dos homossexuais que foram duramente perseguidos na Alemanha nazista. Diferentemente, em 1969, no período do pós-guerra, o globo estava passando por uma reorganização das suas bases, com vários agentes sociais emergindo na cena pública, questionando as velhas bases sociais, a exemplo do Movimento Feminista que surgirá nos EUA, na segunda metade da década de 1960.

O Movimento LGBTQIAPN+ nos Estados Unidos acabou por influenciar a eclosão de outras manifestações em outros países, a exemplo da França e Inglaterra. Um ano depois da Rebelião de Stonewall, foi realizado um ato na Rua Christopher em evento se localizava o bar Stonewall, evento que reuniu manifestantes de todos os estados americanos, inclusive de fora do país. Esse foi o demonstrativo de que o movimento que estava surgindo não ficaria recluso à cidade novaiorquina, espalhando-se por outros países e continentes.

Quase dez anos depois, em 1978, o movimento liderado por gays, lésbicas e, mais tarde, travestis, chegaria ao Brasil. De início, o contexto histórico se mostrou favorável à sua atuação. Apesar da repreensão policial, das perseguições e mortes, a ditadura já estava perdendo força, a queda do regime ditatorial era iminente. Esse contexto tratava de animar o setor social com a eclosão e reaparecimento de movimentos sociais reivindicadores e questionadores da balança social brasileira. Como destaca Maria da Glória Ghon (2013), a década de 1970 foi o grande celeiro dos movimentos associativos no Brasil, movimentos que iam desde questões estruturais a identitárias.

Na vanguarda de movimentos sociais já consolidados na arena social brasileira, como o sindical e estudantil, a movimentação denominada à época de Movimento Homossexual Brasileiro (MHB) passa atuar na conjuntura social. Sem dúvida, esse contexto foi favorável ao início desses primeiros grupos, pois eles usufruíram desse sentimento de pertença, das reivindicações que outros agentes estavam dissipando em todo o território nacional. Além disso, o MHB, na década de 1970, surge centrado em dois pilares: demandar em favor de uma construção identitária social para os seus simpatizantes e contribuir com a deposição do ditadura militar.

Nesse contexto, dois acontecimentos marcaram a chegada da militância homossexual no Brasil: o lançamento da edição número zero do *Jornal Lampião de Esquina*<sup>6</sup> e a formação do grupo Somos: Grupo de Afirmação Homossexual<sup>7</sup>. Da formação do Somos, do *Jornal Lampião de Esquina* até início da década de 1980, caracterizamos como a primeira onda do Movimento LGBTQIAPN+ Brasileiro (Carneiro, 2015). O *Jornal Lampião de Esquina* foi um importante mecanismo criado no ano de 1978, que tinha como principais editores Darcy Penteado, Adão Costa, Aguinaldo Silva, Antônio Chrysóstomo. A publicação que tinha o intuito de servir como instrumento na denúncia da repreensão e negação de direitos de grupos minoritários. O tabloide atuou na chamada “imprensa alternativa”, e que, somado ao fato de o seu conteúdo ser considerado impróprio a moral da época, foi bastante perseguido pelo regime ditatorial.

**Figura 11:** Primeira edição do Jornal Lampião da Esquina



Fonte: Google. Disponível em:

<https://th.bing.com/th/id/OIP.L95gFm6gPIfSGC0SKPnl0wHaHa?rs=1&pid=ImgDetMain>.

<sup>6</sup> O nome *Lampião da Esquina* foi pensado, como ironia, com o intuito de fazer referência ao estereótipo de masculinidade que o nome do cangaceiro Lampião denota. Uma tentativa de atrair visibilidade para o jornal por meio do humor.

<sup>7</sup> O nome inicial pensado era Ações Pelos Direitos Homossexuais, proposta que gerou vários debates entre os membros. Alguns participantes acreditavam que a alta rotatividade de membros se dava por conta do nome escolhido para o grupo, já que declarava as intenções do movimento, desencorajando a entrada de novos indivíduos. Na tentativa de fazer uma homenagem ao primeiro movimento em favor da causa homossexual criado na América latina, a Frente de Libertação Homossexual Argentina, e que, em simultâneo, fosse expressivo nas intenções do grupo, chegou-se ao Somos: Grupo de Afirmação Homossexual (James Green, 2000).

Segundo Renata Camarotti (2009), a edição número zero do *Jornal Lâmpião de Esquina* foi marcante por dois motivos. Primeiro, porque era a criação do primeiro tabloide que tratava da temática homossexual no país, e segundo, pelo conteúdo dessa primeira edição, que se referia aos homossexuais como sujeitos de direitos, convocando-os para que assumissem a sua homossexualidade e deixassem os guetos e não mais se escondessem.

Assim como o *Jornal Lâmpião da Esquina*, o grupo SOMOS, teve um papel fundamental no agenciamento da pauta homossexual no Brasil. No início, o SOMOS contava com cerca de 15 a 20 participantes fixos, que frequentavam as reuniões que eram realizadas em apartamentos dos membros as escondidas. A primeira aparição pública do grupo se deu em um debate organizado na Universidade de São Paulo (USP) em 1978. O evento teve o intuito de debater sobre os movimentos de emancipação de grupos discriminados (Fachini, 2000).

O Somos foi um dos responsáveis por organizar o I Encontro de Grupos Homossexuais Organizados (EGHO). Apesar de ser um movimento promissor e bastante atuante, havia vários desentendimentos entre os seus participantes, discussões sobre os rumos que o grupo deveria tomar. Até que em 1980, o SOMOS acaba se desintegrando em três grupos. No ano de 1983, devido às várias quebras e com sérias dificuldades financeiras, sem conseguir atrair novos membros, o grupo acabou dissolvendo-se (Fachini, 2000).

Salienta Ailton Carneiro (2015) que o fim do jornal *Lâmpião da Esquina* e do SOMOS teriam sido os motivos responsáveis pelo refreamento do movimento na década de 1980, já que esses dois mecanismos serviam como agitadores e disseminadores das pautas e reuniões da militância. No entanto, a antropóloga Regina Fachini (2000) discorda desta explicação, pois, na concepção da autora, o movimento já havia conseguido fincar suas bases na cena pública, e:

(...) isso pode ser justificado, entre outras coisas, pelo surgimento da epidemia de AIDS, então chamada “peste gay”, e seu poder de desmobilização das propostas de libertação sexual, e, ainda, pelo fato de muitas lideranças terem se voltado para a luta contra a AIDS, criando as primeiras respostas da sociedade civil a epidemia (Fachini, 2000, p. 73).

Na segunda onda do movimento, destaca-se a formação do Grupo Gay da Bahia (GGB), a primeira frente homossexual devidamente registrada no país. Desde o ano da sua fundação em 1980, mediante levantamento em veículos de notícias e banco de dados policiais, o grupo passou a realizar um levantamento dos assassinatos de homossexuais em todo o território nacional. Esse trabalho de identificar essas mortes e publicizar será importante, pois

era evidente que naquela época muitos homossexuais morriam em decorrência da violência, mas não se tinha dados que pudessem comprovar a violência. Por meio da ação do GGB, essa violência poderia ser corporizada em números.

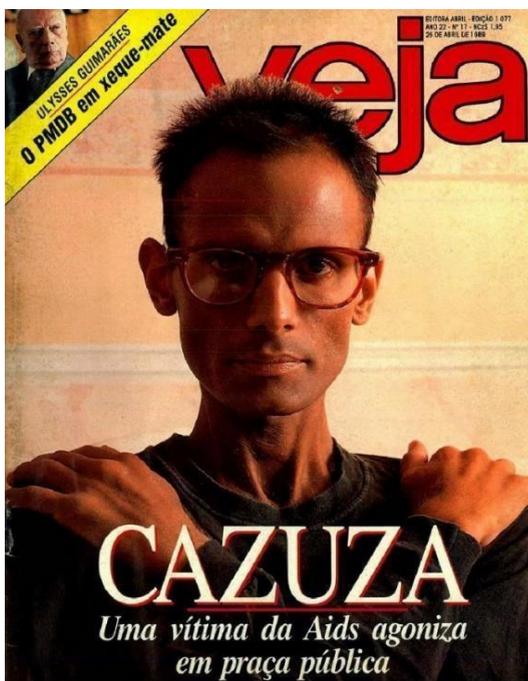
Destaca Ailton Carneiro (2015) que a década de 1980, com a promessa de uma nova constituição e com a volta de eleições diretas para o legislativo, muitos grupos sociais passaram a enxergar a oportunidade de se associarem a partidos políticos, na expectativa de conseguirem conquistar parlamentares que pudesse dar voz as suas causas. Nesta perspectiva, o GGB percebeu a oportunidade de se fortalecer, associando-se a esses novos grupos políticos. Essa aproximação por um lado foi bastante criticada, pois militantes enxergavam essa aproximação como uma forma de cooptação do movimento.

Em 1985, a comunidade homossexual conseguiu sua primeira conquista. Em uma campanha encabeçada por Luiz Mott, líder do GGB, e João Mascarenhas, fundador do grupo Triângulo Rosa, junto ao Conselho Internacional de Doença (CID), para a revogação do código 302.0, que tipificava a homossexualidade como doença. Na década de 1980, a revogação do código 302.0 foi considerada uma grande conquista, pois, a partir daquele momento os homossexuais, na prática, não mais poderiam ser tratados como doentes. Embora a conquista tenha sido animadora, tal ato não diminuiu o preconceito e a discriminação, situação que só viria a se agravar com a chegada do vírus do HIV no Brasil.

A partir do ano de 1982, a síndrome da imunidade adquirida, mais conhecida como AIDS, uma doença contagiosa viral, causada pela transmissão através da corrente sanguínea, por relações sexuais passaram a ser notificados no Brasil: os disseminadores eram indivíduos que estiveram pouco tempo antes em lugares onde o contágio do vírus estava crescendo, como nos EUA. A desinformação e a inércia do poder público foram decisivas para a sua proliferação.

A morte de celebridades como: Cazuzza, Renato Russo e Freddie Mercury, acabou por conceder visibilidade a doença diante da sociedade.

**Figura 12:** Capa da Revista Veja



Fonte: Google. Disponível em: [https://cdn-images-1.medium.com/max/1200/0\\*jl6knXN5zdOhSaZ9](https://cdn-images-1.medium.com/max/1200/0*jl6knXN5zdOhSaZ9).

Por ser um dos cantores de destaque nos anos 1980, o caso de Cazuzza acabou por evidenciar os efeitos da AIDS. Como podemos analisar na capa da Revista Veja acima, que explora a imagem do cantor, enfatizando os efeitos da doença no corpo humano. A frase “Cazuzza, uma vítima da AIDS, agoniza em praça pública” evidencia o fato de ainda não existir um medicamento que fosse eficaz no tratamento do vírus. Essa visibilidade que a AIDS ganhou, em decorrência de casos famosos como o de Cazuzza, acabou por influenciar o poder público em elaborar estratégias de prevenção e combate à proliferação do vírus.

As primeiras medidas do poder público em relação ao combate do vírus, só veriam a ser gestadas quando se percebeu que a contaminação não estava restrita aos homossexuais, já que os heterossexuais também estavam sendo acometidos. Segundo Regina Fachini (2000 apud Paeker, 1997), podemos identificar quatro fases das primeiras políticas públicas estatais no combate à AIDS, são elas:

- a. 1982 a 1985 - Momento em que os primeiros casos de contaminação pelo vírus do HIV são notificados no país. No ano de 1983, com vista a conceder maior atenção a proliferação do vírus, é criado o Programa de AIDS em São Paulo;

- b. 1986 a 1990 - Foi criado, pelo Governo Federal, o Programa de Enfrentamento a AIDS. Percebemos nesse entremeio de 86 a 90 um crescimento na parceria entre o Estado e ONGs ligadas ao combate à AIDS;
- c. 1982 a 1990 - Período que será observado um movimento inverso. O Programa de Enfrentamento à AIDS passa a sofrer com o desmantelamento das ações. Além disso, as parcerias, que vinham sendo firmadas com a sociedade civil, começavam a dar sinais de divergência referente às ações que deveriam ser tomadas;
- d. 1992 a 1997 - Época marcada pela reativação das ações do Programa de Enfrentamento a AIDS que haviam sido suspensas, ao mesmo tempo em que a sociedade civil passa a ser aproximar novamente das ações estatais.

Como foi apresentado acima, a década de 1990 simbolizou uma maior aproximação do Movimento LGBTQIAPN+ com o Estado. Essa aproximação foi importante tendo em vista a proporção do contágio, sendo notificado casos em quase todo o território nacional, beneficiando ambos os agentes. Mediante o trabalho de ONGs e grupos de enfrentamento ao vírus, as campanhas de prevenção e auxílio médico puderam chegar até os indivíduos inacessíveis às insuficientes políticas estatais impetradas até aquele momento. A liberação de verbas para serem usadas no enfrentamento a epidemia, além do seu propósito, propiciou uma estruturação do movimento, enquanto o ajudou a conceder visibilidade, pois se tratava de uma causa apoiada pelo poder público.

Embora tenham propiciado muitos benefícios, essas parcerias tiveram suas implicações. Uma parte do movimento enxergava-as com certas ressalvas, pois acreditavam que as suas ações passavam a ser dependente de órgãos públicos, sendo necessário legitimá-las enquanto agentes patrocinados. Apesar das implicações, analisando o quadro abaixo, podemos constatar que as iniciativas do Estado ajudaram a estruturar o movimento LGBTQIAPN+ possibilitando a criação de novos grupos em várias regiões do país.

**Tabela 1:** Eventos promovidos pela militância homossexual entre os anos de 1980 e 1997

Ano	Encontro	Local	N. de grupos
1980	I Encontro Brasileiro de Homossexuais	São Paulo - SP	08

1984	II Encontro Brasileiro de Homossexuais	Salvador - BA	05
1989	III Encontro Brasileiro de Homossexuais	Rio de Janeiro - RJ	06
1990	IV Encontro Brasileiro de Homossexuais	Aracaju - SE	06
1991	V Encontro Brasileiro de Homossexuais	Recife - PE	06
1992	VI Encontro Brasileiro de Homossexuais	Rio de Janeiro-RJ	11
1993	VII Encontro Brasileiro de Lésbicas e Homossexuais	Cajamar - SP	21
1995	I Encontro Brasileiro de Gays e Lésbicas que Trabalham com AIDS / VIII Encontro Brasileiros de Gays e Lésbicas	Curitiba - PR	84
1997	II Encontro Brasileiro de Gays e Lésbicas que Trabalham com AIDS / IX Encontro Brasileiro de Gays, Lésbicas e Travestis	São Paulo - SP	52

Fonte: Regina Fachini, 2000.

Conforme podemos evidenciar no quadro acima, a década de 1980 foi um período de reestruturação para o movimento, com as forças sendo redirecionadas para o combate ao vírus do HIV. A partir da década de 90, o movimento voltou a florescer com o aparecimento de novos grupos de militância e de combate à AIDS. Esse aumento na curva, mais precisamente a partir do ano de 1992, foi influenciado pelas parcerias firmadas com órgãos públicos e os grupos homossexuais.

Além disto, a partir de 1995, os grupos passam a ser mais inclusivos, englobando as lésbicas e as travestis. Diferentemente do cenário da década de 1970 e 1980, quando os grupos que surgiram eram majoritariamente compostos por homens.

Como destaca Maria da Glória Ghon (2013), os movimentos que iriam surgir na década de 2000 são agentes sociais herdeiros dos movimentos da década de 1970, 1980 e 1990; no entanto, são grupos muito mais centrado em suas demandas. Estão preocupados em propor a construção de políticas públicas, utilizando-se dos meios de comunicação para ampliar o alcance das suas pautas. Sobre essa nova interação social, trataremos no decorrer do terceiro capítulo.

Na próxima seção, tomaremos como objetivo apresentar como se deu a emergência do Movimento de Militância Homossexual na cidade de Juazeiro do Norte.

## **2.2 “As Gays invadiram a cidade do Padre Cicero”: o Movimento de Militância LGBTQIAPN+ na cidade de Juazeiro do Norte**

A militância homossexual no Brasil, que passou a atuar no ano de 1978, contendo apenas dois grupos, chegava nos anos de 2000 com a promessa de florescimento e reconhecimento. Os grupos estavam experimentando um processo de expansão, deixando as cidades do sudeste e centro-oeste, dirigindo-se para o interior. A antropóloga Regina Facchini (2009), salienta que esse processo passou a se intensificar a partir do momento que a interação entre Estado e movimentos sociais passou a ser cada vez mais intensa. Com o poder público focando na promoção de campanhas contra a transmissão do vírus do HIV, e com a expansão do Movimento LGBTQIAPN+ e sua institucionalização, novas pautas passaram a ser reivindicadas ao poder público.

Os anos 2000 ficou caracterizado pela emergência de novos atores sociais focados em novas pautas, cada qual com suas particularidades de atuação. A militância homossexual estava passando por uma verdadeira metamorfose, de um movimento uno e complexo, para uma militância fragmentada em vários grupos, cada qual com seus eixos de atuação.

Precisamos destacar que essas cisões pelas quais a militância estava passando, na maioria, se davam pelas reivindicações de indivíduos oriundos da própria comunidade homossexual, que reivindicava o protagonismo dos homens à frente do movimento. Como foi o caso das transsexuais, que passaram a cobrar espaço de atuação na militância. Esse cenário, que gradualmente passava a ser modificado a partir dos anos 2000, é um reflexo da sociedade patriarcal, uma transposição do poderio da liderança dos homens para o Movimento LGBTQIAPN+. E o produto direto dessas reivindicações é a inclusão de novas letras à sigla.

A própria região onde esses movimentos estavam situados acabavam conferindo as suas especificidades, foi o caso da região Nordeste. Os grupos que surgiram nesta região enfrentaram um grau maior de dificuldades em se organizar e planejar suas agendas políticas em relação a outras regiões. Apesar de à época a militância já ser conhecida em todo o país, com muitos grupos tendo estabelecido uma série de parcerias com órgãos públicos, principalmente no que diz respeito ao combate do vírus do HIV, em localidades do interior nordestino, os agentes que estavam tentando se organizar, enfrentavam um grau maior de resistência. Verdadeiros boicotes à formação de uma agenda homossexual nessas regiões.

Tal situação que acabamos de descrever foi experimentada pelo Movimento LGBTQIAPN+ de Juazeiro do Norte. Com um trajeto marcado por fluxos e refluxos, no ano de 2023 o movimento completa 21 anos de atuação, sendo ele engajado e de suma importância

para a região do Cariri cearense. Assim, tomaremos como intuito nesta seção apresentar os motivos e o contexto histórico que propiciaram a emergência do movimento LGBTQIAPN+ na cidade de Juazeiro do Norte.

O início do movimento LGBTQIAPN+ em Juazeiro do Norte é datado do ano de 2002, a partir da construção da Associação de Apoio, Defesa e Cidadania aos Homossexuais (AADECHO). Na época, não havia nenhum agente em prol da comunidade homossexual na região do Cariri cearense, sendo a militância de Juazeiro do Norte a primeira da localidade.

**Figura 13:** Logomarca da AADECHO



Fonte: Acervo pessoal de Josmacelmo Geraldo da Silva.

À época do surgimento do ativismo homossexual em Juazeiro do Norte, muito se ouvia falar do Grupo de Resistência Asa Branca (GRAB), situado em Fortaleza, e do Grupo Gay da Bahia (GGB), grupos que influenciaram a formação de outras organizações na região Nordeste. Uma das primeiras iniciativas de tentar criar um grupo de militância na cidade de Juazeiro do Norte, esteve ligado à liderança do Grupo de Resistência Asa Branca. O GRAB surgiu em 1989 no contexto de despatologização e prevenção ao vírus do HIV. Atuando no eixo de prevenção às DST e de garantia dos direitos sociais a população homossexual (Amadeu Cardoso, 2022).

Na década de 1990, motivados pelo crescimento do ativismo homossexual no país, há algumas tentativas de construir uma agenda homossexual na cidade de Juazeiro do Norte. Contudo, essas iniciativas não encontraram êxito, tendo em vista que a militância era tipificada como um movimento de doentes, pervertidos. Além disso, os próprios indivíduos da comunidade refutavam a possibilidade de se associarem a um movimento que revelasse a sua sexualidade.

Essas iniciativas só seriam novamente retomadas a partir dos anos 2000, impulsionadas por alguns fatores, como o aumento de casos soropositivos no município e pelos altos índices de violência que encontravam justificativa nos estigmas oriundos do vírus. Foi a partir dessas novas inquietações que, em 2002, nasce o primeiro grupo de militância homossexual da cidade.

Antes de entrarmos na história da formação da AADECHO, precisamos regredir até os anos 2000. Segundo os entrevistados, na época, havia um agente comunitário de saúde chamado Sebastião, que havia participado de um projeto de capacitação e prevenção às DST, na capital Fortaleza. O intuito era que os indivíduos que haviam participado do projeto, pudessem desempenhar o papel de agente comunitário de divulgação de informações acerca dos métodos de prevenção às DST no município.

A cidade de Juazeiro do Norte, nós tínhamos aqui um movimento, tinha um movimento bastante pequeno que era o Tião. O Tião é um líder comunitário que reside ali no triangulo, ele é gay. Então, ele foi em Fortaleza e em Juazeiro do Norte, ele tinha uma entidade chamada Flor de Mandacaru. Flor de Mandacaru, não, Flor de Lis, me perdoe, Flor de Lis (Josmacelmo)

O agente comunitário de saúde Sebastião, em parceria com GRAB, coordenava um pequeno projeto chamado “Flor de Lis”. O projeto consistia na distribuição de preservativos em lugares de intenso movimento na cidade, como o Mercado do Pirajá, e a Praça Padre Cicero. Contudo, essa distribuição beneficiaria somente aqueles indivíduos que tivessem realizado um cadastro prévio junto ao Projeto “Flor de Lis”.

Só que a instituição dele não era registrada e eu tinha amizade com outras pessoas e sempre ia para a Praça Padre Cícero, e na Praça Padre Cícero eu encontrei um dia distribuindo preservativos, mas que não distribuía para todo mundo da população LGBT. Só para algumas pessoas que tinham cadastro, que tinham uma fixa cadastral e o nome da pessoa tinha que estar naquele cadastro. Há época eu achei um absurdo, porque como você está prevenindo as doenças e não abrange todo mundo, tem que ter algumas pessoas, como se fosse selecionado (Josmacelmo).

Segundo o entrevistado, o qual participou da fundação da AADECHO, certa vez, o seu grupo de amigos presenciaram o agente de saúde distribuído os preservativos na Praça Padre Cicero. A situação que o grupo de amigos presenciou os deixou inquietos, pois, na visão deles, os preservativos teriam que ser distribuídos a todos aqueles que solicitassem. Tal fato chamou a atenção do grupo de amigos, que passaram a refletir sobre a necessidade de ter uma entidade que pudesse dar de conta dessas questões, é o que aponta o entrevistado:

E aí hoje eu compreendo que era um projeto que tinha que era do GRAB, de Fortaleza. E o Tião era o agente multiplicador em Juazeiro. Então, o que acontece, o GRAB pedia para o Tião, como agente multiplicador em Juazeiro, distribuir esses preservativos, como forma de prevenção às DST, que a época chamava de DST/AIDS. E o Sebastião fazia isso, só que a época me deixou em quieto, porque se é para distribuir, tem que ser para a população LGBT, em geral (Josmacelmo).

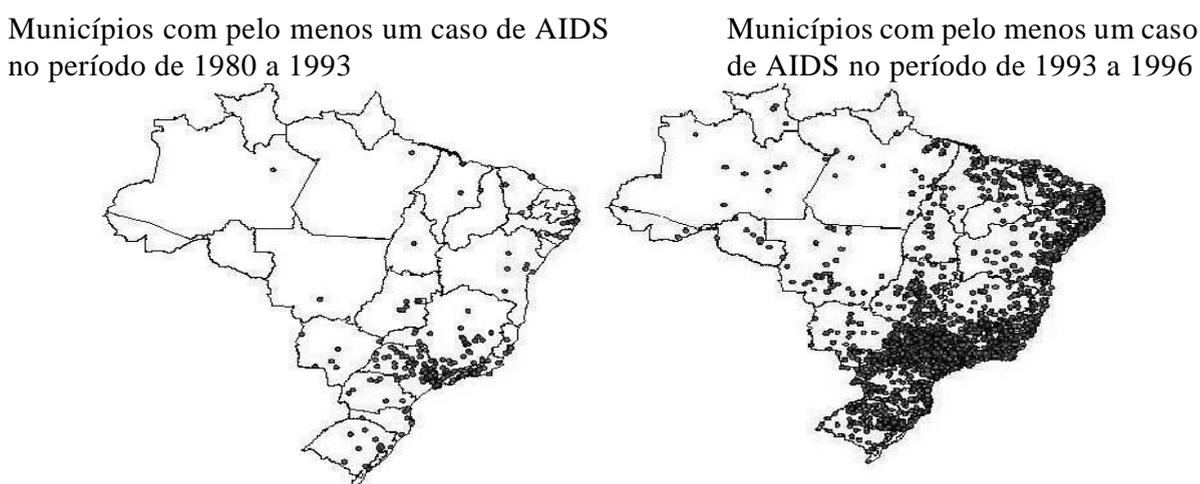
Motivados pelas ações do projeto “Flor de Lis”, passa a ser gestado o projeto do primeiro grupo de militância LGBTQIAPN+ na cidade de Juazeiro do Norte. Batizado de Associação de Apoio, Defesa e Cidadania aos Homossexuais ou simplesmente (AADECHO). O objetivo do grupo era construir uma agenda política com ações voltadas para prevenção, conscientização, um ambiente onde a comunidade homossexual pudesse buscar proteção contra a violência, além de ser um veículo de divulgação de informações.

A proposta de uma instituição que pudesse servir como apoio no combate à epidemia da AIDS foi bem acolhida, uma vez que não existia nenhuma ação do poder público municipal, que assumisse a tarefa conscientizar acerca dos cuidados necessários com prevenção. Facchini (2000) destaca que, desde o início, a falta de informações sobre as formas de contágio foi um dos principais responsáveis pela proliferação da doença no país. Além disso, aqueles sujeitos que eventualmente se contaminassem, teriam de se deslocar até Fortaleza em busca de tratamento, já que não existia na região.

(...) sim, à época havia muita falta de informação. Se, à época, você pegasse um preservativo e abrisse o preservativo em uma praça pública, ou em algum local para explicar o uso do preservativo, aquilo era um escândalo. As pessoas não aceitavam aquilo, uma imoralidade, uma coisa proibida. À época, houve muita resistência com a questão de se informar a população sobre essa questão de preservação. E justamente, é isso (Josmacelmo).

Quando analisamos a situação exposta pelo entrevistado acima, com tantas restrições acerca da divulgação de informações sobre a prática do sexo seguro, compreendemos a relevância que teve a AADECHO, em promover campanhas e fornecer subsídios para a população homossexual. Sem a existência desses agentes e sem ações efetivas do poder público, os casos de contágio acabavam multiplicando-se. Os dados abaixo do Ministério da Saúde, comprovam essa situação.

**Figura 14:** Distribuição dos casos de AIDS no Brasil, entre os anos de 1980 e 1996



Fonte: CN-DST/AIDS/SPS - Ministério da Saúde, 2000.

O quadro acima mostra os dados de propagação do vírus do HIV nos municípios brasileiros entre os anos de 1980 e 1996. Conforme podemos perceber no exame dos dados, o Ministério da Saúde apontou que a incidência do contágio estava regredindo nas grandes cidades do sudeste e centro-oeste; em contrapartida, os índices estavam elevando-se nos pequenos municípios brasileiros, pelo menos 59% dos municípios já registravam ao menos um caso de AIDS. A explicação para essa interiorização da doença estava ligada diretamente à focalização das medidas de contenção nos grandes polos populacionais, ficando de fora as pequenas cidades do interior do país.

Conforme podemos evidenciar, o vírus estava passando por um processo de interiorização, assim como o movimento que estava acompanhando esse mesmo processo. A proliferação desses novos agentes por todo o país foi o nítido reflexo das novas parcerias

estabelecidas com o Estado. Com o fortalecimento da identidade homoerótica, diminuem as resistências à militância, ao mesmo tempo, e observado um processo de institucionalização da militância, é o que sublinha Regina Facchini:

Uma primeira mudança diz respeito ao crescimento da quantidade de 2 grupos/organizações e a sua difusão por todo o país. Esse crescimento parece estar relacionado, entre outros fatores, ao modo como se organizou a “resposta coletiva” à epidemia do HIV/Aids: a implementação de uma política de prevenção às DST/Aids baseada na ideia de parceria entre Estado e sociedade civil e num claro incentivo às políticas de identidade como estratégia para a redução da vulnerabilidade de populações estigmatizadas (Facchini, 2009, p. 138-139).

São esses pequenos grupos de militância que iriam surgir nas pequenas cidades do interior do país, que fizeram todo o trabalho de campanha e conscientização, contribuindo para que as ações do Estado/municípios chegassem a esses indivíduos “invisibilizados”. Contudo, nos lembra Maria da Glória Ghon (2013) e Regina Facchini (2009), que essa relação entre militância e Estado, nem de longe, foi algo harmonioso, já que o movimento passava a atuar em uma relação de clientelismo.

Tal situação que acabamos de expor, foi o que se sucedeu na cidade de Juazeiro do Norte. Por imposição do Ministério da Saúde, o projeto para prevenção das(a) DST/AIDS só seria aprovado se houvesse uma instituição registrada que pudesse gerir as ações na região. Foi assim que nasceu o grupo AADECHO. Os primeiros meses de atuação da instituição foi um dos períodos mais complicados, já que o grupo não tinha uma sede para a operação dos seus trabalhos. No início, as reuniões eram realizadas em uma sala cedida no antigo “Cinedete”, um antigo cinema que ficava localizado ao lado da Praça Padre Cicero, no centro da cidade.

Ainda em 2002, saiu o parecer favorável do Ministério da Saúde<sup>8</sup>. O convênio funcionaria da seguinte maneira: a AADECHO entraria como uma espécie de agente de

---

<sup>8</sup> A partir de 1985, o Ministério da Saúde publicou uma série de programas e portarias estabelecendo a política nacional de combate a AIDS no Brasil. Alguns desses documentos: Programa Nacional de DST/AIDS: o programa foi criado em 1986, esse foi o primeiro programa nacional dedicado ao combate da AIDS no Brasil e na América Latina.

Campanhas de Conscientização: a partir de 1990, o Ministério da Saúde passou a implementar uma série de campanhas em todo o país, foram realizadas campanhas de conscientização em larga escala em diversos meios de comunicação. Essas campanhas tenham o objetivo de conscientizar as pessoas sobre a prática do sexo seguro e as formas de contágio do vírus do HIV.

Programa de Distribuição de Preservativos: em 1994, o Ministério da Saúde iniciou o Programa de Distribuição de Preservativos. O programa tinha o intuito promover o sexo seguro distribuindo preservativos nas unidades de saúde.

saúde ligado ao Ministério da Saúde, elaborando os projetos de prevenção e os colocando em prática. Em contrapartida, o Ministério entraria com os recursos necessários para financiar as ações. O primeiro repasse recebido pela AADECHO foi no valor de 5 mil, reais. Esse primeiro recurso foi utilizado para custear o projeto de distribuição de preservativo e testagem.

Dentre os vários projetos desenvolvidos pela AADECHO ao longo dos seus 5 anos de atuação, dois projetos se destacaram pelo seu caráter informativo e interativo. O “Projeto H2omens” e o “Projeto Trupe da Prevenção”.

O “Projeto H2omens” se inseriu em uma urgência, atender os garotos de programas da cidade, que à época eram aqueles que mais sofriam com as consequências do vírus do HIV. Como já destacamos, a principal deficiência no combate ao vírus era a falta de informações, sendo assim, o principal intuito do projeto era ministrar cursos formadores com o intuito de instruir esses indivíduos sobre as formas de prevenção e os cuidados necessários para evitar a contaminação e a proliferação das DST.

---

Parcerias Internacionais: em 1996, foi implementado o Programa Conjunto das Nações Unidas o UNAIDS. O programa tinha enquanto objetivo coordenar ações globais em resposta ao HIV/AIDS.

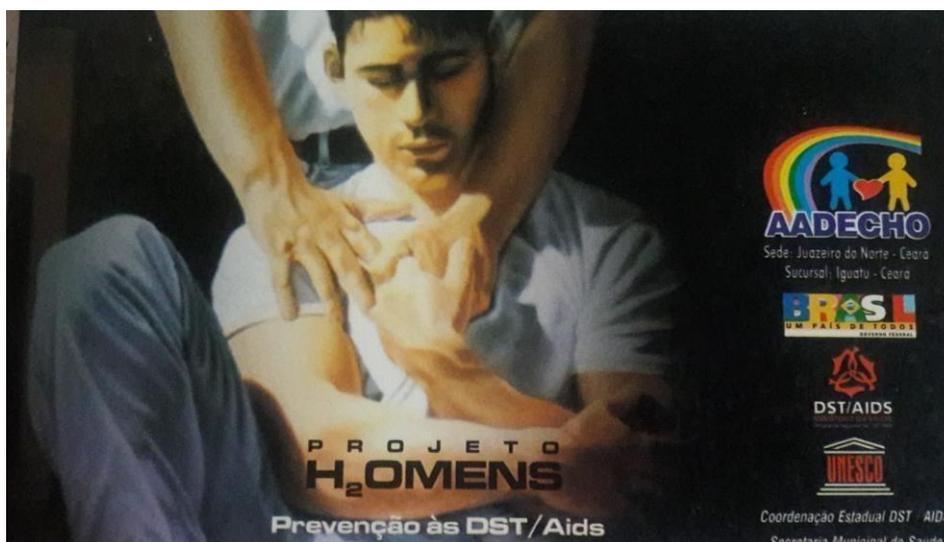
Portaria GM/MS nº 1.663/1999: estabelece o Protocolo Clínico e Diretrizes Terapêuticas para Adultos Vivendo com HIV/AIDS.

Portaria GM/MS nº 2.363/2002: Institui o Programa Nacional de DST/AIDS, destacando as diretrizes gerais para a precaução e controle das DST/AIDS no Brasil.

Portaria GM/MS nº 3.242/2017: procura estabelece a "Política de Saúde Integral LGBT" com normas para a promoção da saúde da comunidade LGBT, com medidas específicas ao HIV/AIDS.

Portaria GM/MS nº 3.916/2019: aprova o Protocolo Clínico e Diretrizes Terapêuticas para Profilaxia Pré-Exposição (PrEP) de Risco à Infecção pelo HIV em adolescentes e adultos, garantindo ao PrEP como uma estratégia de prevenção do HIV/AIDS.

**Figura 15:** Cartaz do Projeto H2omens



Fonte: Acervo pessoal de Josmacelmo Geraldo da Silva.

Ao analisarmos a imagem acima, conseguimos constatar que o seu intuito é criar um apelo para a construção de uma rede de apoio e solidariedade entre os próprios homossexuais. Essa imagem evidencia como era a vida de um sujeito homossexual que contraísse o vírus do HIV nos anos 2000, onde o único lugar onde poderiam conseguir apoio era no seio da própria comunidade homossexual. Por trás de um indivíduo contaminado, havia todo um movimento de apoio e proteção a esses sujeitos.

Já o “Projeto Trupe da Prevenção” foi um projeto mais interativo. A instituição percebeu que as campanhas precisavam ser mais incisivas, alcançando um número maior de pessoas, por isso, o projeto teve em vista expandir as campanhas informativas para além da comunidade homossexual. O projeto reunia a conscientização com arte circense. Ele tinha o intuito de através de apresentações culturais em lugares públicos, como praças, conscientizar as pessoas acerca da importância do sexo seguro.

Além de lugares públicos, uma versão formulada da ação era levada para ser apreciada nas escolas do município. Apesar de não serem constatados casos entre adolescentes, as informações poderiam auxiliar na gestação de uma consciência entre os jovens. No início, a instituição enfrentou muita resistência por parte das escolas, que barravam a apresentação do projeto, afirmando que o conteúdo que seria apresentado era impróprio para o consumo dos alunos. A resistência provinha não só por parte dos gestores escolares, mas também dos alunos e dos pais. Apesar de toda a resistência, o grupo utilizava-se da prerrogativa de ser um projeto apoiado pelo Governo Federal para adentrar nos espaços escolares.

**Figura 16:** Apresentações do Projeto Trupe da Prevenção



Fonte: Acervo pessoal de Josmacelmo Geraldo da Silva.

Tanto o “Projeto Trupe da Prevenção e o Projeto H2omens” foram de suma importância em frear a proliferação da AIDS na cidade de Juazeiro do Norte que estava acelerando, é o que destacou a matéria do *Jornal Diário do Nordeste*, ao noticiar o I fórum de atenção as pessoas com HIV/AIDS, intitulado de “Qualidade de Vida: uma Busca Contínua” a ser realizado na cidade de Juazeiro do Norte. Ação promovida pela AADECHO.

Atualmente, Juazeiro conta com 92 casos de pacientes soro positivos e em fase de tratamento. O diretor financeiro da Associação de Apoio, Defesa e Cidadania aos Homossexuais (Aadecho), João Alves da Silva, diz acreditar que esse número pode ser ainda mais elevado. Tal perspectiva pode até ser confirmada, segundo ele, com o trabalho de testagem voluntária feito pelo Sedac (Serviço Descentralizado de Acompanhamento e Coleta Voluntária). Nos últimos meses, mais de duas mil pessoas procuraram o serviço para fazer a testagem. A preocupação em relação a necessidade de maiores cuidados para evitar a proliferação no número de casos de Aids é uma das motivações do Fórum (*Jornal Diário do Nordeste*, 2004).

Oferecendo informações sobre os modos de prevenção e desmitificando os estigmas que rodeavam as pessoas contaminadas pelo vírus. Além dessas, os projetos foram de suma relevância ao influenciar ações por parte da gestão municipal que beneficiassem a causa homossexual.

Apesar do trabalho que a AADECHO vinha desenvolvendo, promovendo campanhas, serviços de testagem, a organização não deixou de sofrer questionamentos

por parte de setores da sociedade como a área católica sobre a sua legitimidade. Em primeiro lugar, inquiriam o fato do grupo AADECHO estar recebendo repasses do Ministério da Saúde, já que, na visão desses, havia outras frentes mais relevantes do que o custeio de um movimento de “viados”. Para mais, alegavam que a associação por meio das suas ações, incentivavam a prática da homossexualidade. Por conta disso, eram impetradas perseguições e discursos caluniosos contra a instituição e os seus membros.

A resistência, os discursos de intolerância, os casos de violência sempre existiram, principalmente em uma cidade como Juazeiro do Norte, onde a devoção católica se destaca como sendo um dos pilares culturais mais importantes. Além disso, a romaria ao Padre Cícero se constitui como sendo um dos seus principais produtos econômicos, atraindo milhares de fiéis de toda a região nordestina. Contudo, a partir do momento que o grupo AADECHO passa a atuar no município, iremos perceber um aumento significativo dessas ações.

Esses discursos que partiam da imensa maioria da população católica, que passaram a ser formulados a partir da formação do grupo de militância AADECHO, além de serem bem mais incisivos, passaram a não só condenar a prática da homossexualidade em si, mas em grande medida, iriam ser direcionados para o combate da militância. Discursos que provinham das mais diversas camadas sociais, essa mudança se dava em grande medida ao avanço da militância, que passava a enxergar outros campos de atuação para além do combate à AIDS, como cidadania e convivência social.

Apesar da forte resistência, o grupo não regrediu em suas ações, sendo o responsável pela realização da “I Parada Pela Livre Expressão Sexual”, que aconteceu em 25 de junho de 2004. Ela se deu em meio a muita relutância e protesto da grande maioria da população, sobre essas manifestações o entrevistado Josmacelmo, um dos fundadores da AADECHO destaca:

Ave-Maria, resistência demais. Na época, 2000, 2005, por aí, a gente sofria uma perseguição tremenda. Porque aquela época era muito escondida, as pessoas não tinham hoje a liberdade que se tem, de chegar em qualquer esquina, em qualquer casa, dizendo a sua orientação sexual, sem temer a nada. Naquele tempo, naqueles anos, as pessoas se escondiam. Não gostavam muito de aparecer, mas quem estava à frente de uma instituição dessa dava a cara a bater para cuidar de tantas outras pessoas que estavam escondidas, sem querer aparecer. A resistência foi muito grande, inclusive o Fabio José, a qual na época era vereador, e nos solicitamos que fosse criada em Juazeiro a lei municipal do Dia do Orgulho gay e da livre expressão sexual. Imagina aquela época, um vereador apresentar um projeto desse em uma câmara totalmente machista, na qual a maioria tudo é homem, e um vereador apresentar um projeto desse. E ele apresentou, depois vai para a comissão, depois vai para alguma coisa, depois vai para a votação. E quando ele apresentou, ele, Fabio José, que era o vereador há época, ele dizia que alguns colegas vereadores ficavam tirando sarro da cara dele à época, mas aí ele não se importava.

Ficavam perguntando o que ele era da instituição, qual era a função dele, se ele fazia parte, sofríamos naquela época a homofobia e nós não sabíamos como reagir. Hoje em dia, se algum vereador faz um papel desse, ele sofre punição, porque as leis hoje estão sendo mais presentes e mais atuantes, hoje em dia. Mas naquela época eles perguntavam ao Fabio José, o que ele era da instituição, se ele fazia parte, tiravam uma ondazinha da cara dele (Josmacelmo).

Na época, não havia recursos para a realização da “I Parada Pela Livre Expressão Sexual”, mesmo assim, foi organizado um evento pequeno, mas que simbolizasse o trabalho que vinha sendo desenvolvido junto à comunidade homossexual no município. Na ocasião, os organizadores conseguiram um trio elétrico para a realização do desfile, no entanto, no dia acordado, o trio elétrico foi tomado com o intuito de boicotar o evento. Indignados com o boicote, os organizadores se deslocaram até a rádio Vale FM, na tentativa de protestar contra a ação. A “I Parada Pela Livre Expressão Sexual” na cidade de Juazeiro do Norte só viria a acontecer por conta de um político local o Dr. Raimundo, que cedeu um trio para a realização.

**Figura 17:** Cartaz da Primeira Parada do Orgulho Gay de Juazeiro do Norte



Fonte: Acervo pessoal de Josmacelmo Geraldo da Silva.

Essa primeira “I Parada do Orgulho Gay” foi um marco, pois as pessoas saíram às ruas para presenciar aquele evento único, o primeiro da região do Cariri cearense. Sobre os aplausos, olhares curiosos e o questionamento de uma parcela da sociedade juazeirense, a comunidade homossexual saiu às ruas reivindicando o direito de poder ocupar os lugares públicos. Sobre a importância do ato, o *Jornal Diário do Nordeste* destacou:

Para o diretor administrativo da associação, Josmacelmo Geraldo da Silva, a parada será uma forma de manifestação para garantir respeito e cidadania. Outra intenção é cobrar das autoridades leis que beneficiem a todos visando acabar com o preconceito e discriminação. Ele lembra que o período de 17 a 28 de junho será de uma semana dedicada à livre expressão sexual. Na abertura, acontece o 1º Fórum em atenção às pessoas portadoras do vírus HIV, às 14 horas, no auditório do Panorama Hotel (*Jornal Diário do Nordeste*, 2004).

A “I Parada pela Livre Expressão Sexual” foi marcante, pois também simbolizou a instituição da Lei n.º 2887, de autoria do vereador Fábio José, que estabelecia no município o “Dia do Orgulho Gay”. Com a aprovação da lei, ficaria sobre responsabilidade do poder municipal a implementação de medidas que fossem ao encontro do combate à violência e discriminação para com a população homossexual.

O PREFEITO DO MUNICÍPIO DE JUAZEIRO DO NORTE, Estado do Ceará. Faço saber que a Câmara Municipal decretou e eu sanciono e promulgo a seguinte Lei: Art. 1º - Fica instituído o dia 28 de junho como do Orgulho Gay e Livre Expressão Sexual no Município de Juazeiro do Norte. § 1º – O dia do Orgulho Gay e Livre Expressão Sexual passará a integrar o calendário de eventos oficiais do Município de Juazeiro do Norte § 2º - O Executivo municipal, através de seus órgãos competentes promoverá a sua divulgação. Art. 2º - O Poder Executivo Municipal regulamentará a presente lei no prazo de 60 (sessenta) dias, a partir da data de sua publicação (Juazeiro do Norte, 2005).

Para o grupo AADECHO, a sanção da Lei n.º 2887 significaria a legitimação das suas ações, pois o município teria que trabalhar na promulgação de campanhas e medidas municipais para o combate à discriminação e violência. No entanto, embora a lei tivesse sido aprovada pela Câmara Municipal em 2004, ela só seria sancionada em 2005. O impasse se deu por conta da relutância do prefeito Carlos Cruz. A lei só veria ser sancionada no ano seguinte, na gestão de outro prefeito, o Dr. Raimundo Macêdo. Desta forma, ao analisar a situação exposta acima, identificamos as disputas que a militância homossexual trava no campo social. Essas disputas se dão pelo fato de o Movimento de Militância Homossexual ser um movimento social e político.

A segunda “Parada LGBT” já contou com alguns recursos do Ministério da Saúde e do município. Ao todo, a AADECHO realizou cerca de três “Paradas do Orgulho Gay”, que tinham como trajeto a Rua São Pedro, uma das vias mais importantes da cidade de Juazeiro do Norte. A primeira foi a mais emblemática, pois não foi apenas um momento de diversão, um ato carnavalesco como tentaram tipificar, mas um ato político. Apesar do trabalho que vinha sendo desenvolvido pela associação, em nenhum momento ela deixou de ser perseguida. O evento foi um momento em que se afirmou mais uma vez que existia um grupo em favor da causa homossexual e que essas ações iriam continuar, bem como reivindicações por políticas públicas e por igualdade social.

Quando se fez essa parada, justamente, quando houve essa primeira parada, foi justamente para isso. Quebrar o preconceito que existia em Juazeiro do Norte, dando visibilidade ao movimento LGBT, que se iniciava à época. Digo que se iniciava, mas o movimento já existia, mas era um movimento às escondidas (Josmacelmo).

Esse também foi o momento em que a população homossexual começaria a se libertar das amarras imagéticas, sem o temor de serem alvos de represálias. Além disso, é necessário salientar a questão da ocupação territorial do espaço público. Como discuti Judith Butler, sevocarer homem e ser mulher é um ato performativo. A partir do momento que esses indivíduos saem as ruas, performando suas vestimentas, seu modo de agir, falar, andar, esses indivíduos estão assumindo as ruas como um lugar de poder. Negando as suas imagens previamente estabelecidas, eles estão quebrando essa normativa social.

O primeiro movimento nascido, nascido, que quero dizer, o recém-nascido, para mostrar à sociedade juazeirense, justamente a questão LGBT. Não uma parada onde anteriormente muitas pessoas viviam escondidas. Anteriormente tinha os carnavais em Juazeiro do Norte e as escolas de samba. Você via nas escolas de samba, muitas pessoas gays desfilando, não se sentiam constrangidos, justamente por isso. Porque a sociedade aceitava aquele momento, de carnaval. Mas a parada gay, justamente, é para sair do carnavalesco e passar a mostrar, para a sociedade, de forma que ela possa ver e conseguir enxergar, para quebrar o preconceito, a discriminação a essa população (Josmacelmo).

O que fora presente no início da atuação do grupo AADECHO já não era presente no seu fim. O grupo AADECHO chegou no ano de 2007 desgastado, devido a uma série de denúncias feitas ao Ministério Público sobre o desvio de finalidade dos recursos públicos. Tal situação causou muito desgaste à liderança do movimento, as pessoas foram investigadas e isso

acabou por causar tensões no interior da militância. A liderança AADECHO não tinha a mesma força de outrora; o movimento havia regredido, mergulhado em conflitos externos e internos. Essa situação acabará por respingar no desempenho do movimento, que havia perdido grande parte dos seus simpatizantes.

Entre a comunidade homossexual, a militância passava a ser visto com olhares de julgamento, tanto que a última “Parada Gay” a realizada no ano de 2006 contou com poucos participantes. Em 2007, o movimento regredirá de vez, o grupo AADECHO estava impedido de realizar novos projetos, tendo em vista que os seus recursos haviam sido cancelados. Sem recursos para o custeio da própria sede, o AADECHO chega ao seu fim.

Independente dos motivos que levaram ao encerramento das suas atividades, a associação deixou sua marca na história do Movimento de Militância Homossexual de Juazeiro do Norte. Enfrentou represálias, perseguições e boicote aos seus projetos, mesmo assim, conseguiu pavimentar o caminho para que no futuro outros grupos pudessem surgir e dar continuidade à militância. Além da determinação deixada pelo grupo, o seu grande legado foi a instituição da Lei N.º 2887, de 10 de maio de 2005, instituindo o dia 28 de junho como “Dia do Orgulho Gay e Livre Expressão Sexual em Juazeiro do Norte”.

Como explicitamos no começo deste capítulo, a trajetória do ativismo homossexual do município de Juazeiro do Norte é marcada por fluxos e refluxos. Quando o grupo AADECHO encerra suas atividades no ano de 2007, a militância homossexual ficou sem uma organização que pudesse gerir as ações na cidade. Outrossim, no ano seguinte, começa a ser gestada os planos para a fundação de uma nova instituição, essa seria o Grupo de Apoio a Livre Orientação Sexual do Cariri (GALOSC). Contudo, o grupo só irá se estruturar, de fato, no ano de 2009.

**Figura 18:** Logo do Grupo de Apoio a Livre Orientação Sexual do Cariri



Fonte: Blog do Grupo de Apoio a Livre Orientação Sexual do Cariri. Disponível em: <https://galosc.blogspot.com/>

Destacamos que não conseguimos levantar tantas informações sobre a sua fundação, tendo em vista a relutância dos seus fundadores em falar sobre a atuação do grupo. Portanto, as informações aqui expostas foram levantadas mediante uma costura de dados que fomos capturando ao longo do processo investigativo, além de análise de notícias veiculada por jornais e pelo próprio Blog de notícias do grupo GALOSC.

A fundação do grupo GALOSC não se deu, inicialmente, pelo propósito de reativar a militância homossexual, que havia decrescido com o fim da AADECHO, o projeto que a deu vida, porém começa a ser gestado com o racha do primeiro grupo. Quando as denúncias envolvendo a associação AADECHO se tornaram de conhecimento público, um dos fundadores, João Alves, que à época ocupava o cargo de presidente da organização, decide, em conjunto com outros indivíduos, fundar outra associação.

Quando a entidade surge em 2009, de imediato ela passa a enfrentar resistência por parte da comunidade homossexual, pois aquele sentimento de decepção gestado pelos supostos escândalos por parte da AADECHO ainda era presente. Sentimentos esses que eram compartilhados pela parcela da sociedade que havia apoiado a emergência do movimento no município.

Sobre a sua atuação, basicamente o grupo GALOSC passou a desenvolver as mesmas ações que a antiga associação desenvolvia. Promovia, entre outras atividades, palestras



Ao analisar a imagem acima, o entendimento a que chegamos é que estava se estruturando no município de Juazeiro do Norte uma agenda de discussão da pauta homossexual. A presença de diversas autoridades municipais e estaduais evidencia esse cenário. A militância homossexual de Juazeiro do Norte estava acompanhando a tendência da militância em todo o país, que passava a focar de forma bem mais incisiva na construção de ações governamentais que construíssem um ambiente político, jurídico e social para a população homossexual. Entre os vários colaboradores do evento, a logomarca do Governo Lula se destaca. Um Governo de esquerda que, por meio da sua política, buscou se aproximar de movimentos de minorias sociais, abrindo caminho para esses grupos galgarem espaço no cenário de discussão das políticas sociais no Brasil. Políticas que focassem na construção de uma cidadania homossexual.

Tanto o grupo AADECHO quanto o grupo GALOSC estiveram preocupados com a questão endêmica de combater a proliferação do vírus do HIV no município de Juazeiro do Norte, que estava se alastrando não só na cidade, mas em toda a região do Cariri cearense. Ainda assim, é possível fazer uma distinção das ações que cada grupo de militância desenvolvia. A primeira organização, quando surge no ano de 2002, dedicou-se às ações que naquele momento se mostravam mais urgentes, como a de combater a proliferação do vírus.

Já o grupo GALOSC vislumbrava a criação de um espaço de sociabilidade e interação para a população homossexual. Como já explicitamos nesta seção, a atuação dos grupos ligados a causa homossexual esteve diretamente relacionada a situação vivida no país. De 2009 a 2013, período de atuação do grupo GALOSC, outras questões se mostraram de igual importância para além da questão endêmica. Como a construção de uma sociabilidade e cidadania para a população homossexual.

Como já apontamos, tivemos dificuldades em levantar informações sobre a trajetória do grupo GALOSC, todavia, entre os motivos que levaram ao seu fim, esteve a dificuldade financeira e desentendimentos entre os seus fundadores. Mais uma vez o movimento ficará sem uma organização que pudesse gerir a militância na região. Contudo, diferente de 2007, a militância já havia conseguido fincar suas raízes, com a criação de uma consciência cidadão sobre a sua atuação.

Um ano após o fim do grupo GALOSC, a Associação Beneficente Madre Maria Villac (ABEMAVI), assume a organização do movimento. A organização já existia desde o ano de 2009, uma fundação de bairro, criada por voluntários que atuavam junto a crianças, idosos e pessoas em situação de vulnerabilidade social no bairro São Miguel em Juazeiro do Norte. É válido salientar que a população LGBT não era o seu público-alvo.

Porém, pelo motivo de naquele momento o movimento encontrar-se desassistido, a ABEMAVI assume a direção da militância na tentativa de não permitir que as atividades estagnassem.

Inicialmente os trabalhos desenvolvidos pela fundação consistia em um assistencialismo parco, pois, como já salientamos, a associação assume a liderança da militância por uma necessidade de não deixar que ele regredisse, desenvolvendo atividades e ações voltadas à saúde, como testagem e distribuição de preservativos.

E em 2014, precisamente, nós começamos a trabalhar com o público LGBT, que está nos principais espaços de sociabilidade aqui em Juazeiro. Por exemplo, Praça do Giradouro, Praça Padre Cícero. A gente começou a ir com ações de saúde, né. Abordando, orientando, sobre a prevenção naquela época, as DTS, que hoje são IST, né. Começou todo aquele trabalho de escuta encaminhamento (Ronildo).

Um dos grandes marcos da ABEMAVI o junto a população homossexual foi a fundação do projeto da Semana da Diversidade, a partir de 2014. Quando o projeto foi pensado, ele tinha o objetivo de instituir um momento que antecederesse a “Parada Gay”, período em que fosse desenvolvidas ações de cunho afirmativo dessas identidades. Na ocasião, são desenvolvidas ações como palestras, testagens, ações culturais, feiras solidarias, mutirões, entre outras.

No primeiro momento, quando a instituição passa a atuar junto ao Movimento LGBTQIAPN+, o intuito era questionar a legislação então vigente, com ações em favor de institucionalização de políticas no município, que tipificasse a LGBTfobia<sup>9</sup> como crime. Inclusive as “Paradas Gay” de 2014 e 2015 tiveram como temas o questionamento da legislação municipal.

[...] Então, naquele primeiro momento, também foi um momento de divisor de águas, onde começa a formular as políticas públicas, nós não tínhamos no município. O município não tinha um Conselho, não tinha leis específicas para a população trans, hoje nós temos a lei de cotas, 3%, nós temos a lei que não foi tirada do papel para a criação da primeira Casa de Referência do Estado, do interior do Ceará. Então assim, muita coisa avançou depois de 2015 (Ronildo).

---

<sup>9</sup> A LGBTfobia é um termo que indica a aversão a indivíduos ou grupos minoritários por conta da sua orientação sexual. Essa aversão não fica apenas no campo da repulsão social, podendo ser impulsionador de violência física e verbal.

Os principais recursos utilizados para o custeio das ações provinham de doações de pessoas físicas e jurídicas, além de doações de alimentos. No que diz respeito às ações voltadas para a comunidade homossexual, a instituição levantava recursos em editais da Casa Civil do Estado e do Governo Federal, que tinham como finalidade financiar ações voltadas para esse público, além de parceria com outras entidades.

Destaca o entrevistado abaixo que, quando a ABEMAVI assumiu a direção da militância, as paradas tinham uma simbologia social. Apesar disso, não possuíam um sentido político de reivindicação. Essa foi a preocupação da instituição naquele momento, conceder ao evento uma imagem e um sentido político, com ações questionadoras e propositivas.

Descia-se naquele cortejo na rua São Pedro, e se encerravam com atos de fala, mas assim, não tinha aquela perspectiva de ato político, cultural, era um ato mesmo cultural, né. E tanto que a gente instituiu em 2015, as semanas da diversidade, foi para dizer, não vai ser um dia não, vai ser a semana toda de ações que antecede (Ronildo).

Com o passar do tempo as demandas da população homossexual junto a instituição passaram a se intensificar, demandando essas que passaram a requerer muito mais energia. Contudo, a ABEMAVI não trabalhava com apenas esses públicos, tendo outras demandas. A partir dessa demanda, passa a ser gestada um projeto para a fundação da Casa da Diversidade Cristiane Lima, um espaço destinado para atender especificamente ao público homossexual. A Casa da Diversidade Cristiane Lima é um projeto desenvolvido conjuntamente entre a ABEMAVI e Associação Careirense de Luta contra a AIDS. Discutiremos as ações desenvolvidas pela associação no próximo capítulo.

### **2.3 A repercussão da morte de Jonathann Kiss e a emergência do movimento LGBTQIAPN+ de Juazeiro do Norte.**

Qual foi o tamanho da repercussão da morte de Jonathann Kiss? Em uma manchete veiculada no dia 24 de setembro de 2000, com o título “Homofobia”, o *Jornal do Cariri*, destacou:

Domingo, 10 de setembro de 2000. Juazeiro amanheceu estarecido com a onda de violência. Quatro pessoas assassinadas. Dentre elas, uma em particular, chamou a atenção pelos requintes de crueldade. A morte do promotor de eventos Jonathan Kiss. Esse ato bárbaro desolou e indignou sua

família, uma multidão de amigos e admiradores e a toda a comunidade da região do Cariri. Além do crime ser uma barbaridade, não é um fato isolado. Há dez anos, morria, nas mesmas circunstâncias, Ribamar, o estilista, antes dele, Luizão, e outros tantos, anônimos, não tão famosos quanto Jonathan, mas igualmente vítimas de um crime resultante de uma grande mazela social chamada homofobia. (Jornal do Cariri, 2000).

Por si só, as circunstâncias com que o crime aconteceu já concediam condições suficientes para o caso ganhar destaque e notoriedade tanto na cidade de Juazeiro do Norte, quanto no restante da região do Cariri cearense. Todavia, o crime noticiado pela manchete acima não tratava da morte de um simples indivíduo, que parecia em decorrência da onda de violência que assolava a região, mas era a morte de uma das grandes figuras da década de 1990, da cidade de Juazeiro do Norte.

Foi por meio do trabalho publicitário desenvolvido por Jonathann Kiss, que a produção de eventos, realização de desfiles de moda, passou a ser uma área visada e lucrativa na região. Não seria exagero afirmar a sua contribuição e o seu pioneirismo na área de publicidade na região do Cariri cearense. Por ser um dos percussores do nicho publicitário, Jonathann Kiss passou a ser visto pela camada empresarial da época como uma espécie de trampolim, que se associavam ao publicitário, numa tentativa de divulgar suas marcas.

Assim, podemos dividir a repercussão causada pela morte de Jonathann Kiss, entre três camadas sociais: na área empresarial, na classe média e na comunidade homossexual. São áreas distintas que receberam a repercussão da morte do publicitário de modos e intensidades diferentes. Embora o que nos interessa nesta pesquisa seja compreender o impacto causado na comunidade homossexual, não podemos ignorar essas outras duas áreas. Pois, a bandeira levantada pela militância em prol da morte de Jonathann Kiss, só conseguiu força para se destacar na cidade, porque foi uma morte sentida em outras camadas sociais. Independentemente de conseguir apoio para o movimento, a militância conseguiu apoio para as reivindicações em prol da morte de Jonathann Kiss.

Essa foi uma das primeiras estratégias do movimento, ao se apoderar da morte e do prestígio social de que gozava o publicitário, a militância passava a legitimar a sua atuação.

Se para a sociedade juazeirense, a morte do publicitário causou uma expressiva repercussão e comoção, para a comunidade homossexual, a sua morte teve um peso bem mais significativo. Trata-se da morte de um sujeito tido como uma espécie de representante social da

comunidade. Já que muitos indivíduos o enxergavam como um sujeito homossexual que havia conseguido se projetar enquanto figura de respeito em uma sociedade adversa à homossexualidade. Desta forma, a morte do produtor de eventos foi a responsável por gerar um sentimento comum de insegurança social, sentimento esse que passa a ser compartilhado entre a comunidade homossexual.

Quando nos aprofundamos nesse sentimento gestado pela morte do promotor de eventos, percebemos que esse não foi um fato isolado, ela fez parte de um movimento que estava crescendo em todo o país. São muitos os casos de assassinatos brutais de homossexuais, mas isso nunca despertou tanta repercussão e comoção social, tendo em vista que essas pessoas eram e ainda são taxadas como pecaminosas, doentes, imorais, sendo a morte uma consequência dos seus atos. Só a partir da década de 1990, quando o Movimento LGBTQIAPN+ passa a atuar de forma enérgica na arena social brasileira, que passaremos a identificar o florescimento de uma militância equipada e entendedora das questões homossexuais.

É válido destacar que essas transformações não estavam apenas acontecendo no campo social, mas no próprio campo historiográfico passaremos a identificar, a partir dos anos 2000, a inclusão dos estudos ligados à causa homossexual. Começam a ser produzidas teses e artigos que, em grande medida, passaram a arrancar a homossexualidade do armário, concedendo visibilidade à causa.

Esses novos grupos, que iram se formar a partir da década de 1990, inauguraram uma militância autenticamente brasileira, se distanciando das noções de militância internacionais, sobretudo a norte americana. E é a partir deste momento que passa a ser gestado o entendimento de que o intuito do movimento não se restringia a apenas o combate à proliferação de doenças sexualmente transmissíveis, mas era importante reivindicar as mortes de homossexuais, especialmente as mais brutais.

Ações que passaram a ganhar grande dimensão, com o estabelecimento de vários grupos de militância em diferentes regiões do país. Esse sentimento de insegurança social gestado e alimentado em todo o país, foi o responsável por incentivar a formação de grupos de militância homossexual na demanda contra a violência e em favor do reconhecimento social. Uma parte desses grupos passara a se organizar mediante os dados da violência em suas localidades, outros, a partir do assassinato de figuras importantes na comunidade. Seja pelo aumento da violência ou pela morte de figuras de destaque nas comunidades homossexuais, esse sentimento passa a ser o grande articulador e impulsionador de vários grupos homossexuais. Foi o que aconteceu com o Movimento LGBTQIAPN+ de Juazeiro do Norte, quando a morte de um indivíduo passou a ser símbolo da atuação da militância.

Assim, a morte do promotor de eventos só se tornou símbolo do movimento, por conta de dois aspectos primordiais, morte violenta e vínculo social. No movimento de militância, o aspecto violento, o fim trágico, é o motor que conferirá a força política necessária para a manutenção do movimento. Os discursos de mortes trágicas que fazem parte do cotidiano dos sujeitos agregados a militância, são esses utilizados com o intuito de legitimar suas ações perante a ordem pública. Ou seja, o movimento só persiste pelo simples fato de ainda existir a violência.

Já o vínculo social, neste caso, fez com que a repercussão gestada pela morte do promotor de eventos, não se restringe a apenas um grupo social, fazendo com que tivesse um poder maior de alcance. A morte de Jonathann Kiss despertou um sentimento muito peculiar, que não havia sido gestado com as mortes de outros homossexuais, um sentimento de perda e vulnerabilidade social. Decerto, Jonathann Kiss não foi o primeiro homossexual a perder sua vida em circunstâncias tão abruptas. Dez anos antes da morte do promotor de eventos, morria o estilista “Ribamar”, “Luizão”, “Miner” e “Cesar”, sujeitos sem rostos, família e sobrenome, corpos que além de terem marcado nos seus corpos a marcada da violência, foram silenciados na História.

Dos quatro casos citados, conseguimos levantar informações sobre os dois últimos. “Miner” era um sujeito de aproximadamente 50 anos, que foi encontrado morto enrolado em um tapete com uma facada na boca. Já “Cesar” era cabeleireiro, foi encontrado morto com uma facada no ânus. São dois casos de mortes trágicas, com a empregabilidade de ódio nas mortes. Mortes que poderiam ter despertado um sentimento de revolta na comunidade homossexual. No entanto, apesar do aspecto de ódio aplicado às mortes, esses dois sujeitos não tinham um vínculo social assim como Jonathann Kiss. A morte do promotor de eventos Jonathann Kiss foi apenas um capítulo dentro a essa história de violência no Cariri cearense. Pessoas que tiveram suas vidas interrompidas pela intolerância. Sobre essa onda de violência que acometia o cariri cearense, o *Jornal do Cariri* vinculou o seguinte artigo:

**Figura 20:** Artigo vinculado pelo Jornal do Cariri



Fonte: Jornal do Cariri, 2000.

Quando a manchete do *Jornal do Cariri* destaca a morte de Jonhantan Kiss, entre outras, ela está acenando para o fato da importância social que cada corpo possui. Como bem destaca Judith Butler, nessa lógica social em que estamos inseridos, a importância de cada indivíduo é medida a partir do peso social. De maneira que, o vínculo social que nutrimos e somos frutos, vai designar se aqueles corpos são corpos choráveis ou se são corpos abjetos.

Essa foi a virada de chave, a morte do publicitário disseminou um sentimento comum entre a comunidade homossexual, ao mesmo tempo que chamou a atenção para a precariedade a que os corpos homossexuais estavam expostos em decorrência da homofobia. Esse temor era algo real, concreto e poderia atingir qualquer indivíduo, independentemente da sua classe e posição social. Pelo fato de a morte do publicitário ter sido algo emblemático, ela

acabou quebrando a normativa social, se tornando o símbolo desta luta que iniciara. A sua memória, como pessoa que desafiava a sociedade e os padrões patriarcais heteronormativos, passou a ser resgatada e empregada como exemplificação de resistência e superação para os membros da militância.

A morte de Jonathann Kiss despertará um sentimento de perda, um luto coletivo que vai se irradiar por toda a sociedade. Segundo Kaline Salmira da Silva, “o luto público se trata de uma comoção, indignação que uma vida perdida recebe, sendo enquadrada segundo normas que definem quais vidas se enquadram nos critérios que correspondem às vidas passíveis de luto” (2021, p. 31).

Ao contrário do luto que sentimos com a perda de um familiar, o qual chamamos de luto privado. O luto público consegue se irradiar por uma parcela significativa da sociedade, sendo possível o desenvolvimento de um sentimento comum a todos os pertencentes a esse grupo. Despertando sentimento de revolta, perda, sentimentos que se tornarão ainda mais pujantes quando a perda estiver relacionada à violência (SILVA, 2021). Logo, esse luto público não será destinado a qualquer indivíduo, mas aos sujeitos que possuam um vínculo com esse grupo. Sobre esse conceito, Judith Butler destaca:

Muitas pessoas pensam que o luto é privado, que nos isola em uma situação solitária e é, nesse sentido, despolitizastes. Acredito, no entanto, que o luto fornece um senso de comunidade política de ordem complexa, primeiramente ao trazer à tona os laços relacionais que têm implicações para teorizar a dependência fundamental e a responsabilidade ética. Se meu destino não é, nem no começo, nem no fim, separável do seu, então o “nós” é atravessado por uma racionalidade que não podemos facilmente argumentar contra; ou melhor, podemos argumentar contra, mas estaríamos negando algo fundamental sobre as condições sociais da nossa própria formação. (Butler, 2019, p.43).

Na obra de Judith Butler *Quadros de guerra: Quando a vida é passível de luto?* (2019) o conceito de precariedade aparece não como uma condição, mas como uma imposição. Sendo assim, grupos e indivíduos são expostos à condição de violência e vulnerabilidade de maneiras diferentes. A morte do promotor de eventos, despertará tanta comoção pública, pois, acreditava-se que por ele ser um indivíduo pertencente a alta sociedade, dotadas de privilégios, se comparamos ao restante da comunidade homossexual, ele estaria salvaguardado da condição de precariedade imposta aos homossexuais. Contudo, a sua morte evidenciou o contrário, ela demonstrou o quanto a violência impregnada aos homossexuais estava enraizada.

Embora o movimento tenha surgido no ano de 2002, dois anos após a morte do publicitário, esse sentimento é resgatado e empregado nas narrativas do movimento com o intuito de conferir força política a militância. Nesse momento, a morte trágica de Jonathann Kiss passa a ser utilizada como exemplo maior da violência que acometia a população homossexual, sendo enfatizado que dela ninguém estaria a salvo.

Quando Jonathann Kiss é assassinado, a comunidade perde aquele que era a sua principal referência de sujeito que conseguiu se impor diante da homofobia, do machismo e do patriarcalismo. A morte do publicitário foi a responsável por gestar junto à população homossexual uma consciência de coletividade e proteção. A violência como algo real, que atingia qualquer indivíduo, sendo necessário algo que pudesse garantir a proteção desses sujeitos. Se antes as primeiras tentativas de construir um movimento na cidade confrontavam com o temor de ser alvo de represálias, por estar vinculado a um movimento tipificado como marginal. Agora, esses sujeitos iram vencer esse temor em favor de um bem maior, a proteção da comunidade LGBTQIAPN+. Essa consciência, gestada por meio da morte de Jonathann Kiss, propiciou um apoio e aceitação por parte da comunidade homossexual.

Assim como foi apresentado até esse momento, a construção do Movimento de Militância Homossexual na cidade de Juazeiro do Norte é atravessada por uma série de avanços e retrocessos. Desde a construção da AADECHO em 2002, se observa uma metamorfose no que diz respeito à estruturação da militância e nas relações estabelecidas entre a militância homossexual, a sociedade e os poderes governamentais locais. A morte do promotor de eventos Jonathann Kiss teve um papel preponderante no que diz respeito à gestação de incentivos que propiciassem a construção da militância no município. Embora precisemos destacar que a relação que se estabeleceu da militância com a morte de Jonathann Kiss é uma relação marcada por conflitos e dissidências.

No capítulo seguinte, examinamos a situação da militância na cidade, enfocando suas conexões com a comunidade e a administração política local. Visaremos explorar ainda a relação da militância atual com a memória do promotor de eventos.

### **CAPÍTULO 03: PARA O DIA NASCER FELIZ, O MUNDO INTEIRO NOS RESPEITAR E A GENTE SER FELIZ, FELIZ: GANHOS, VITÓRIAS E CONQUISTAS DO MOVIMENTO DE MILITÂNCIA LGBTQIAPN+ NA CIDADE DE JUAZEIRO DO NORTE**

Ao longo dos capítulos anteriores, visamos analisar de que maneira surgiu a militância homossexual na cidade de Juazeiro do Norte, ressaltando a importância da sua atuação enquanto agente social, reivindicador e propoedor de ações em favor da construção de uma cidadania para a população homossexual do município.

Acompanhando as discussões atuais que rodeiam a pauta homossexual, é propício debater como se vem construindo o conceito de cidadania homossexual, construído por intensos confrontos sociais, políticos e ideológicos. Logo, neste último capítulo desta pesquisa, nos debruçaremos sobre as principais conquistas do movimento de militância homossexual na cidade de Juazeiro do Norte, evidenciando seus acertos, ganhos e perdas nesses 21 anos de atuação. O que contribuiu e vem contribuindo com a construção de uma cidadania ativa para a comunidade homossexual da cidade de Juazeiro do Norte.

#### **3.1 Ao fim da tempestade, sempre nascerá um arco-íris: a Casa da Diversidade Cristiane Lima**

Como já explicitamos no segundo capítulo desta pesquisa, com a ampliação da demanda do público LGBTQIAPN+, passou a ser necessário a institucionalização de um espaço que pudesse proporcionar atendimento exclusivamente à população homossexual, tendo em vista que a AABEMAVI não trabalhava especificamente com a comunidade. Foi a partir dessa urgência que começou a ser gestado um projeto de criação de um espaço dedicado à causa, com ações que atendesse as necessidades básicas dessa comunidade. Esse novo centro seria a “Casa da Diversidade Cristiane Lima<sup>10</sup>”.

---

<sup>10</sup> Cristiane Lima foi uma mulher trans que atuou na defesa da causa homossexual no município de Juazeiro do Norte. Chegando a ocupar uma cadeira no Conselho Municipal de Direitos LGBTQIAPN+. Faleceu em 2021, vítima da covid19.

**Figura 21:** Fotografia de Cristiane Lima



Fonte: Imagem retirada do Google. Disponível em:  
<https://www.brasildefatoce.com.br/2021/05/12/casa-da-diversidade-inicia-atendimentos-em-juazeiro-do-norte>

**Figura 22:** Fachada da Casa da Diversidade Cristiane Lima



Fonte: Imagem retirada do Google. Disponível em:  
<https://www.brasildefatoce.com.br/2021/05/12/casa-da-diversidade-inicia-atendimentos-em-juazeiro-do-norte>

Mesmo com a fundação de um espaço dedicado à causa LGBTQIAPN+, isso não significaria que a associação ABEMAVI iria deixar a causa. A organização continuaria, mesmo que indiretamente, gerindo o movimento. Embora a “Casa da Diversidade Cristiane Lima” seja uma associação independente, sem nenhuma ligação com o setor público, ela está diretamente ligada à ABEMAVI.

O espaço de referência “Casa da Diversidade Cristiane Lima” foi oficialmente inaugurado no ano de 2020, fruto de uma parceria estabelecida entre a associação beneficente ABEMAVI e a Associação Carirense de Luta contra a AIDS<sup>11</sup>. O espaço tem como por objetivo atender a população LGBTQIAPN+ em múltiplas frentes. Seja em situações de vulnerabilidade social, seja em situações as quais os sujeitos, por conta da sua orientação sexual, sofram alguma violência física ou verbal. Desta forma, objetivo do

---

<sup>11</sup> A Associação Carirense de Luta contra AIDS é uma associação não governamental que surgiu no ano de 2010, tendo por objetivo lutar pelos direitos das pessoas que vivem com o vírus do HIV/AIDS.

centro e fornecer para essas pessoas um local onde possam contar com apoio e empoderamento contra a LGBTfobia<sup>12</sup>.

A Casa da Diversidade Cristiane Lima” ela é um projeto criado, pensado, realizado e fundado pelas duas instituições aliadas. Que é ABEMAVI, Associação Beneficente Madre Maria Villac, que tem como mentora a Santa Dulce dos Pobres. Como também a Associação Careirense de Luta contra a AIDS. Ai, quando essas instituições aliadas pensam que a população LGBT precisa de uma atenção maior e mais especializada (Brendha).

Assim como já relatamos na redação do capítulo anterior, todas as organizações não governamentais que surgiram na cidade de Juazeiro do Norte, que se propuseram a defender a causa da população homossexual, sofreram questionamentos acerca da sua atuação. Com a “Casa da Diversidade Cristiane Lima” não foi diferente. Entretanto, diferentemente dos grupos anteriores, a exemplo da AADECHO e GALOSC, a “Casa da Diversidade Cristiane Lima” encontrou um terreno pacificado, com um movimento atuante e organizado do ponto de vista político. Além disso, o fato de o projeto da “Casa da Diversidade” ter sido gestado por duas instituições consolidadas na cidade e na região do Cariri cearense, fez com que o centro atraísse novos e promissores olhares para o seu trabalho. Para mais, com a fundação da “Casa da Diversidade”, a militância homossexual obteve uma significativa conquista: após 7 anos, pode contar com um espaço com profissionais dedicados exclusivamente à causa.

Eu sei que todo e qualquer grupo coletivo que lute em defesa dessas populações vai sofrer críticas. Mas a crítica vai existir, o preconceito vai existir, as discriminações podem não acabar, mas vão diminuir. Porque o que a gente quer não é a visibilidade de status, mas sim uma responsabilidade respeitosa de apoio. É uma instituição séria, transparente, que tem um papel social que às vezes identifica a demanda primeiro que o gestor, que as esferas. Porque nós sabemos que esse é um papel do gestor do município e do Estado, identificar esses sujeitos nas suas áreas de vulnerabilidade social e garantir os direitos deles através das políticas públicas, dos projetos (Brendha).

Com três anos de atuação na cidade, a “Casa” vem se destacando por meio do seu trabalho. Em parceria com a ABEMAVI, são realizadas as Semanas da Diversidade e as Paradas do Orgulho LGBTQIAPN+. A Semana da Diversidade foi um evento instituído pela ABEMAVI no ano de 2015, evento que antecipa a realização das Paradas do Orgulho LGBTQIAPN+. Um momento chamativo para toda a comunidade, seja ela homossexual ou não, para poderem,

---

<sup>12</sup> O termo LGBTfobia passou a ser utilizado com o intuito de abarcar todas as sexualidades na questão relacionada a discriminação pela orientação sexual. Assim, a LGBTfobia é o ato de discriminar as sexualidades e identidades de gênero não heterossexuais.

conforme o tema norteador, discutir sobre a temática homossexual. São realizadas ainda feiras comunitárias, apresentações culturais, serviços de testagem, assessoramento jurídico e psicológico especializado. O evento se encerra com a realização da Parada do Orgulho LGBTQIAPN+.

Fora isso, a instituição oferece na sua sede outros serviços de extrema importância para a comunidade, como assistência psicológica, jurídica, social e serviços de enfermagem básica. Quando um indivíduo chega à instituição, seja por vontade própria ou por sofrer alguma violência, de imediato o seu caso passa a ser avaliado por um dos profissionais competentes, para só assim poder ser tomada a melhor decisão cabível ao caso. É necessário salientar que todos esses serviços são ofertados por profissionais voluntários que se sensibilizam com o trabalho desenvolvido pela associação.

Dentre todos esses serviços listados, o serviço de psicologia é o mais requisitado pelos sujeitos que procuram a associação. Geralmente, as pessoas que demandam esse serviço chegam com graves problemas psicológicos derivados da não aceitação familiar da sua orientação sexual. São sujeitos que embebem de culturas e visões de mundo distintas, que acabam se confrontando com a cultura patriarcal, machista e religiosa dominantes, marcadores que acabam sendo condicionantes dos comportamentos desses indivíduos.

Então, na Casa hoje, a demanda maior é a psicologia, mas depois vem o serviço social que cada pessoa LGBT, que vai à casa para criar vínculo com a casa, participar, passa pelo serviço social. Tendo lá seu prontuário, com todos os dados, escolaridade e renda, para poder a gente chegar, assistir a essa pessoa. Depois vem assessoria jurídica, quando algumas pessoas se sentem lesadas moralmente, sexualmente, psicologicamente, fisicamente, violência institucional. A nossa assessoria jurídica está lá. Também a testagem é muito procurada. Mas o topo dos atendimentos mais procurados é a psicologia. (Brendha).

Embora existam esses serviços no município, com a “Casa da Diversidade”, a população homossexual pôde contar com um espaço único e preparado para atender as suas demandas mais básicas. Por vezes, muitos acabam se sentindo constrangidos ao procurar o Sistema Único de Saúde (SUS) ou o meio jurídico, com receio de sofrerem represálias. Na instituição, é oferecido todo o suporte necessário para que esses indivíduos que procuram a associação possam rever seus direitos junto às autoridades competentes.

Além da violência psicológica, como já mencionamos, a violência física é um dos condicionadores da procura dos serviços oferecidos pela instituição. Mesmo hoje, com mais de 21 anos de atuação do movimento no município, a cidade de Juazeiro do Norte se destaca pelos

altos índices de LGBTfobia, e tal situação pode ser averiguada com a análise dos dados do GGB, que demonstram que Juazeiro do Norte é um dos municípios cearenses que mais mata a sua população LGBTQIAPN+, como podemos perceber ao analisar os dados abaixo.

**Tabela 2:** Número de assassinatos de LGBTQIAPN+ por município

<b>Nº</b>	<b>Município</b>	<b>Estado</b>	<b>Região</b>	<b>Mortes</b>
<b>1º</b>	Manaus	Amazonas	Norte	12
<b>2º</b>	São Paulo	São Paulo	Sudeste	11
<b>3º</b>	Belo Horizonte	Minas Gerais	Sudeste	7
	Juazeiro do Norte	Ceará	Nordeste	7
	Rio de Janeiro	Rio de Janeiro	Sudeste	7
<b>6º</b>	Aparecida de Goiânia	Goiás	Centro-Oeste	6
	Fortaleza	Ceará	Nordeste	6
	São Luís	Maranhão	Nordeste	6
<b>9º</b>	Brasília	Distrito Federal	Centro-Oeste	5
	Cuiabá	Mato Grosso	Centro-Oeste	5
	Salvador	Bahia	Nordeste	5
<b>12º</b>	Campo Grande	Mato Grosso do Sul	Centro-Oeste	4
	Maceió	Alagoas	Nordeste	4
	Mossoró	Rio Grande do Norte	Nordeste	4
	Timon	Maranhão	Nordeste	4
<b>16º</b>	Aracaju	Sergipe	Nordeste	3
	Arapiraca	Alagoas	Nordeste	3
	Cabo de Santo Agostinho	Pernambuco	Nordeste	3
	Curitiba	Paraná	Sul	3
	Forquilha	Ceará	Nordeste	3
	João Pessoa	Paraíba	Nordeste	3
	Natal	Rio Grande do Norte	Nordeste	3
	São José do Rio Preto	São Paulo	Sudeste	3
Vila Velha	Espírito Santo	Sudeste	3	

Fonte: Grupo Gay da Bahia, 2022.

Segundo os dados computados pelos relatórios do GGB, em 2021, foram contabilizadas cerca de 20 mortes de homossexuais no Estado do Ceará, desse total, 04 em Juazeiro; já em 2022, foram computadas 34 mortes em todo o Estado, sendo 07 apenas em Juazeiro. Além disso, a cidade aparece no relatório do GGB de 2022, na seção Número de

mortes Violentas de LGBTIQAPN+ no Brasil, Por Município, como um dos municípios com mais mortes violentas.

As necessidades e os desejos de ampliar os serviços prestados pela “Casa da Diversidade” acabam esbarrando na escassez de recursos. Atualmente, a principal dificuldade da instituição é a cooptação de recursos para manter as atividades já existentes. Apesar da sua significativa importância junto à população homossexual da cidade de Juazeiro do Norte, a instituição não possui nenhum convênio com o setor público ou outras entidades, conseguindo se manter por meio de doações, patrocínios e de inscrições em editais de programas públicos. Na sua fundação em 2020<sup>13</sup>, tentou-se estabelecer uma parceria com a administração municipal, porém, a parceria não foi obtida.

A princípio, hoje em dia são dois os principais objetivos do movimento. Como já mencionamos, a “Casa da Diversidade” deseja aumentar os serviços já prestados, incorporando outros na sua grade, como também, expandir a sua atuação para outras localidades além da cidade de Juazeiro do Norte. Atualmente, a “Casa da Diversidade” desenvolve algumas ações em parceria com a militância das cidades de Barbalha e Crato, o chamado CRAJUBAR<sup>14</sup>. Espera a associação poder se tornar um espaço de atendimento regional, expandindo o seu atendimento para as cidades vizinhas, tornando-se um Centro de Referência na região do Cariri cearense.

Nós procuramos convênios, tanto em Barbalha como em Crato, com o apoio da ADACHO, que é uma associação da cidade do Crato, que nos encaminhou para que esses dois municípios, no sentido CRAJUBAR, possam ter um convênio e atender essas pessoas LGBT dos dois municípios aqui em Juazeiro do Norte. Que a casa possa ser uma Casa Regional, mas que ela possa ter uma contrapartida nesses municípios para apoiar e auxiliar a casa financeiramente, ou como já falei, na estrutura física da casa, em relação à manutenção da casa. Mas essa é a nossa perspectiva, que a Casa da Diversidade possa ser uma casa regional (Brendha).

Apesar da sua breve história, a “Casa da Diversidade Cristiane Lima” tem se destacado no município de Juazeiro do Norte e na região do cariri pelas suas ações. É preciso defender a manutenção dessas instituições, pois é no seio desses grupos que as identidades

---

<sup>13</sup> 2020 foi um ano de profundas transformações sociais. Foi o ano de deflagração da pandemia de covid19. Mas também foi um ano em que estávamos sobre o governo de extrema-direita que tentou inúmeras vezes desmoralizar as políticas homossexuais. Um governo que teve em vista implementar uma série de projetos como “A Escola sem Partido” e o “Kit-Gay”. 2020 também foi o ano do assassinato da vereadora Marieli Franco, uma importante liderança da comunidade homossexual.

<sup>14</sup> CRAJUBAR é o nome dado ao processo de conurbação entre as cidades de Crato, Juazeiro do Norte e Barbalha.

marginalizadas concebem o sentimento de pertencimento social, desenvolvendo e ressignificando os seus ideários de cidadania.

### **3.2 “Jonathann Kiss é presente, porque a gente tem que lembrar dele não só por esse viés da morte, mas por aquilo que Jonathann representou”: a permanência da memória de Jonathann Kiss na militância homossexual**

A imagem e a memória de Jonathann Kiss tornaram-se um dos símbolos maiores do movimento de militância homossexual de Juazeiro do Norte, o que nos leva à reflexão sobre uma série de questões a respeito dessa apropriação simbólica. Como, após tanto tempo da sua morte, a memória do promotor de eventos ainda continua presente de modo tão incessante no movimento? A partir de que forma a sua memória foi capturada e utilizada como massa alicerçam-te da imagem da militância homossexual? Dentre tantos homossexuais que tiveram suas vidas interrompidas pela violência, por que somente Jonathann Kiss tornou-se um dos símbolos da militância?

Neste tópico, persuadido por esses questionamentos teremos em vista problematizar essas questões e analisar as relações do movimento de militância com a memória do promotor de eventos. Buscando compreender como a apropriação e ressignificação dessa memória foi sendo utilizada para conceder visibilidade, unidade e representatividade as ações do Movimento de Militância Homossexual na cidade de Juazeiro do Norte.

Na sua clássica obra *História e Memória*, Jacques Le Goff (1994) destaca que a memória é esse campo de atuação de diversos agentes que passou por uma série de transformações, sendo este um campo pulverizado de disputas individuais e coletivas. Sobre essas disputas, Michel Pollak (1992), destaca que, independentemente de a memória ser individual ou coletiva, ela é constituída de acontecimentos, personagem e lugares, bem como de experiências que podem ter sido vividas pelo indivíduo ou pelo grupo o qual faz parte.

Para podermos compreender o processo de apropriação e ressignificação da memória de Jonathann Kiss pelo movimento de militância, é necessário frisar a sua definição enquanto conceito. Destaca Michael Pollak, que:

A memória, essa operação coletiva dos acontecimentos e das interpretações do passado que se quer salvaguardar, se integra, como vimos, em tentativas mais ou menos conscientes de definir e de reforçar sentimentos de

pertencimento e fronteiras sociais entre coletividades de tamanhos diferentes: partidos, sindicatos, igrejas, aldeias, regiões, clãs, famílias, nações etc. A referência ao passado serve para manter a coesão dos grupos e das instituições que compõem uma sociedade, para definir seu lugar respectivo, sua complementariedade, mas também as oposições irreduzíveis. (Pollak, 1989, p. 07).

Como podemos compreender com base no pensamento de Pollak, a memória é essa liga forte e inquebrável, que toma enquanto finalidade reforçar sentimentos e fronteiras entre indivíduos que compartilham do mesmo enquadramento social. Essa memória, enquanto referência compartilhada do passado, será o condicionador desses indivíduos para poderem ocupar e defenderem as suas posições sociais. O autor enfoca, ainda, que as duas funções essenciais da memória comum seria a de manter a união desses indivíduos enquanto grupo e a de defender as suas fronteiras. Para tal, deve se oferecer referenciais e pontos de apoio para essas memórias, para que esses indivíduos possam ter algo que os façam sempre estarem ligados a esses ideários comuns ao seu grupo.

A morte de Jonathan foi a responsável por conceber um sentimento capaz de agenciar indivíduos em um grupo coletivo. Contudo, era necessário manter a unidade entre esses sujeitos. Com base nas ideias defendidas por Pollak, o resgate da memória de Jonathan, da sua trajetória de vida, teve o propósito de servir como um ponto de convergência, uma liga que permitiu que essas múltiplas identidades pudessem reforçar suas posições e fronteiras comuns.

A partir disso, aplicamos o conceito de memória herdada, estabilizada por Pollak (1992). Conforme o pensamento do autor, a memória não estaria tão somente resumida à existência de um único indivíduo, mas a toda uma coletividade. A memória seria organizada com base nas vivências do sujeito e na parte que ele herdaria do seu meio. Assim, os indivíduos que fazem parte do movimento são pessoas que, embora não compartilhem do mesmo espaço temporal, cultivam e compartilham essas lembranças por meio da socialização, o que faz com que essas lembranças sejam projetadas sobre esses indivíduos, que as tomam e se identificam, tornando esse o seu ponto de ligamento com os outros indivíduos.

Se formos mais longe, a esses acontecimentos vividos por tabela vêm se juntar todos os eventos que não se situam dentro do espaço-tempo de uma pessoa ou de um grupo. É perfeitamente possível que, por meio da socialização política, ou da socialização histórica, ocorre um fenômeno de projeção ou de identificação com determinado passado, tão forte que podemos falar numa memória quase que herdada. (Pollak, 1992, p. 201).

Sobre a indagação que fizemos ao entrevistado a respeito da permanência da memória do promotor no meio de militância, ele respondeu: “Ela é presente, que a gente tem que lembrar dele não só por esse viés da morte, você referenciar Jonathan pelo assassinato, mas você referenciar Jonathan pelo que ele fez de bom, pelo que ele representou, pelo que ele realizou, pelo que ele foi. Ele é uma referência” (Brendha).

Como destaca a entrevistada, com o tempo a memória da sua morte, enquanto evento traumático, foi dando lugar a outros significados. Outros sujeitos também perderam suas vidas em circunstâncias cruéis, assim como Jonathann. Desta forma, só uma morte brutal não forneceria condições o suficiente para sustentar sua imagem perante a comunidade homossexual, enquanto figura símbolo do movimento. Deste modo, constatamos nesta pesquisa um movimento que tomou enquanto propósito um processo de evocar a trajetória de vida do promotor de eventos, frisando a figura de sujeito que desafiou as normativas sociais da sua época, utilizando dessa trajetória de vida enquanto exemplo de persistência e vida aguerrida. Assim, a permanência da memória de Jonathann Kiss junto a militância será justificada não somente pela sua morte trágica, mas pela sua história de vida.

O nome Jonathann Kiss é um nome muito forte na cidade de Juazeiro do Norte, um nome que, quando mencionado, aciona uma memória coletiva de um indivíduo que foi protagonista de um dos crimes mais emblemáticos do município. Além desta repercussão estar associada ao seu nome, a lembrança de uma pessoa que, em uma época sem temer os ditames de uma sociedade construída sobre os dogmas religiosos, patriarcais e machista, conseguiu se sobrepôr a toda uma cultura, construindo para si uma imagem de respeito e prestígio. Sendo assim, quando o seu nome é associado a algo, esses dois sentimentos não deixam de estarem presentes. Desta forma, associar o Movimento de Militância Homossexual ao nome do promotor de eventos é assumir toda a carga imagética e social que ele carrega.

Contudo, há uma ala dentro da militância que critique essa apropriação do movimento, argumentando que, embora Jonathann fosse uma figura pública, ele não era ligado à causa de militância, nem muito menos chegou a fundar uma instituição.

[...] ele era uma pessoa que transgredia, ele estava além do seu tempo, mas não era uma pessoa que dizia assim, é, eu defendo uma causa. Porque muita gente atribui o movimento LGBT ao Jonathann, mas não é, ele não militava em causa nenhuma. Ele fazia algumas atividades de caridade, mas que não tinham nada a ver com o movimento LGBT. A gente nunca viu o Jonathann em defesa de gay nenhum, essa é a verdade (Faustino).

Olha, Jonathann Kiss era bastante conhecido em Juazeiro do Norte, só que, a meu ver, naquela época, ele não tinha essa repercussão de lutar pela causa

LGBT. A causa dele é que ele era empresário, e como empresário ele trazia muitas atrações para o Juazeiro do Norte, mas não na visão daquela causa, a qual é a luta da população LGBT, né? Então, era mais a questão de se promover, que ele era prometer, ele tinha que se promover. E aí ele trazia umas atrações nacionais para o Juazeiro, coisa que alguém jamais iria trazer. Fazia algumas festas bastante participativas e tinha uma visão no empresariado. Não na questão social, no movimento LGBT (Josmacelmo).

De fato, Jonathann Kiss nunca fundou uma instituição ou atuou frente a essa causa diretamente enquanto indivíduo com cabedal social. Ainda assim, é a sua trajetória de vida, enquanto sujeito que desafiava os padrões sociais, que faz com que, mesmo depois de 23 anos da sua morte, sua memória ainda seja lembrada. Pois, essa trajetória apropriada pelo movimento foi o que inspirou a muitos indivíduos a junta-se em um coletivo contra a violência.

Nesta mesma perspectiva, Pollak (1992) destaca a íntima ligação da memória com a construção de identidades, enquanto salienta que memória e identidade são dois elementos alvo de disputas nos seios dos grupos. A identidade de si é construída a partir do outro, os outros que fazem parte do meu grupo são os meus pontos de referência. Seja a memória individual quanto aquela herdada, vivida por tabela por esses sujeitos, entra nesses processos de negociação, sendo ela em parte refutada como elemento constituidor dessas identidades grupais.

Se é possível o confronto entre a memória individual e a memória dos outros, isso mostra que a memória e a identidade são valores disputados em conflitos sociais e intergrupais, e particularmente em conflitos que opõem grupos políticos diversos. Todo mundo sabe até que ponto a memória familiar pode ser fonte de conflitos entre pessoas. (Pollak, 1992, p. 205).

A essa altura do nosso texto, cabe chamar para essa discussão Pierre Nora e o seu conceito sobre Lugares de Memória. Segundo Pierre Nora (1993), Lugares de Memória estaria alicerçada a três pilares: lugares físicos, onde a memória social empregasse, sendo ela apreendida; lugares funcionais, com a função de preservar e alicerçar essas lembranças coletivas; e os espaços símbolos/simbólicos, onde essa memória coletiva toma forma e se vale. Continua o autor ao destacar que um lugar só se tornaria um Lugar de Memória, desde que nós o investirmos de uma simbologia. É esse ritual simbólico que o conferimos que irá conceder o título de monumentos, espaços de lembranças.

Conforme nos aponta Pierre Nora (1993), o sentimento de perda que nos invade e nos persegue, nos obriga a construir monumentos de memória que garantam a

preservação daquilo que tememos esquecer, assim como esse sentimento de manter nossas memórias mais relevantes vivos, nos obriga a solidar essas lembranças em monumentos, nos instiga a criar simbologias. Símbolos que ajudaram a marcar a importância daquilo que queremos edificar para os indivíduos que virão.

Na esteira do movimento, o processo simbólico caracterizado por Pierre Nora converte-se em uma tentativa frenética em associar a memória de Jonathann a algum símbolo do movimento, como, por exemplo, a Lei n.º 5.092 de 24 de outubro, que institui o dia 10 de setembro, data da morte do promotor de evento, enquanto Dia de Combate à LGTBfobia no município. A “Comenda Arco-íris Jonathann Kiss”, um prêmio criado com o intuito de contar história de indivíduos que de alguma forma contribuíram com a visibilidade da causa na cidade, é outro exemplo dessa associação simbólica, sem deixar de mencionar o centro de referência que leva o nome de Jonathann Kiss.

(...) Temos a Comenda, como você mesmo falou. A Comenda é uma forma de resgatar o momento, para homenagear outros ativistas LGBT que estão vivos hoje, fazendo acontecer a luta e a resistência para que outros LGBT não sejam mortos, não sejam cercados os direitos, não sejam criminalizados, afastado o estigma, mas que sejam válidos os direitos humanos da pessoa como o geral, né? Mas nós sabemos que a LGTBfobia é muito mais presente nesses casos. Temos o Brasil ainda hoje no ranking, no mundo, o país que mais mata LGBT, e a morte de Jonathann também faz parte desses índices (Faustino).

Quando a memória de Jonathann Kiss é associada a esses símbolos, faz com que a sua imagem permaneça viva. Mesmo aqueles que não conheceram o promotor de eventos, por meio desta cultivação de símbolos, da ressignificação da sua memória, hoje cultivam uma imagem de uma pessoa que foi de grande importância para que hoje pudéssemos ter um movimento que atuasse em favor da proteção desses indivíduos. Essa memória afetiva, nutrida pelo movimento e consumida pelos seus simpatizantes, opera um movimento de ligação com as raízes da militância enquanto mantém a unidade do grupo. Conforme evidencia Pierre Nora (1993), fazer esse trabalho é frear o esquecimento, bloqueando o produto da morte, materializando o imaterial.

Em concordância com Eclésia Thiessen e Marco Aurélio Santana (2006), a memória pode ser encarada como um instrumento de resistência. Uma vez que grupos e indivíduos quando são oprimidos pelos discursos e práticas dominantes, mesmo com suas vozes cerceadas, guardam suas memórias/lembranças, aguardando o momento oportuno para poderem quebrar a barreira do silêncio e ocupar o campo social. Reivindicando vozes e espaços tomados. Deste modo, lutar contra o esquecimento é lutar pela permanência de

suas experiências, com o papel de servir como ancora aos seus ideários e objetivos enquanto indivíduos e grupos sociais oprimidos.

Conforma destaca Ítalo Vieira (2015), na perspectiva de Pierre Nora, os espaços de memória nascem do entendimento que não existem memórias espontâneas. Ou seja, o avanço das sociedades causou o aceleramento da história e a queda das “sociedades de memórias”. Essas edificações, sejam elas físicas ou não, nascem dessa preocupação daquilo que consideramos importantes estarem ameaçados.

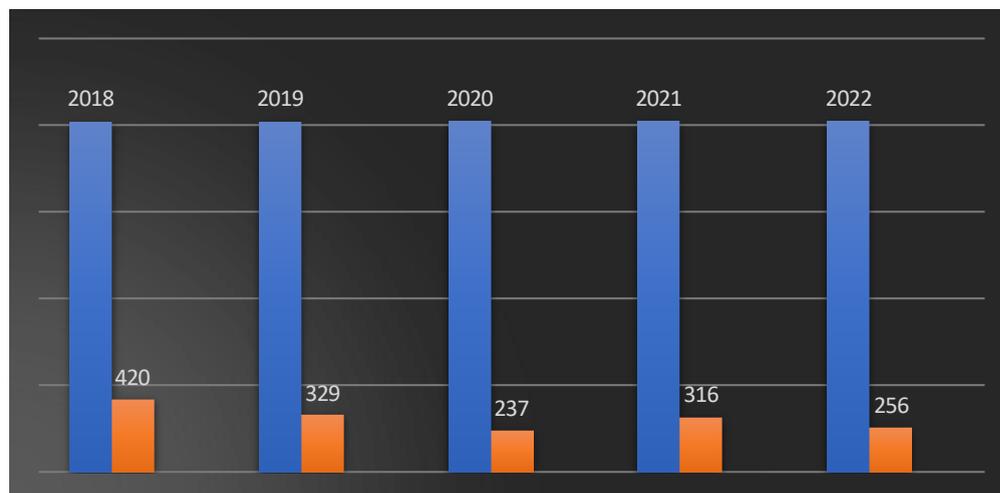
Quando reunimos determinados conjuntos de memória vividas por determinados grupos ou sujeitos, o que estamos tentando fazer é salvar determinados conjuntos de memórias comuns àquele grupo. Sinais que garantem a integração desses grupos ao meio social, como salienta Pierre Nora, “sinais de reconhecimento e de pertencimento de grupo numa sociedade que só tende a reconhecer indivíduos idênticos” (Nora, 1993, p. 13). Daí a necessidade e a importância desses monumentos ao serem eles que garantirão o reconhecimento e o pertencimento de determinados grupos numa sociedade. (Vieira, 2015).

Desta forma, como foi apresentado acima, a manutenção da memória de Jonathann Kiss é também a do Grupo de Militância Homossexual da cidade de Juazeiro do Norte frente aos projetos de dominação e extermínio desses indivíduos.

### **3.3 Principais conquistas do Movimento de Militância LGBTQIAPN+ na cidade de Juazeiro do Norte.**

O Brasil se constitui na conjuntura atual como um dos países mais violentos para um homossexual viver, é o que aponta o último relatório do Grupo Gay da Bahia, “o Brasil se constitui como um país extremamente inseguro para essa população, como podemos observar tanto na Figura 2, que indica uma tendência de crescimento no número de mortes violentas de LGBTI+ nas últimas duas décadas” (Grupo Gay da Bahia, 2022, p. 18).

Essa afirmativa vai de encontro à volatilidade de medidas e políticas públicas, que teriam o intuito de garantir a sobrevivência desses grupos marginalizados. Essa volatilidade das políticas públicas, na sua ineficiência em promover a manutenção de ações já conquistadas, acaba se refletindo nos índices da violência contra a população homossexual, como podemos atestar na gráfico abaixo.

**Gráfico 1:** Número de assassinatos de LGBTQIAPN+ no Brasil nos últimos 5 anos

Fonte: Grupo Gay da Bahia, 2018 a 2022.

Conforme os dados levantados pelo GGB, esses últimos cinco anos mostram que, apesar da forte atuação da militância homossexual no país, a violência contra homossexuais não parou nem estagnou. Ainda assim, é preciso celebrar a redução que tivemos nos últimos cinco anos. Contudo, apesar dos altos índices de mortes, observamos que o Movimento de Militância Homossexual vem desempenhando um trabalho formidável na tentativa de reverter essa situação. Se hoje temos uma sociedade muito mais igualitária, onde a causa LGBTQIAPN+ vem sendo reconhecida, com o alcance de vários direitos, como do casamento civil entre pessoas do mesmo sexo, assegurado pelo Conselho Nacional de Justiça (CNJ), em 2013. Sem deixar de mencionar a decisão do Supremo Tribunal Federal (STF), que em 2019 reconheceu que qualquer discriminação de cunho sexual passa a ser considerado crime.

Todos esses ganhos e vários outros logrados no país ao longo de vários anos só foram possíveis por conta das ações dos vários movimentos ativistas homossexuais que se despontam em todo o país. Movimentos que reivindicaram a construção de uma cidadania plena e não negociável para seus simpatizantes. Sobre esse conceito de cidadania, destaca a socióloga Maria da Glória Ghon:

A cidadania deve contemplar a universalidade dos direitos e não direitos restritos, focalizados, que criam diferenças entre as pessoas. Não existe o cidadão de segunda categoria, pois este seria o não cidadão, ou um cidadão menor. O Estado é sempre elemento referencial definidor porque é na esfera pública estatal que se asseguram os direitos: da promulgação à garantia do acesso, e as sanções cabíveis pelo descumprimento dos direitos já normatizados e institucionalizados. (Ghon, 2013, p. 302).

Como podemos evidenciar, para Maria da Glória Ghon, a cidadania dialoga intimamente com as ideias de civilização, e, enquanto seres civilizados, pertencentes a um grupo social, devemos respeitar reciprocamente como seres humanos na sua amplitude de serem diferentes, tendo o Estado um papel fundamental nas questões de cidadania, por ser ele o garantidor e legitimador das tratativas sociais.

Tal qual destaca José Gomes e Maria Zenaide (2019), os movimentos sociais possuem uma íntima ligação com a cidadania, visto que são eles os responsáveis por estimular nos seus apoiadores a gestação de uma consciência cidadã. Partindo desse pressuposto, teve grande relevância a atuação do movimento LGBTQIAPN+ na entrada da pauta homossexual na agenda de políticas públicas na década de 1990, seja no combate às doenças sexualmente transmissíveis ou de prevenção à discriminação. A partir desses grupos começou a ser arquitetado um ideal de cidadania que abarcasse as demandas desses sujeitos, como o acesso à saúde, à segurança social e judicial.

Thomas Marshall (1976) destaca que a cidadania está ligada a três pontos fundamentais: os direitos civis, direitos políticos e direitos sociais. Para podermos considerar de fato uma cidadania ativa é necessário que esses três pontos sejam contemplados. No entanto, Gomes e Zenilda (2019 apud Adela Cortina, 2005) destacam que a cidadania é um produto histórico, que se formula através das transformações sociais imperantes em cada modelo social.

Como um produto histórico, ela passa por avanços e retrocessos, no entanto, como assinala Marília da Glória Ghon (2013), a cidadania nem de longe pode ser passiva, mas sim precisa ser ativa em seus múltiplos ramos. Sendo assim, o ideário de cidadania homossexual que temos hoje, na sua gestação, precisou passar por uma série de processos desconstitutivos e afirmativos.

Tendo em vista as discussões sobre cidadania homossexual que permeiam na atualidade, tomamos, enquanto encerramento deste trabalho, apresentar as principais conquistas logradas pelo Movimento de Militância Homossexual de Juazeiro do Norte, ao longo desses seus 21 anos de existência. Buscando explicitar como a conquista de leis, direitos e projetos sociais foram importantes na construção de uma cidadania ativa para esses indivíduos, garantindo a proteção e o reconhecimento por parte do município.

Para tal investigação, analisaremos a pesquisas intituladas *A conquista de direitos LGBT entre conservadorismo e políticas identitárias em Juazeiro do Norte, Ceará: uma análise da legislação municipal entre (2000 e 2020)*, de autoria de Geovane Gesteira Sales Torres e Maria Laís dos Santos Leite. A pesquisas buscou identificar as conquistas e os direitos logrados pela militância ao longo da sua trajetória. São ações referentes às áreas de cidadania, educação,

segurança e assistência social, medidas que ajudaram a construir espaços de sociabilidade e segurança para que esses sujeitos expressassem a sua sexualidade.

**Tabela 3:** Leis que atingem diretamente a causa LGBTQUIAPN+ na cidade de Juazeiro do Norte

Data da publicação	Lei
24 de agosto de 2000	Nº 2.561
19 de dezembro de 2002	Nº 2.718
10 de maio de 2005	Nº 2.887
28 de setembro de 2009	Nº 3.552
23 de outubro de 2013	Nº 4.257
05 de novembro de 2015	Nº 4.548
14 de abril de 2020	Nº 5.065
14 de maio de 2020	Nº 5.068

Fonte: Juazeiro do Norte, 2000, 2002, 2005, 2009, 2013, 2015, 2020, 2020.

Como podemos evidenciar no quadro acima, das 18 leis e medidas relacionadas à causa LGBT, selecionamos 8 leis que mais benefícios à comunidade homossexual do município. Analisaremos os textos de cada uma das medidas listadas, percebendo as contribuições que essas medidas concederam a comunidade. A primeira medida que teve em vista contemplar a população homossexual foi a Lei nº 2.561, de 24 de agosto de 2000<sup>15</sup>. Esse foi o primeiro decreto promulgado no município, cuja finalidade era estabelecer a proibição de discriminação por conta da “opção sexual”<sup>16</sup> em qualquer estabelecimento comercial. A medida estava ligada à Secretaria de Ação Social e Trabalho do Município, a qual tinha o dever de fiscalizar e aplicar as ações necessárias que iriam desde multa a confiscação do alvará de funcionamento dos estabelecimentos que descumprissem a lei.

<sup>15</sup> Quem estava à frente do poder executivo no município de Juazeiro do Norte nos anos 2000, era o prefeito Carlos Alberto da Cruz. O governo Carlos Cruz emplacou uma série de resistências a estruturação da militância homossexual na cidade, se recusando a sancionar a Lei n.º 2887 de 2004, que estabelecia o dia 28 de junho como dia da Livre Expressão Sexual no município, lei que só seria sancionada em 2005 pelo prefeito Raimundo Macêdo.

<sup>16</sup> Empregamos o termo “opção sexual” de acordo com o texto do Decreto de Lei.

Art. 1º - Fica proibida a discriminação em estabelecimentos comerciais, industriais, empresas prestadoras de serviços e similares, de pessoas, em virtude de sua opção sexual.

Art. 2º - Fica proibida ainda a discriminação em bares, boates, restaurantes, hotéis, motéis e similares e áreas públicas de lazer.

Art. 3º - Para os fins desta Lei, discriminar é impor às pessoas, com opção sexual diversa, situações de constrangimento, tais como: expulsão, proibição de ingresso e mau atendimento.

Art. 4º - Aplicam-se aos infratores desta Lei, sem prejuízo de outras penalidades previstas na legislação em vigor, as seguintes sanções (Juazeiro do Norte, 2000, p. 01).

Ao analisar o conteúdo do texto da lei, fica evidente que o que seria tipificada como condições discriminatórias era muito vago. Contudo, para a época, essa foi uma grande conquista, pois pela primeira vez indivíduos assumidamente homossexuais poderia dividir o espaço público sem o temor de serem discriminados.

O ano de 2002 foi marcado pela emergência de um movimento de militância organizado e estrutura na cidade, ação que se iniciou com a fundação da Associação de Apoio, Defesa e Cidadania aos Homossexuais (AADECHO). Em função do trabalho do combate à proliferação do vírus do HIV no município, contribuindo com a formulação de uma consciência cidadã, a Câmara Legislativa Municipal, concede à associação, por Decreto n.º 2.718, o título de Utilidade Pública (Torres; Leite, 2020). A legitimação diante da administração pública foi de grande relevância para o grupo AADECHO, tendo em vista os ataques desestimuladores concedido por aqueles que eram contra a atuação do grupo. Assim, o título de reconhecimento concedeu as bases necessárias que a instituição necessitava para a legitimação do seu trabalho junto à comunidade homossexual.

Em 2009, foi a vez do Grupo de Apoio a Livre Orientação Sexual do Cariri GALOSC, receber o título de Utilidade Pública. Um reconhecimento ao trabalho que a associação vinha desenvolvendo junto à área de serviço social, saúde e cultura no município, promulgada pelo Decreto n.º 3.552. Assim como a AADECHO, a medida forneceu ao GALOSC visibilidade ao trabalho que o grupo vinha desenvolvendo, criando espaços e canais de sociabilidades para a comunidade.

Na área da educação, a Lei de n.º 4.548, de 5 de novembro de 2015, estabeleceu como dever dos órgãos públicos municipais, em parceria com grupos da sociedade civil, a realização de campanhas educativas. Essas campanhas tinham como finalidade o “combate ao racismo, a homofobia, a intolerância religiosa, a xenofobia, a discriminação social, de gênero e outras formas de preconceito e discriminação no âmbito do município de Juazeiro do Norte” (Juazeiro do Norte, 2015, p. 01). Contudo, no ano de 2018, a Lei n.º 4.853 traz no seu texto a

vedação de qualquer referência “à ideologia de gênero” nas escolas da rede municipal de ensino, destacando que caberia uma aprovação previa dos pais de materiais pedagógicos que se relacionasse com essas questões:

I - Impede sob quaisquer pretextos, a utilização de ideologia de gênero na educação municipal;

VI - Órgãos ou servidores públicos municipais podem cooperar na formação moral de crianças e adolescentes, desde que, previamente, apresentem às famílias o material pedagógico, cartilha ou folder que pretendem apresentar ou ministrar em aula ou atividade (Juazeiro do Norte, 2018, art. 1, inc. I e VI).

Quando comparamos as diretrizes da Lei de 2018 com a de 2015, que estabelecia a construção e divulgação de ações e materiais nas escolas contra a discriminação por orientação sexual, que na época foi considerada um avanço no campo educacional, tendo em vista o combate à discriminação, a medida de 2018 tende a colocar toda e qualquer medida que tenha o intuito de combater a discriminação, como cartilha e outros materiais pedagógicos, sobre aprovação direta do conservadorismo. Assim, se por um lado o decreto de 2015 foi benéfico no sentido de contribuir para a gestação de uma consciência no meio educacional do município, o decreto de 2018 coloca essas ações sobre a bailam dos discursos conservadores.

Um ganho significativo para a população transexual do município foi a Lei n.º 5.065, de 14 de abril de 2020, que garantirá o total respeito as identidades de gênero e ao uso do nome social a pessoas trans e travestis em sistemas informacionais e outras organizações públicas municipais (Torres; Leite, 2020). Essa medida vai ao encontro do decreto federal de n.º 8.727 de 28 de abril de 2016, que estabelece no Art. 1º “o uso do nome social e o reconhecimento da identidade de gênero de pessoas travestis ou transexuais no âmbito da administração pública federal direta, autárquica e fundacional” (Brasil, 2016, art. 1º).

Tais medidas são de suma relevância, ao assegurar ao público de transexuais e travestis, tendo em vista que, dentre os grupos que compõem a sigla LGBTQIAPN+, o grupo de travestis e transsexuais são os que mais sofrem com a vilipêndio dos seus corpos. Ter o direito de se identificar com o seu nome social é usufruir do direito de ser reconhecido socialmente enquanto individuo pertencente à sociedade.

Uma das grandes conquistas do Movimento de Militância LGBTQIAPN+ na cidade de Juazeiro do Norte foi a criação do Centro de Referência LGBT, promulgado pela Lei n.º 5.068, de 2020. A importância do equipamento se dava pelo fato do Centro ser o espaço de acolhimento e acompanhamento das denúncias de LGBTfobia no município, além de fornecer serviços especializados, como suporte jurídico, psicológico e social para a comunidade.

Constituía no projeto que ele seria responsável por promover campanhas e projetos que contribuíssem para o combate à violência, além de compor um banco de dados com os registros de violência no município.

Da forma como foi constituído no projeto inicial, o Centro de Referência seria uma importante ferramenta para a região, pois garantiria a ofertas de serviços especializados para a comunidade homossexual, além de fornecer mecanismos robustos contra a homofobia. Contudo, com a aplicação da Lei nº 5.098, de novembro de 2020, que acabava por modificar o projeto inicial da criação do Centro de Referência LGBT.

Art. 1º da Lei Municipal nº 5.068, de 14 de maio de 2020, passará a ter a seguinte redação:

I – Centro de Referência Especializada de Assistência Social (CRAS) LGBTQIA+ será uma unidade pública de assistência Social que atende a população LGBTQIA+ que estão vivendo situações de violência ou violação de direitos;

II – Recepcionar, acolher as pessoas, fortalecer os veículos familiares e comunitários, disponibilizando informações sobre Direitos e viabilizando o acesso a outros serviços, benefícios e programas. O objetivo é auxiliar as pessoas a superarem as violências sofridas ou a diminuir os danos causados por ela;

III – Os serviços ofertados no CRAES LGBTQIA+ serão desenvolvidos de modo articulado com a rede de serviços de assistência social, dos órgãos de defesa de direitos e das demais políticas públicas;

IV – Os atendimentos no CRAES podem se dar por meio de encaminhamento da rede de assistência e de outras políticas da rede de assistência e de outras políticas públicas, dos órgãos de defesa de direito, bem como a população pode procurar o serviço diretamente nas unidades. (Juazeiro do Norte, 2020, art. 1º, inc. I, II, III e IV).

De um espaço com o intuito de ofertar serviços de forma direta para a comunidade homossexual, foi convertido em um Centro de Referência Assistencial Social LGBTQIA+. Em congruência com o pensamento de Torres e Leite (2020), a convenção foi uma grande perda para a militância, uma vez que seria um órgão apenas consultivo de ações prestadas por outras unidades ligadas à administração municipal. Essa perda vai se tornar ainda maior quando deixamos de ter a constituição de um banco de dados com os índices de casos de violência no município. Este banco de dados, com informações quantificadas, serviria como uma espécie de termômetro das políticas públicas municipais.

Contudo, apesar das modificações feitas no projeto inicial do Centro de Referência, não podemos deixar de reconhecer o ganho que foi a criação do órgão para a comunidade homossexual, já que esse se tornou uma das mais importantes ferramentas de fiscalização dos serviços públicos, fornecendo ferramentas para que os indivíduos possam alcançar o que lhes

são de direitos, além de servir como um instrumento de requerimento de ações municipais que possam garantir a continuidade de medidas já conquistadas.

Em 2013, foi criado o Conselho Municipal de Direitos LGBT. Esse órgão do poder público municipal é operado em parceria com a sociedade civil, deliberando sobre as ações municipais, além de contribuir na divulgação de campanhas educativas e fiscalizar as políticas implantadas na cidade. Sendo os assentos do conselho ocupados de forma igualitária por agentes ligados à administração municipal e por agentes pertencentes aos grupos de setores sociais. Segundo as suas diretrizes, a presidência deve ser ocupada pela gestão municipal e a vice-presidência pelo setor social (Juazeiro do Norte, 2013).

O conselho tem uma responsabilidade no controle social referente à nossa população. Porque ele é um conselho autônomo, propositivo, consultivo, deliberativo e fiscalizador das políticas públicas. Ele é paritário, ele tem sociedade civil, através dos movimentos sociais que são ABEMAVI, Associação Careirense de Luta contra a AIDS, Frente de Mulheres do Cariri, Quizomba e Levante Popular. Tem a secretaria de assistência social, educação, saúde, cultura e segurança pública (Brendha).

Assim como aponta Torres e Leite (ano apud Aguião, 2018, p. 117), a criação do conselho reflete uma demanda do público LGBTQIAPN+ de 2011, onde passa a ser reivindicado essas políticas, com a criação desses órgãos em várias regiões. Desta forma, para os autores, os conselhos vão se configurar como espaços de resistência, onde esses sujeitos acabam tendo a oportunidade de denunciar a ineficiência das ações públicas, buscando visibilidade para suas pautas.

Como podemos evidenciar, o Movimento de Militância Homossexual de Juazeiro do Norte está diretamente ligado ao poder público municipal através do Conselho Municipal LGBTQIAPN+. Essa relação de agente social e estatal é um ponto de convergência de várias discussões aguerridas em vários âmbitos. Essa aproximação começa a ser ensaiada desde a constituição de 1988, quando temos a proximidade de grupos de militâncias com partidos políticos. São essas ações que passam a ser intensificadas a partir da metade da década de 1990, quando teremos fortes parcerias do Estado com a militância homossexual em favor do combate ao vírus do HIV (Fachini, 2000).

A grande discussão em torno dessa relação incide na ideia de que o movimento passa a ser, em sua maioria, dependente da legitimação das suas ações junto ao seu fiador, ou seja, o Estado. São dois agentes que partem de campos distintos de atuação, buscando convergir em ideias e ações. Contudo, esse não deixa de ser um campo de atuação do agente mais forte,

ou seja, o Estado/município, que, através da sua maquinaria, utiliza-se deste espaço para legitimar suas ações.

Concordamos com a crítica feita por Maria da Glória Gohn (2013) sobre a parceria estabelecida entre administração pública e movimentos sociais, quando afirma que as ações dessas políticas acabam por dilacerar o sujeito coletivo. Ou seja, o sujeito que estava organizado com foco em diferentes objetivos é desmembrado. Quando esses sujeitos são desmembrados, deixando de ser um indivíduo que luta no coletivo e passando a ser um indivíduo individual, ele deixa de ter força, pois pode ser facilmente controlado. Agora, todos esses indivíduos com suas particularidades não vão ter nada que os liguem a não ser o Estado. Desta forma, como bem afirma Gohn, o Estado passa a ser o único ponto comum de ligação entre eles.

Como já apresentamos, no estatuto do Conselho Municipal de Direitos LGBTQIAPN+, a presidência do órgão fica sob a dominação da gestão municipal, tornando-se um espaço de atuação, controle e repreensão da sua maquinaria, onde nem sempre essas relações se dão de forma harmoniosa. Como destaca Leandro Colling (2013), os conselhos passam a ser um espaço de afirmação e legitimação das ações públicas.

Ainda assim, apesar das suas controvérsias, os conselhos podem ser considerados ferramentas importantes, uma vez que permite o diálogo direto entre administração pública e a sociedade civil. Esse diálogo próximo permite a resolução de conflitos, reafirmando as negociações de ambos os sujeitos envolvidos, confluindo na construção de medidas eficazes, centralizadas e duradouras, deixando de ser ações governamentais para tornarem-se ações sociais.

Analisaremos ainda os dados referentes ao primeiro ano do Disk Denúncia LGBTQIAPN+, um canal de atendimento criado com o intuito de servir como um canal para a denúncia de violências e descumprimento dos direitos desta população. O órgão foi criado em 17 de maio de 2022, uma iniciativa do Conselho Municipal de Direitos LGBTQIAPN+ e da Secretaria de Segurança Pública e Cidadania (SESP) do município. Os índices de atuação do órgão referentes ao seu primeiro ano de atuação estão dispostos abaixo.

**Tabela 4:** Relatório do Núcleo de Diversidade e Gênero

Patrulha Maria da Penha (PMP)
<ul style="list-style-type: none"> <li>• Ocorrências registradas durante o período</li> <li>➤ Foram registradas 05 ocorrências contra mulheres trans, perpetradas por seus companheiros.</li> </ul>

<ul style="list-style-type: none"> <li>➤ Foram registrados 09 acompanhamentos de medidas protetivas. Sendo 05 medidas baixadas, 04 medidas ativas, dessas 03 eram mulheres homoafetivas e 01 mulheres trans.</li> <li>• Encaminhamento Ao ser acionado a PMP, todas as ocorrências registradas foram enviadas para o acompanhamento das instituições competentes para que pudessem receber auxílio jurídico e psicológico.</li> </ul>
<p>Grupo Tático Motorizado (GTM)</p> <ul style="list-style-type: none"> <li>• Ocorrências registradas durante o período</li> <li>➤ Foram registradas 04 ocorrências</li> <li>• Natureza das ocorrências</li> <li>➤ Lesão corporal. Todas as vítimas eram travestis.</li> <li>• Destaca o relatório que apesar de acionado o GTM, em 90% dos casos, as vítimas desistem de fazer a representação contra os seus agressores.</li> </ul>
<p>Inspetoria de Coordenação Diária (ICD)</p> <ul style="list-style-type: none"> <li>• Ocorrências registradas no período</li> <li>➤ Foram registradas 01 ocorrências</li> <li>• Natureza da ocorrência</li> <li>➤ Cárcere privado</li> </ul>

Fonte: Relatório do Núcleo de Diversidade e Gênero, Juazeiro do Norte, 2022.

A primeira questão que chama atenção na análise dos dados são os baixos índices de ocorrências. Ao decorrer do ano de 2023, foram computadas cerca de 10 ocorrências pelo Disk-Denúncia. Se comparamos esses índices com os dados levantados pelo relatório do Observatório de Mortes e Violência contra LGBTQIAPN+ no Brasil em 2022, que apontou que a cidade de Juazeiro ocupa a 3.<sup>a</sup> posição como município mais violento do estado do Ceará. Em 2022, o Estado computou 34 mortes, enquanto Juazeiro teve 07. Cabe salientar que nesses números não entram os casos de violências físicas. Sobre os índices, destaca o relatório, “dos dez municípios mais violentos, apenas dois não são capitais estaduais, as quais apresentam índices de violência bastante elevados: Juazeiro do Norte (7), cidade cearense de porte médio que, em 2021, foi considerada a oitava mais violenta do país” (Observatório de mortes violentas contra LGBTQIAPN+ no Brasil, 2022, p. 55).

Uma das primeiras explicações para os baixos índices de ocorrências destacado pelo relatório é o desconhecimento da população sobre o funcionamento do mecanismo, causado devido à baixa divulgação da ferramenta. Soma-se a isso a difícil memorização do número de

disque. O relatório traz no tópico “Proposituras” a sugestão de substituição pela CENTRAL 153, já que, na visão do NUDG, responsável por administrar o Disk-Denúncia, facilitaria o acionamento do instrumento.

Para além desses mecanismos estruturais que já apontamos acima, a sensação de impunidade e a naturalização diante da violência acabam tornando-se outros condicionadores. A maioria das ocorrências atendidas pelo Disk-Denúncia tratava-se de agressões contra mulheres trans, que, assim como destaca o relatório, apresentam um sentimento de culpa em relação às agressões, desistindo de registrar queixa contra os seus agressores. Esse é mais um reflexo da violência estrutural que se instalou na nossa atual conjuntura.

Ao longo deste capítulo, tivemos em vista analisar as principais conquistas do Movimento de Militância Homossexual na cidade de Juazeiro do Norte, enfatizando de que forma essas conquistas foram importantes para a construção de uma cidadania homossexual. Enfocando que essas conquistas foram marcadas por diversos conflitos sociais e políticos. Nos seus 21 anos de atuação na cidade de Juazeiro do Norte, a militância homossexual tratou de construir um ambiente de atuação e discussão da agenda LGBTQIAPN+, protagonizando a construção de um espaço de sociabilidade e proteção para a comunidade homossexual.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

A pesquisa intitulada *Muitos em um só corpo: o assassinato de Jonathann Kiss e a emergência do Movimento de Militância LGBTQIAPN+ em Juazeiro do (2000 -2023)*, discutiu a construção de um dos Movimentos de Militância Homossexual mais importante e atuantes da região do Cariri cearense. Procurando compreender como a morte de um único indivíduo pôde influenciar na construção e estruturação da militância homossexual na região. As análises da pesquisa se concentraram principalmente no processo criminal do caso, em entrevistas concedidas por militantes pertencentes ao movimento, matérias de jornais (*Jornal Diário do Nordeste, Jornal do Cariri*) e materiais referente a trajetória da militância (fotos, panfletos, cartazes).

No desfecho da pesquisa, é importante destacar os desafios enfrentados ao longo das investigações. Assim como a água é crucial para a existência humana, as fontes são fundamentais para o trabalho do historiador. Apesar da escassez de fontes no início da pesquisa ter representado um obstáculo, podemos afirmar que os objetivos do estudo foram alcançados.

Conforme o último relatório do GGB (2023) 257 pessoas foram mortas no ano de 2023, vítimas da intolerância, discriminação e negligência estatal e social. Quando observamos esse cenário que se desenrolou em torno das sexualidades periféricas, qualquer trabalho acadêmico, independentemente da sua área de pesquisa, mais que vise jogar luz sobre essa ceara de intolerância, tem de certo modo seu valor. Assim, essa pesquisa toma para si grande relevância, por tentar reconstruir a trajetória de um movimento que há 21 anos é o responsável por construir um ambiente de proteção para a população homossexual em uma região historicamente marcada pela exterminação de corpos homossexuais.

Quando nos propomos o estudo da temática, os nossos principais objetivos eram buscar entender como se construiu o Movimento LGBTQIAPN+ na cidade de Juazeiro do Norte. Procurando revelar o cordão embrionário que liga a morte de Jonathann Kiss ao movimento. Problematizando de que maneira a repercussão causada pela morte do publicitário influenciou na gestação do Movimento de Militância Homossexual na cidade. Percebendo de que forma a memória de Jonathann foi utilizada na tentativa de conceder visibilidade e força política ao movimento.

Quando iniciamos a pesquisa, a primeira tarefa que estabelecemos foi problematizar a morte de Jonathann Kiss - o simbolismo da violência e do que representava como figura pública – com a emergência do movimento. As primeiras conversas com os militantes

mostraram que, ao longo do tempo, foram se constituindo várias teses sobre as origens do grupo homossexual em Juazeiro. Assim, visamos identificar as origens dessas teses e a ligação do grupo com a morte de Jonathann Kiss.

A segunda fase do estudo se concentrou em avaliar o impacto da morte de Jonathann tanto na comunidade LGBTQIAPN+ quanto na sociedade em geral. Ao realizar essa análise, nosso objetivo era compreender as implicações do falecimento de Jonathann Kiss para além do contexto da comunidade homossexual. Dado seu reconhecimento na sociedade local, buscamos entender a amplitude desse crime. Essa investigação foi crucial para examinar como o Movimento LGBTQIAPN+ utilizou a repercussão desse evento para obter visibilidade e influência na esfera política local e dentro da própria comunidade homossexual.

Como já foi apontado, a morte do publicitário gestou um sentimento comum entre a comunidade homossexual. Um sentimento de insegurança e vulnerabilidade social. Esse sentimento acabou por se abrir para o entendimento de que a violência contra homossexuais era algo real. Não que a população homossexual não tivesse esse entendimento e convivesse diariamente com a violência e intolerância. Como já salientamos, Jonathann não foi o primeiro indivíduo homossexual a perder sua vida em circunstâncias tão abruptas. Mas a morte de Jonathann Kiss abre-se para o entendimento de que ninguém, independentemente da classe e posição social, estaria a salvo deste cenário excludente e exterminador dos corpos homossexuais. Já que se acreditava que, pelo fato de ele ser uma pessoa que dispunha de reconhecimento social, estaria resguardado.

Diferente de outros sujeitos que morreram em decorrência da violência que acometia a comunidade homossexual, Jonathann tinha um vínculo com a sociedade local, transitando por entre vários grupos sociais. E exatamente esse vínculo social que fez com que esse sentimento de insegurança se espalhasse por entre a comunidade. O diferenciando de outros sujeitos. Assim como caracteriza Judith Butler (2019), na lógica social, o corpo de Jonathann se afasta da categoria de corpo objeto. Se colocando dentro da categoria de corpos que importam ou corpos choráveis.

A pesquisa mostrou ainda que, ao longo da trajetória da militância, a narrativa de um crime trágico foi dando lugar à gestação de uma memória afetiva. A trajetória de Jonathann como um sujeito homossexual que enfrentou os ditames sociais em uma época onde a homossexualidade representava sentença de morte e escárnio social, foi sendo apropriada pela militância numa clara tentativa de promover o movimento e manter a unidade entre o grupo.

Deste modo, foi sendo construída ao longo do tempo uma memória coletiva pelo

grupo de militância. Movimento esse que teve em seu propósito construir uma unidade entre os militantes, assim como destaca Pollak “a referência ao passado serve para manter a coesão dos grupos e das instituições que compõem uma sociedade, para definir seu lugar respectivo, sua complementariedade, mas também as oposições irredutíveis” (1989, p. 7). Dessa maneira, como bem apresenta Pollak, a memória coletiva/comum tem por seus objetivos primordiais construir e manter a coesão de um grupo. Fornecendo pontos comuns de referências a serem compartilhados pelos membros pertencentes ao grupo.

Outro processo observado na trajetória da militância homossexual em Juazeiro do Norte, foi a construção de lugares de memória como a “Comenda arco-iris Jonathann Kiss”. Embora o movimento de construção de uma memória coletiva do movimento incorporasse Jonathann como um exemplo de indivíduo que se impôs contra a lógica social imperante. Era necessário instituir pontos de apoio para essa memória. Assim como caracteriza Pierre Nora, a função dos lugares de memória é não deixar esquecer, a função desses monumentos de memória concretos e abstratos teve o papel de preservar e guardar essa memória de Jonathann. Não deixando que se caísse no esquecimento o legado deste indivíduo que foi tão importante na construção da militância na região.

Encaminhando para o término desta pesquisa, desejamos que ela não fique em um canto solitário. Mas que possa servir como ponto de partida para outras pesquisas que tenham em seus objetivos problematizar e apontar novos questionamentos a respeito do Movimento de Militância LGBTQIAPN+ da cidade de Juazeiro do Norte.

## REFERÊNCIAS

- BARROS, José D'Assunção. D. Fontes Históricas: uma introdução à sua definição, à sua função no trabalho do historiador, e à sua variedade de tipos. **Cadernos do Tempo Presente**, São Cristóvão - SE, v. 11, n. 02, p. 03-26, jul./dez. 2020. Disponível em: <https://periodicos.ufs.br/tempo/article/view/15006>. Acesso em: 16 nov. 2023.
- BELLEI, Ana Carolina Campagnola. A pesquisa histórica no estudo das relações de gênero conforme os desafios e olhares do uso de processos judiciais como fonte. XV Encontro Estadual de História 1964-2014: Memórias, Testemunhos e Estado. **Anais [...]**, Florianópolis – SC, 2014. Disponível em: [http://www.encontro2014.sc.anpuh.org/resources/anais/31/1405883114\\_ARQUIVO\\_ANPUH\\_Ana\\_Caroline\\_CampagnoloTRABALHOCOMPLETO.pdf](http://www.encontro2014.sc.anpuh.org/resources/anais/31/1405883114_ARQUIVO_ANPUH_Ana_Caroline_CampagnoloTRABALHOCOMPLETO.pdf). Acesso em: 16 nov. 2023.
- BENETTI, Fernando José. **A bicha louca está fervendo**: uma reflexão sobre a emergência da Teoria Queer no Brasil (1980 – 2013). 2013. Trabalho de Conclusão de Curso (Bacharelado do curso de História) - Centro de Ciências Humanas e da Educação, Universidade do Estado de Santa Catarina, Florianópolis, 2013. Disponível em: [https://www.academia.edu/download/57115187/A\\_Bicha\\_Louca\\_esta\\_Fervendo\\_-\\_Uma\\_reflexao\\_sobre\\_a\\_emergencia\\_da\\_Teoria\\_Queer\\_no\\_Brasil\\_-\\_1980\\_-\\_2013\\_-\\_versao\\_estendida.pdf](https://www.academia.edu/download/57115187/A_Bicha_Louca_esta_Fervendo_-_Uma_reflexao_sobre_a_emergencia_da_Teoria_Queer_no_Brasil_-_1980_-_2013_-_versao_estendida.pdf). Acesso em: 01 maio. 2024.
- BRASIL. Decreto nº 8.727, de 28 de abril de 2016. Dispõe sobre o uso do nome social e o reconhecimento da identidade de gênero de pessoas travestis e transexuais no âmbito da administração pública federal direta, autárquica e fundacional. Brasília: Presidência da República, (2016). Disponível em: [https://www.planalto.gov.br/ccivil\\_03/\\_Ato2015-2018/2016/Decreto/D8727.htm](https://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_Ato2015-2018/2016/Decreto/D8727.htm). Acesso em: 16 set. 2023.
- BOURDIEU, Pierre. A ilusão biográfica. In: FERREIRA, Marieta de Moraes.; AMADO, Janaina (Org). **Usos e abusos da história oral**. 8. Ed. Rio de Janeiro: Editora Fundação Getúlio Vargas, 2006, Disponível em: [https://edisciplinas.usp.br/pluginfile.php/1185/mod\\_resource/content/1/Bourdieu%20-%20A%20Ilus%c3%a3o%20Bibliogr%c3%a1fica.pdf](https://edisciplinas.usp.br/pluginfile.php/1185/mod_resource/content/1/Bourdieu%20-%20A%20Ilus%c3%a3o%20Bibliogr%c3%a1fica.pdf). Acesso em: 16 nov. 2023.
- BUTLER, Judith. **Quadros de guerra**: quando a vida é passível de luto? 6. ed. Rio de Janeiro-RJ: Editora Civilização Brasileira, 2019. Disponível em: <https://ria.ufrn.br/123456789/1784>. Acesso em: 04 set. 2023.
- CAETANO, Marcio Rodrigues Vale *et al.* A mobilização social e resposta comunitária LGBT à AIDS – itinerários reflexivos. **Revista de Educação, Ciência e Tecnologia**, Canoas, v. 8, n. 1, p. 01 - 17. 2019. Disponível em: <https://periodicos.ifrs.edu.br/index.php/tear/article/view/3405>. Acesso em: 12 fev. 2024.
- CARNEIRO, Ailton José dos Santos. A morte da clínica: Movimento LGBTQIAPN+ e luta pela despatologização da homossexualidade no Brasil (1978-1990). XXVIII Simpósio Nacional de História. **Anais [...]**. Florianópolis-SC. p. 01 – 15. 2015. Disponível em: [SNH2015 - XXVIII Simpósio Nacional de História \(anpuh.org\)](http://www.snh2015.org.br/SNH2015_-_XXVIII_Simp%C3%B3sio_Nacional_de_Hist%C3%B3ria_(anpuh.org)). Acesso em: 04 set. 2023.
- COLLING, Leandro. **Stonewall 40 + o que no Brasil?** Salvador – BA:EDUFBA, 2011 - 282 p. (Coleção CULT; 9). Disponível em: <http://www.repositorio.ufba.br/ri/handle/ri/2260>. Acesso em: 04 set. 2023.

DELGADO, Lucilia de Almeida Neves. **História oral, memória, tempo**, identidades, Belo Horizonte: Autêntica, 2010. Disponível em: [https://moodle.ufsc.br/pluginfile.php/819734/mod\\_resource/content/1/DELGADO,%20Lucilia%20%E2%80%93%20Hist%C3%B3ria%20oral%20e%20narrativa.pdf](https://moodle.ufsc.br/pluginfile.php/819734/mod_resource/content/1/DELGADO,%20Lucilia%20%E2%80%93%20Hist%C3%B3ria%20oral%20e%20narrativa.pdf). Acesso em: 16 nov. 2023.

DIAS, Carlos Gilberto Pereira. A invenção do homossexual no século XIX e os silêncios da História. Seminário Internacional Fazendo Gênero 12. **Anais** [...]. Florianópolis, p. 01 – 08, 2021. Disponível em: [https://www.fg2021.eventos.dype.com.br/resources/anais/8/fg2020/1611769743\\_ARQUIVO\\_fb7200512be4477bf4883c0b12a03dc8.pdf](https://www.fg2021.eventos.dype.com.br/resources/anais/8/fg2020/1611769743_ARQUIVO_fb7200512be4477bf4883c0b12a03dc8.pdf). Acesso em: 10 maio. 2024.

FILHO, Roberto Efrem. Corpos brutalizados: conflitos e materializações nas mortes de LGBT. **Cadernos Pagu**, Campinas-SP, n. 46, p. 311–340, 2016. Disponível em: <https://periodicos.sbu.unicamp.br/ojs/index.php/cadpagu/article/view/8645911>. Acesso em: 30 nov. 2023.

FACCHINI, Regina. **Sopa de letrinhas**: movimento homossexual e a produção de identidades coletivas nos anos 90. 2002. Dissertação (Mestrado em Antropologia Social) – Universidade Estadual de Campinas, Campinas/SP. 2002. Disponível em: <http://repositorio.ufsc.br/xmlui/handle/123456789/1232>. Acesso em: 04 set. 2023.

FÓRUM debate qualidade de vida dos portadores de AIDS. Jornal Diário do Nordeste. Fortaleza-CE, 16 jun. 2004. Disponível em: <https://diariodonordeste.verdesmares.com.br/regiao/forum-debate-qualidade-de-vida-dos-portadores-de-aids-1.49202>. Acesso em: 04 set. 2023.

GHON, Maria da Glória. **Movimentos sociais e redes de mobilizações civis no Brasil contemporâneo**. Petrópolis RJ. Editora Vozes, 2013. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/S1413-24782011000200005>. Acesso em: 10 fev. 2023.

GOMES, José Cleudo; ZENAIDE, Maria de Nazaré Tavares. A trajetória do movimento social pelo reconhecimento da cidadania LGBT. **#Tear: Revista de Educação, Ciência e Tecnologia**, Canoas, v. 8, n. 1, 2019. Disponível em: <https://periodicos.ifrs.edu.br/index.php/tear/article/view/3402>. Acesso em: 16 set. 2023.

GÓIS, João Bôsko. Desencontros: as relações entre os estudos sobre a homossexualidade e os estudos de gênero no Brasil. **Revista SciELO Brasil**, Rio de Janeiro, p. 289 – 297, 2003. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/S0104-026X2003000100021>. Acesso em: 10 maio. 2024.

GREEN, James Neylor. “Mais amor e mais tesão”: a construção de um movimento brasileiro de gays, lésbicas e travestis. **Cadernos Pagu**, São Paulo-SP. v. 15, p. 271 - 295, 2000. Disponível em: <https://periodicos.sbu.unicamp.br/ojs/index.php/cadpagu/article/view/8635596>. Acesso em: 13 fev. 2024.

GREEN, James Neylor; POLITO, Ronald. **Frescos trópicos**: fontes sobre a homossexualidade masculina no Brasil (1870-1980). Editora José Olympio, 2004. Disponível em: <https://searchworks.stanford.edu/view/6736646/>. Acesso em: 05 maio. 2024.

GRUPO Gay da Bahia. Observatório de mortes violentas de LGBTI+ no Brasil – 2020. Salvador. Disponível em: <https://grupogaydabahia.com.br/wp-content/uploads/bsk-pdf-manager/2024/02/relatorio-2020.pdf>. Acesso em: 16 set. 2023.

GRUPO Gay da Bahia. Observatório de mortes violentas de LGBTI+ no Brasil – 2021. Salvador. Disponível em: <https://grupogaydabahia.com.br/wp-content/uploads/bsk-pdf-manager/2024/02/mortes-violentas-de-lgbt-2021-versao-final.pdf>. Acesso em: 16 set. 2023.

GRUPO Gay da Bahia. Observatório de mortes violentas de LGBTI+ no Brasil – 2022. Salvador. Disponível em <https://cedoc.grupodignidade.org.br/2023/01/19/mortes-violentas-de-lgbt-brasil-observatorio-do-grupo-gay-da-bahia-2022/>. Acesso em: 16 set. 2023.

GRUPO Gay da Bahia. Observatório de mortes violentas de LGBTI+ no Brasil – 2023. Salvador. Disponível em: <https://grupogaydabahia.com.br/wp-content/uploads/bsk-pdf-manager/2024/02/observatorio-2023-de-mortes-violentas-de-lgbt-1.pdf>. Acesso em: 16 set. 2023.

HOLANDA, Letícia Batista; PARENTE, Tiago Coutinho. Kariri Moda Fashion Show: publicidade em Juazeiro do Norte no final do século XX. IV CONPESQ, *Anais* [...]. Juazeiro do Norte, p. 01 – 11, 2023. Disponível em: <https://conpesq.ufca.edu.br/submissoes-ivconpesq/>. Acesso em: 01 maio. 2024.

JESUS, Cassiano Celestino de. História e Teoria Queer: possibilidades nas margens. **Boletim Historiar**, vol. 07, n. 01, p. 32 - 41, 2020. Disponível em: <http://seer.ufs.br/index.php/historiar>. Acesso em: 01 maio. 2024.

JUAZEIRO DO NORTE. **Lei n° 2.561, de 24 de agosto de 2000**. Proíbe a discriminação por opção sexual e adota outras providências. Juazeiro do Norte: Câmara Municipal, [2000]. Disponível em: [https://www.juazeirodonorte.ce.gov.br/arquivos/813/LEI%20MUNICIPAL\\_2561\\_2000\\_000001.pdf](https://www.juazeirodonorte.ce.gov.br/arquivos/813/LEI%20MUNICIPAL_2561_2000_000001.pdf). Acesso em: 18 set. 2023.

JUAZEIRO DO NORTE. **Lei n° 2.720, de 18 de dezembro de 2002**. Determina sanções às práticas discriminatórias por orientação sexual na forma que indica e adota outras providências. Juazeiro do Norte: Câmara Municipal, [2002]. Disponível em: [https://www.juazeirodonorte.ce.gov.br/arquivos/664/LEI%20MUNICIPAL\\_2720\\_2002\\_000001.pdf](https://www.juazeirodonorte.ce.gov.br/arquivos/664/LEI%20MUNICIPAL_2720_2002_000001.pdf). Acesso em: 16 set. 2023.

JUAZEIRO DO NORTE. **Lei n° 2.718, de 19 de dezembro de 2002**. Reconhece de utilidade pública a Associação de Apoio, Defesa e Cidadania aos Homossexuais e adota outras providências. Juazeiro do Norte: Câmara Municipal, [2002]. Disponível em: <https://www.juazeirodonorte.ce.gov.br/leis.php?id=664>. Acesso em: 16 set. 2023.

JUAZEIRO DO NORTE. **Lei n° 3.552, de 28 de setembro de 2009**. Reconhece de utilidade pública o Grupo de Apoio à Livre Orientação Sexual do Cariri - GALOSC e adota outras providências. Juazeiro do Norte: Câmara Municipal, [2009]. Disponível em: [https://www.juazeirodonorte.ce.gov.br/arquivos/1449/LEI%20MUNICIPAL\\_3552\\_2009\\_000001.pdf](https://www.juazeirodonorte.ce.gov.br/arquivos/1449/LEI%20MUNICIPAL_3552_2009_000001.pdf). Acesso em: 16 set. 2023.

JUAZEIRO DO NORTE. **Lei n° 4.257, de 23 de outubro de 2013**. Institui o Conselho Municipal dos Direitos de Lésbicas, Gays, Bissexuais, Travestis e Transexuais no Município de Juazeiro do Norte e dá outras providências. Juazeiro do Norte: Câmara Municipal, [2013]. Disponível em: <https://leismunicipais.com.br/a/ce/j/juazeiro-do-norte/lei-ordinaria/2013/425/4257/lei-ordinaria-n-4257-2013-institui-o-conselho-municipal-dos-direitos-de-lesbicas-gays-bissexuais-travestis-e-transexuais-no-municipio-de-juazeiro-do-norte-e-da-outras-providencias>. Acesso em: 16 set. 2023.

JUAZEIRO DO NORTE. **Lei nº 4.548, de 5 de novembro de 2015**. Dispõe sobre o uso de espaços públicos e de publicidade para campanhas educativas de combate ao racismo, a homofobia, a intolerância religiosa, a xenofobia, a discriminação social, de gênero de origem e outras formas de preconceito e discriminação no âmbito do município de Juazeiro do Norte. Juazeiro do Norte: Câmara Municipal, [2015]. Disponível em:

[https://www.juazeirodonorte.ce.gov.br/arquivos/1989/LEI%20MUNICIPAL Lei%20N%EF%BF%BD%205068 2020 0000001.pdf](https://www.juazeirodonorte.ce.gov.br/arquivos/1989/LEI%20MUNICIPAL%20Lei%20N%EF%BF%BD%205068%2020%20000001.pdf). Acesso em: 16 set. 2023.

JUAZEIRO DO NORTE. **Lei nº 4.853, de 07 de maio de 2018**. Veda ideologia de gênero na Rede Pública Municipal de Ensino. Juazeiro do Norte: Câmara Municipal, [2018]. Disponível em: <https://leismunicipais.com.br/a/ce/j/juazeiro-do-norte/lei-ordinaria/2018/486/4853/lei-ordinaria-n-4853-2018-veda-ideologia-de-genero-na-rede-publica-municipal-de-ensino#>.

Acesso em: 16 set. 2023.

JUAZEIRO DO NORTE. **Lei nº 5.068, de 14 de maio de 2020**. Dispõe sobre a criação do Centro de Referência LGBT – CRLGBT, no Município de Juazeiro do Norte, e adota outras providências. Juazeiro do Norte: Câmara Municipal, [2020]. Disponível em:

<https://www.juazeirodonorte.ce.gov.br/arquivos/1989/LEI%20MUNICIPAL Lei%20N%EF%BF%BD%205068 2020 0000001.pdf>. Acesso em: 16 set. 2023.

JUAZEIRO DO NORTE. **Lei nº 5.098, de 10 de novembro de 2020**. Altera a Lei Municipal nº 5.068, de 14 de maio de 2020, a qual passará a ter a seguinte ementa: Fica criado o CREAS - Centro de Referência de Assistência Social LGBTQIA+, no Município de Juazeiro do Norte, vinculado à Secretaria Municipal de Desenvolvimento Social e Trabalho – SEDEST e adota outras providências. Juazeiro do Norte: Câmara Municipal, [2020]. Disponível em:

<https://camarajuazeiro.ce.gov.br/atividade-legislativa/materias-legislativas/norma-juridica/5591/detalhe/>. Acesso em: 16 set. 2023.

JUAZEIRO DO NORTE. **Lei nº 2.887 de 10 de maio de 2005**. Institui-se o dia 28 de junho como data do Orgulho Gay e Livre Expressão Sexual no município de Juazeiro do Norte. Juazeiro do Norte: Câmara Municipal, [2005]. Disponível em:

<https://leismunicipais.com.br/legislacao-municipal/711/leis-de-juazeiro-do-norte>. Acesso em: 01 maio. 2024.

JUAZEIRENSES terão dia do orgulho gay. **Jornal Diário do Nordeste**. Fortaleza-CE. 08 jun. 2004. Disponível em: <https://diariodonordeste.verdesmares.com.br/regiao/juazeirenses-terao-dia-do-orgulho-gay-1.24446>. Acesso em: 04 set. 2023.

LACERDA, Luciana Xavier Bastos; SANTOS, Cláudio Eduardo Félix dos. O movimento LGBT no Brasil: reflexões sobre trajetória e lutas (1970 – 2000). X encontro estadual de História ANPUG. **Anais [...]**. Bahia-BA. p. 01 – 10, 2020. Disponível em:

[https://www.encontro2020.bahia.anpuh.org/resources/anais/19/anpuh-ba-eeh2020/1598634909\\_ARQUIVO\\_2f64f86751dbec0b194779f24de4771a.pdf](https://www.encontro2020.bahia.anpuh.org/resources/anais/19/anpuh-ba-eeh2020/1598634909_ARQUIVO_2f64f86751dbec0b194779f24de4771a.pdf). Acesso em: 04 set. 2023.

LACERDA, Paula. **O drama encenado: assassinatos de gays e travestis na imprensa carioca**. 2006. Dissertação (Mestrado em Saúde Coletiva) – Universidade do Estado do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2006. Disponível em: <https://uerj.academia.edu/PaulaLacerda?swp=tc-au-76500750>. Acesso em: 05 nov. 2023.

LE GOFF, Jacques. Memória. *In*: **História e memória**. 5 ed. Campinas: UNICAMP, 2003. Disponível em:

[https://www.academia.edu/download/56130267/LE\\_GOFF\\_Jacques\\_Historia\\_e\\_Memoria.pdf](https://www.academia.edu/download/56130267/LE_GOFF_Jacques_Historia_e_Memoria.pdf). Acesso em: 16 set. 2023.

LEITE, Laís dos Santos; TORRES, Geovane Gesteira Sales. Uma análise discursiva da legislação municipal de Juazeiro do Norte - CE sobre os direitos humanos de pessoas LGBT. **Revista Agora**. Santa Cruz do Sul-RS. v. 33, n. 2. p. 01 – 37, 2022. Disponível em: [https://www.researchgate.net/publication/363518585\\_Uma\\_analise\\_discursiva\\_da\\_legislacao\\_municipal\\_de\\_Juazeiro\\_do\\_Norte\\_-\\_CE\\_sobre\\_os\\_direitos\\_humanos\\_de\\_pessoas\\_LGBT](https://www.researchgate.net/publication/363518585_Uma_analise_discursiva_da_legislacao_municipal_de_Juazeiro_do_Norte_-_CE_sobre_os_direitos_humanos_de_pessoas_LGBT).

Acesso em: 16 set. 2023.

MELO, Mariana Soares Pires. **Corpo, violência e Estado: Percepções de operadores do sistema de justiça criminal acerca do homicídio de pessoas LGBTQI+**. 2020. Tese (Doutorado em Sociologia) - Universidade Federal da Paraíba, João Pessoa, 2020. Disponível em: <https://repositorio.ufpb.br/jspui/handle/123456789/26403>. Acesso em: 30 nov. 2023.

MOTT, Luiz; CERQUEIRA, Marcelo. **Matei Porque Odeio Gay**. Salvador: Grupo Gay da Bahia, 2003. Disponível em:

[https://www.academia.edu/download/33335834/Matei\\_porque\\_odeio\\_gay\\_-\\_Artigo.pdf](https://www.academia.edu/download/33335834/Matei_porque_odeio_gay_-_Artigo.pdf).

Acesso em: 30 nov. 2023.

MOVIMENTO contra a discriminação. Jornal Diário do Nordeste. Fortaleza-CE. 25 set. 2007. Disponível em: <https://diariodonordeste.verdesmares.com.br/regiao/movimento-contraa-discriminacao-1.294482>. Acesso em: 04 set. 2023.

MORTES violentas contra LGBTI+ no Brasil. **Observatório de Mortes e Violência LGBTI+ no Brasil**. Brasília – DF. p. 73. 2022. Disponível em:

<https://observatoriomorteseviolenciaslgbtibrasil.org/>. Acesso em: 04 nov. 2023.

NASCIMENTO, Amadeu Cardoso do. **Travestis em todos os lugares: uma investigação antropológica de resistência, alianças e ativismo de/com travestis em Fortaleza**. 2022. Dissertação (Mestrado em Antropologia) - Universidade Federal do Ceará/CE. 2022. Disponível:

<https://www.repositorio.unilab.edu.br/jspui/handle/123456789/repositorio.unilab.edu.br/jspui/handle/123456789/3135>. Acesso em: 02 mai. 2024.

NORA, Pierre. Entre memória e história: A problemática dos lugares. **Prog. História**, v. 10, p. 7-28, 1993. Disponível em: <https://revistas.pucsp.br/revph/article/download/12101/8763>.

Acesso em: 16 set. 2023.

NÚCLEO de Diversidade e de Gênero. Relatório do Disk-Denúncia LGBTQIAP+fobia. Juazeiro do Norte-CE. 2022.

PEDRAZANI, Viviane. A memória como objeto de (re)construção do passado: um debate teórico. **Humana Res**, v. 1, n. 1, p. 66 – 80, 2019. Disponível em:

<https://revistahumanares.uespi.br/index.php/HumanaRes/article/view/11>. Acesso em: 16 set. 2023.

PEIXOTO, Valdenízia Bento. Violência contra LGBTs no Brasil: a construção sócio-histórica do corpo abjeto com base em quatro homicídios. 2018. Tese (Doutorado em Sociologia) – Universidade de Brasília, Brasília, 2018. Disponível em:

<https://repositorio.unb.br/browse?type=subject&value=Viol%C3%Aancia+de+g%C3%AAnero>.

Acesso em: 30 nov. 2023.

POLLAK, Michael. Memória e identidade social. **Estudos Históricos**, Rio de Janeiro, v. 5. n. 10, p. 200 – 215, 1992. Disponível em:

<https://bibliotecadigital.fgv.br/ojs/index.php/reh/article/view/2278>. Acesso em: 04 nov. 2023.

PORTELLI, Alessandro. O massacre de Civitella Val di Chiana (Toscana: 20 de junho de 1944): mito, política, luto e senso comum. In: FERREIRFA, M. M; AMADO, J (Org.). **Usos e**

**Abusos da História Oral.** 8. Ed. Rio de Janeiro: Editora Fundação Getúlio Vargas, 2006. Disponível em: <https://pt.scribd.com/document/252476627/PORTELLI-Alessandro-O-massacre-de-Civitella-Vai-di-Chiana-Toscana-29-de-junho-de-1944-In-FERREIRA-Marieta-de-Moraes-AMADO-Janaina-Usos-a>. Acesso em: 16 nov. 2023.

POLLAK, Michael. Memória, Esquecimento, Silêncio. **Estudos Históricos**, Rio de Janeiro, v. 2, n. 3, p. 3 - 15, 1989. Disponível em: <https://bibliotecadigital.fgv.br/ojs/index.php/reh/article/view/2278>. Acesso em: 16 set. 2023.

PRIMEIRA Parada Gay do Cariri. *Jornal Diário do Nordeste*. Fortaleza-CE. 18 de set. 2003. Disponível em: <https://diariodonordeste.verdesmares.com.br/regiao/primeira-parada-gay-do-cariri-1.570238>. Acesso em: 22 jan. 2023.

PRIORE, Mary Del. Biografia: quando o indivíduo encontra a história. **SciELO**, v. 10, n. 19, p. 7-16, 2009. Disponível: <https://www.scielo.br/j/topoi/a/wjzgxRYmBc577pm4QqVfDtb/>. Acesso em: 16 nov. 2023.

RIBEIRO, Renata Lucia Camarotti Câmara e. **A trajetória do movimento LGBT: a luta por reconhecimento e cidadania no contexto brasileiro e baiano.** 2009. Dissertação (Mestrado em Ciências Sociais) - Universidade Federal da Bahia, Salvador-BA, 2009. Disponível em: <http://repositorio.ufba.br/ri/handle/ri/19823>. Acesso em: 04 set. 2023.

ROSEMBERG, André.; SOUZA, Luís Antônio Francisco de. Notas sobre o uso de documentos judiciais e políticas como fonte de pesquisa histórica. **Patrimônio e Memória**, v. 5, n. 2, p. 159 – 173, 2009. Disponível em: <https://pem.assis.unesp.br/index.php/pem/article/download/175/534>. Acesso em: 16 nov. 2023.

SANTOS, Sérgio Lima. **O movimento homossexual no Brasil e suas políticas identitárias: uma abordagem histórico-social.** 2011. Dissertação (Mestrado em Sociologia) –Universidade Federal de Alagoas, Maceió, 2011. Disponível em: <http://www.repositorio.ufal.br/handle/riufal/3546>. Acesso em: 04 set. 2023.

SILVA, Kaline Selmira da. **O conceito de luto em Judith Butler e as vidas LGBTQIAP+.** 2021. Trabalho de Conclusão de Curso. (Graduação em Filosofia) - Instituto de Ciências, Comunicação e Artes Coordenação de Licenciatura em Filosofia, Universidade Federal de Alagoas, Maceió, 2021. Disponível em: <https://www.repositorio.ufal.br/handle/123456789/9592>. Acesso em: 04 set. 2023.

SANTOS, Sérgio Lima. **Processos de emergência e de definição da homofobia como um problema no Brasil.** 2018. Dissertação (Mestrado em Sociologia) - Universidade Federal de Sergipe, São Cristóvão. 2018. Disponível em: <https://ri.ufs.br/handle/riufs/9248>. Acesso em: 04 set. 2023.

SCHMITZ, Alberto. **Mortes violentas de LGBT+ Brasil: observatório do Grupo Gay da Bahia.** Salvador – BA. 2022. Disponível em: <https://cedoc.grupodignidade.org.br/2023/01/19/mortes-violentas-de-lgbt-brasil-observatorio-do-grupo-gay-da-bahia-2022/>. Acesso em: 04 nov. 2023.

SOUZA, Carlos Felipe de Oliveira Souza; PARENTE, Tiago Coutinho. Johnathann Kiss pelas colunas sociais do *Jornal do Cariri* (1997-2000). III CONPESQ, Congresso de Pesquisa, Ciência e tecnologia para o Desenvolvimento, **Anais [...]**. Juazeiro do Norte – CE, p. 01 – 04, 2022. Disponível em: <http://conpesq.ufca.edu.br/iii-conpesq/>. Acesso em: 28 abr. 2024.

TORRES, Geovane Gesteira Sales; LEITE, Maria Laís dos Santos. intituladas A conquista de direitos LGBT entre conservadorismo e políticas identitárias em Juazeiro do Norte, Ceará: uma análise da legislação municipal entre (2000 e 2020). **Revista Direito e Dialogicidade**. Juazeiro do Norte-CE, v. 8, n. 01. p. 104 – 130, 2022. Disponível em:

<http://periodicos.urca.br/ojs/index.php/DirDialog>. Acesso em: 16 set. 2023.

VERCELLI, Lúcia de Carvalho Abões. Movimentos sociais e redes de mobilizações civis no Brasil contemporâneo, de Maria da Glória Gohn. **Dialogia**, São Paulo, n. 14, p. 209 - 214, 2011. Disponível em: <https://periodicos.uninove.br/dialogia/article/download/3283/2218>. Acesso em: 05 nov. 2023.

VERAS, Elias Ferreira; PEDRO, Joana Maria. Os silêncios de Clio: escrita da história e (in)visibilidade das homossexualidades no Brasil. **Revista Tempo e Argumento**, Florianópolis, v. 6, n. 13, p. 90 - 109, 2014. Disponível em:

<https://doi.org/10.5965/2175180306132014090>. Acesso em: 10 mai. 2024.

VERISSIMO, Natália Moreira.; CUNHA, Maria Soares da.; OLIVEIRA, Marízia Miranda de. Estudo exploratório do comércio e centralidade: trabalho empírico na rua São Pedro em Juazeiro do Norte/CE. IV Semana Universitária da XXII, Semana de Iniciação Científica. **Anais [...]**. Juazeiro do Norte. 2019. Disponível em:

[http://siseventos.urca.br/assets/pdf/sub\\_trabalhos/116-594-4124-186.pdf](http://siseventos.urca.br/assets/pdf/sub_trabalhos/116-594-4124-186.pdf). Acesso em: 16 nov. 2023.

VIEIRA, Itala. Maduell. A memória em Maurice Halbwachs, Pierre Nora e Michael Pollak. XI Encontro Regional de História Oral. **Anais [...]**. Niterói – RJ. p. 01 – 10. 2015. Disponível em:

[https://www.sudeste2015.historiaoral.org.br/resources/anais/9/1429129701\\_ARQUIVO\\_Memoria\\_Itala\\_Maduell.pdf](https://www.sudeste2015.historiaoral.org.br/resources/anais/9/1429129701_ARQUIVO_Memoria_Itala_Maduell.pdf). Acesso em: 04 nov. 2023.

## **APÊNDICES**

## APÊNDICE 01



### UNIVERSIDADE FEDERAL DE CAMPINA GRANDE – UFCG CENTRO DE FORMAÇÃO DE PROFESSORES – CFP

#### TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE ESCLARECIDO – TCLE

Você estar sendo convidado a participar como voluntário(a) no estudo “*MUITOS EM UM SÓ CORPO*”: *O ASSASSINATO DE JONATHANN KISS E A EMERGÊNCIA DO MOVIMENTO LGBTQIAPN+ EM JUAZEIRO DO NORTE (2000 - 2023)* Coordenado pela professora Dra. Ana Lunara da Silva Moraes e vinculado ao curso de Licenciatura em História da Unidade Acadêmica de Ciências Sociais (UACS), do Centro de Formação de Professores (CFP), da Universidade Federal de Campina Grande (UFCG).

Este estudo tem por objetivo buscar compreender quando e de que forma surge o movimento LGBTQIAPN+ na cidade de Juazeiro do Norte–CE, tomando como espaço temporal de análise de 2000 a 2023. Percebendo o contexto histórico e os motivos que, de maneira mais enfática, contribuirão para a emergência desses primeiros grupos, enquanto força política reivindicadora. Buscando fazer uma correlação do surgimento do movimento com a repercussão da morte de um famoso publicitário, morto na cidade nos anos 2000. João Vicente da Silva, popularmente conhecido como Jonathann Kiss, foi um homossexual que, à época, por meio do seu trabalho como produtor de eventos, radialista e comunicador, conseguiu galgar visibilidade como nenhum outro homossexual havia conseguido. Sendo assim, buscaremos, por meio desta pesquisa, investigar como a repercussão ocasionada pela morte do promotor de eventos é recebida pelo movimento LGBTQIAPN+ e o que é feito dela.

Após uma investigação preliminar, identificamos a ausência de trabalhos que tivessem como objetivo investigar o surgimento do movimento LGBTQIAPN+ no município de Juazeiro do Norte, ligado à morte de Jonathann Kiss. Por isso, consideramos relevante trabalhar a temática. A pesquisa, além disso, é relevante, ao pretender, mediante a um trabalho acadêmico, levar para o âmbito da academia discussões sobre a formação da luta homossexual

no município, permitindo o conhecimento da sua luta e trajetória e as políticas públicas conquistadas por incentivo do movimento.

Caso decida aceitar o convite, você será submetido(a) aos seguintes procedimentos metodológicos: elaboraremos um questionário com algumas perguntas, em seguida enviaremos o questionário para o(s) entrevistado(s), para poderem ter o conhecimento prévio do que tratará a entrevista e de como ela será conduzida. Logo em seguida, faremos algumas seções de entrevistas com perguntas dirigidas ao(s) entrevistado(s). Estimamos 1 hora por seção de entrevistas. O número de seções será conforme o aparato de informações do(s) entrevistado(s). Todas as seções de entrevistas serão conduzidas com o auxílio de um gravador.

Dos riscos da pesquisa: informamos que, caso aceite participar do estudo, os riscos são mínimos, sem qualquer risco à integridade do(s) participante(s). a) Em nenhum momento o(s) participante(s) será exposto a situações vexatórias ou que coloquem em risco a sua segurança. De todo modo, salientamos que, caso o(s) entrevistado(s) se sinta constrangido com alguma pergunta, poderá informar ao entrevistador que imediatamente tratará de parar a seção, efetuando as devidas correções no questionário de perguntas. b) Asseguramos que tomaremos todos os devidos cuidados no manuseio dos dados colhidos, proporcionando a confiabilidade dos participantes envolvidos. c) Em nenhum momento, os dados serão usados para causar danos tanto ao(s) voluntário(s) da pesquisa quanto a terceiros. d) Todos os dados colhidos têm por única e exclusiva finalidade o uso acadêmico.

Dos benefícios da pesquisa procedentes ao voluntário(s): contribuir com um estudo histórico cujo objetivo é conceder visibilidade ao movimento LGBTQIAPN+ da cidade de Juazeiro do Norte. Objetivando criar mecanismos que tenham o intuito de combater a homofobia.

Os dados colhidos serão armazenados com segurança. Tomaremos todos os cuidados necessários para que, no momento da divulgação, nenhum participante seja identificado.

Se você(s) voluntário(s) tiver algum gasto decorrente da sua participação na pesquisa, você(s) será ressarcido, caso solicite. Em qualquer momento, se você sofre algum dano comprovadamente deste estudo, poderá recorrer aos responsáveis legais pelo estudo, buscando o direito de ser indenizado.

Informamos que, caso solicitado, a qualquer momento, em um período de 5 (cinco) anos, após o término da pesquisa, apresentaremos um relatório explicitando os trabalhos que estão ou que foram desenvolvidos ao longo da investigação.

Afirmamos ser direto do(s) participante(s) voluntário(s) do estudo, mesmo já tendo aceitado participar da pesquisa, retirar seu consentimento. Tal ato não acarretará nenhum prejuízo ou constrangimento. Ao término do estudo, afirmamos que os resultados obtidos serão utilizados com fins acadêmicos, tomando todos os cuidados com o seu manuseio e a divulgação deles.

Atestado de interesse pelo conhecimento dos resultados da pesquisa:

( ) Deseja conhecer os resultados da pesquisa ( ) Não desejo conhecer os resultados da pesquisa.

Você(s) participante(s) voluntário(s) ficará com uma via rubricada em todas as páginas e assinada pelo responsável legal do estudo. Salientamos que, em caso de dúvidas a respeito das etapas desenvolvidas na investigação, poderá ser requisitado ao pesquisador responsável pelo estudo as explicações devidas.

**Dados para o contato com o responsável pela pesquisa**

**Nome:** Cicero Leandro da Silva Batista

**Instituição:** Universidade Federal de Campina Grande - UFCG

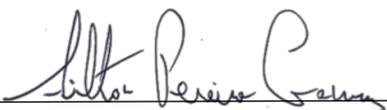
**Endereço:** Dr. Francisco Monteiro, 746, Triangulo, Juazeiro do Norte

**Telefone:** (88) 993084591

**E-mail:** cicero.leandro@estudante.ufcg.edu.br

Sendo assim, eu, Ailton Pereira Gama, concordo de livre e espontânea vontade em participar como voluntário(a) do estudo “*MUITOS EM UM SÓ CORPO*”: *O ASSASSINATO DE JONATHANN KISS E A EMERGÊNCIA DO MOVIMENTO LGBTQIAPN+ EM JUAZEIRO DO NORTE (2000 - 2023)*. Para fins, declaro que obtive todas as informações necessárias, concordando com a metodologia adotada e com os riscos e benefícios da pesquisa.

Juazeiro do Norte, 04/03/2023



Participante da pesquisa

## APÊNDICE 02



### UNIVERSIDADE FEDERAL DE CAMPINA GRANDE – UFCG CENTRO DE FORMAÇÃO DE PROFESSORES – CFP

#### TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE ESCLARECIDO – TCLE

Você está sendo convidado a participar como voluntário(a) no estudo “*MUITOS EM UM SÓ CORPO*”: *O ASSASSINATO DE JONATHANN KISS E A EMERGÊNCIA DO MOVIMENTO LGBTQIAPN+ EM JUAZEIRO DO NORTE (2000 - 2023)*. Coordenado pela professora Dra. Ana Lunara da Silva Moraes e vinculado ao curso de Licenciatura em História da Unidade Acadêmica de Ciências Sociais (UACS), do Centro de Formação de Professores (CFP), da Universidade Federal de Campina Grande (UFCG).

Este estudo tem por objetivo buscar compreender quando e de que forma surge o movimento LGBTQIAPN+ na cidade de Juazeiro do Norte–CE, tomando como espaço temporal de análise de 2000 a 2023. Percebendo o contexto histórico e os motivos que, de maneira mais enfática, contribuirão para a emergência desses primeiros grupos, enquanto força política reivindicadora. Buscando fazer uma correlação do surgimento do movimento com a repercussão da morte de um famoso publicitário, morto na cidade nos anos 2000. João Vicente da Silva, popularmente conhecido como Jonathann Kiss, foi um homossexual que, à época, por meio do seu trabalho como produtor de eventos, radialista e comunicador, conseguiu galgar visibilidade como nenhum outro homossexual havia conseguido. Sendo assim, buscaremos, por meio desta pesquisa, investigar como a repercussão ocasionada pela morte do promotor de eventos é recebida pelo movimento LGBTQIAPN+ e o que é feito dela.

Após uma investigação preliminar, identificamos a ausência de trabalhos que tivessem como objetivo investigar o surgimento do movimento LGBTQIAPN+ no município de Juazeiro do Norte, ligado à morte de Jonathann Kiss. Por isso, consideramos relevante trabalhar a temática. A pesquisa, além disso, é relevante, ao pretender, mediante a um trabalho acadêmico, levar para o âmbito da academia discussões sobre a formação da luta homossexual

no município, permitindo o conhecimento da sua luta e trajetória e as políticas públicas conquistadas por incentivo do movimento.

Caso decida aceitar o convite, você será submetido(a) aos seguintes procedimentos metodológicos: elaboraremos um questionário com algumas perguntas, em seguida enviaremos o questionário para o(s) entrevistado(s), para poderem ter o conhecimento prévio do que tratará a entrevista e de como ela será conduzida. Logo em seguida, faremos algumas seções de entrevistas com perguntas dirigidas ao(s) entrevistado(s). Estimamos 1 hora por seção de entrevistas. O número de seções será conforme o aparato de informações do(s) entrevistado(s). Todas as seções de entrevistas serão conduzidas com o auxílio de um gravador.

Dos riscos da pesquisa: informamos que, caso aceite participar do estudo, os riscos são mínimos, sem qualquer risco à integridade do(s) participante(s). a) Em nenhum momento o(s) participante(s) será exposto a situações vexatórias ou que coloquem em risco a sua segurança. De todo modo, salientamos que, caso o(s) entrevistado(s) se sinta constrangido com alguma pergunta, poderá informar ao entrevistador que imediatamente tratará de parar a seção, efetuando as devidas correções no questionário de perguntas. b) Asseguramos que tomaremos todos os devidos cuidados no manuseio dos dados colhidos, proporcionando a confiabilidade dos participantes envolvidos. c) Em nenhum momento, os dados serão usados para causar danos tanto ao(s) voluntário(s) da pesquisa quanto a terceiros. d) Todos os dados colhidos têm por única e exclusiva finalidade o uso acadêmico.

Dos benefícios da pesquisa procedentes ao(s) voluntário(s): contribuir com um estudo histórico cujo objetivo é conceder visibilidade ao movimento LGBTQIAPN+ da cidade de Juazeiro do Norte. Objetivando criar mecanismos que tenham o intuito de combater a homofobia.

Se você(s) voluntário(s) tiver algum gasto decorrente da sua participação na pesquisa, você(s) será ressarcido, caso solicite. Em qualquer momento, se você(s) sofrer algum dano comprovadamente deste estudo, poderá recorrer aos responsáveis legais pelo estudo, buscando o direito de ser indenizado.

Informamos que, caso solicitado, a qualquer momento, em um período de 5 (cinco) anos, após o término da pesquisa, apresentaremos um relatório explicitando os trabalhos que estão ou que foram desenvolvidos ao longo da investigação.

Afirmamos ser direto do(s) participante(s) voluntário(s) do estudo, mesmo já tendo aceitado participar da pesquisa, retirar seu consentimento. Tal ato não acarretará nenhum prejuízo ou constrangimento. Ao término do estudo, afirmamos que os resultados obtidos serão

utilizados com fins acadêmicos, tomando todos os cuidados com o seu manuseio e a divulgação deles.

Atestado de interesse pelo conhecimento dos resultados da pesquisa:

( ) Deseja conhecer os resultados da pesquisa ( ) Não desejo conhecer os resultados da pesquisa.

Você(s) participante(s) voluntário(s) ficará com uma via rubricada em todas as páginas e assinada pelo responsável legal do estudo. Salientamos que, em caso de dúvidas a respeito das etapas desenvolvidas na investigação, poderá ser requisitado ao pesquisador responsável pelo estudo as explicações devidas.

**Dados para o contato com o responsável pela pesquisa**

**Nome:** Cicero Leandro da Silva Batista

**Instituição:** Universidade Federal de Campina Grande - UFCG

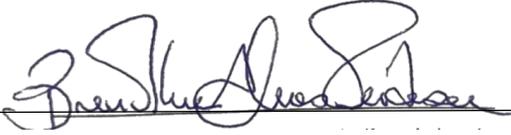
**Endereço:** Dr. Francisco Monteiro, 746, Triangulo, Juazeiro do Norte

**Telefone:** (88) 993084591

**E-mail:** cicero.leandro@estudante.ufcg.edu.br

Sendo assim, eu, Brendha Alves Feitosa, concordo de livre e espontânea vontade em participar como voluntário(a) do estudo "*MUITOS EM UM SÓ CORPO*": *O ASSASSINATO DE JONATHANN KISS E A EMERGÊNCIA DO MOVIMENTO LGBTQIAPN+ EM JUAZEIRO DO NORTE (2000 - 2023)*. Para fins, declaro que obtive todas as informações necessárias, concordando com a metodologia adotada e com os riscos e benefícios da pesquisa.

Juazeiro do Norte, 04/03/2023



Participante da pesquisa

## APÊNDICE 03



### UNIVERSIDADE FEDERAL DE CAMPINA GRANDE – UFCG CENTRO DE FORMAÇÃO DE PROFESSORES – CFP

#### TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE ESCLARECIDO – TCLE

Você está sendo convidado a participar como voluntário(a) no estudo “*MUITOS EM UM SÓ CORPO*”: *O ASSASSINATO DE JONATHANN KISS E A EMERGÊNCIA DO MOVIMENTO LGBTQIAPN+ EM JUAZEIRO DO NORTE (2000 – 2023)*. Coordenado pela professora Dra. Ana Lunara da Silva Moraes e vinculado ao curso de Licenciatura em História da Unidade Acadêmica de Ciências Sociais (UACS), do Centro de Formação de Professores (CFP), da Universidade Federal de Campina Grande (UFCG).

Este estudo tem por objetivo buscar compreender quando e de que forma surge o movimento LGBTQIAPN+ na cidade de Juazeiro do Norte–CE, tomando como espaço temporal de análise de 2000 a 2023. Percebendo o contexto histórico e os motivos que, de maneira mais enfática, contribuirão para a emergência desses primeiros grupos, enquanto força política reivindicadora. Buscando fazer uma correlação do surgimento do movimento com a repercussão da morte de um famoso publicitário, morto na cidade nos anos 2000. João Vicente da Silva, popularmente conhecido como Jonathann Kiss, foi um homossexual que, à época, por meio do seu trabalho como produtor de eventos, radialista e comunicador, conseguiu galgar visibilidade como nenhum outro homossexual havia conseguido. Sendo assim, buscaremos, por meio desta pesquisa, investigar como a repercussão ocasionada pela morte do promotor de eventos é recebida pelo movimento LGBTQIAPN+ e o que é feito dela.

Após uma investigação preliminar, identificamos a ausência de trabalhos que tivessem como objetivo investigar o surgimento do movimento LGBTQIAPN+ no município de Juazeiro do Norte, ligado à morte de Jonathann Kiss. Por isso, consideramos relevante trabalhar a temática. A pesquisa, além disso, é relevante, ao pretender, mediante a um trabalho acadêmico, levar para o âmbito da academia discussões sobre a formação da luta homossexual

no município, permitindo o conhecimento da sua luta e trajetória e as políticas públicas conquistadas por incentivo do movimento.

Caso decida aceitar o convite, você será submetido(a) aos seguintes procedimentos metodológicos: elaboraremos um questionário com algumas perguntas, em seguida enviaremos o questionário para o(s) entrevistado(s), para poderem ter o conhecimento prévio do que tratará a entrevista e de como ela será conduzida. Logo em seguida, faremos algumas seções de entrevistas com perguntas dirigidas ao(s) entrevistado(s). Estimamos 1 hora por seção de entrevistas. O número de seções será conforme o aparato de informações do(s) entrevistado(s). Todas as seções de entrevistas serão conduzidas com o auxílio de um gravador.

Dos riscos da pesquisa: informamos que, caso aceite participar do estudo, os riscos são mínimos, sem qualquer risco à integridade do(s) participante(s). a) Em nenhum momento o(s) participante(s) será exposto a situações vexatórias ou que coloquem em risco a sua segurança. De todo modo, salientamos que, caso o(s) entrevistado(s) se sinta constrangido com alguma pergunta, poderá informar ao entrevistador que imediatamente tratará de parar a seção, efetuando as devidas correções no questionário de perguntas. b) Asseguramos que tomaremos todos os devidos cuidados no manuseio dos dados colhidos, proporcionando a confiabilidade dos participantes envolvidos. c) Em nenhum momento, os dados serão usados para causar danos tanto ao(s) voluntário(s) da pesquisa quanto a terceiros. d) Todos os dados colhidos têm por única e exclusiva finalidade o uso acadêmico.

Dos benefícios da pesquisa procedentes ao(s) voluntário(s): contribuir com um estudo histórico cujo objetivo é conceder visibilidade ao movimento LGBTQIAPN+ da cidade de Juazeiro do Norte. Objetivando criar mecanismos que tenham o intuito de combater a homofobia.

Se você(s) voluntário(s) tiver algum gasto decorrente da sua participação na pesquisa, você(s) será ressarcido, caso solicite. Em qualquer momento, se você sofre algum dano comprovadamente deste estudo, poderá recorrer aos responsáveis legais pelo estudo, buscando o direito de ser indenizado.

Informamos que, caso solicitado, a qualquer momento, em um período de 5 (cinco) anos, após o término da pesquisa, apresentaremos um relatório explicitando os trabalhos que estão ou que foram desenvolvidos ao longo da investigação.

Afirmamos ser direto do(s) participante(s) voluntário(s) do estudo, mesmo já tendo aceitado participar da pesquisa, retirar seu consentimento. Tal ato não acarretará nenhum prejuízo ou constrangimento. Salientamos ainda que será mantido o total anonimato do(s) entrevistado(s) durante todas as etapas da pesquisa. Ao término do estudo, afirmamos que os

resultados obtidos serão utilizados com fins acadêmicos, tomando todos os cuidados com o seu manuseio e a divulgação deles.

Atestado de interesse pelo conhecimento dos resultados da pesquisa:

( ) Deseja conhecer os resultados da pesquisa ( ) Não desejo conhecer os resultados da pesquisa.

Você(s) participante(s) voluntário(s) ficará com uma via rubricada em todas as páginas e assinada pelo responsável legal do estudo. Salientamos que, em caso de dúvidas a respeito das etapas desenvolvidas na investigação, poderá ser requisitado ao pesquisador responsável pelo estudo as explicações devidas.

**Dados para o contato com o responsável pela pesquisa**

**Nome:** Cicero Leandro da Silva Batista

**Instituição:** Universidade Federal de Campina Grande - UFCG

**Endereço:** Dr. Francisco Monteiro, 746, Triangulo, Juazeiro do Norte

**Telefone:** (88) 993084591

**E-mail:** cicero.leandro@estudante.ufcg.edu.br

Sendo assim, eu, Faustino Pessoa, concordo de livre e espontânea vontade em participar como voluntário(a) do estudo “*MUITOS EM UM SÓ CORPO*”: *O ASSASSINATO DE JONATHANN KISS E A EMERGÊNCIA DO MOVIMENTO LGBTQIAPN+ EM JUAZEIRO DO NORTE (2000 - 2023)*. Para fins, declaro que obtive todas as informações necessárias, concordando com a metodologia adotada e com os riscos e benefícios da pesquisa.

Juazeiro do Norte, 02/05/2023



Participante da pesquisa

## APÊNDICE 04



### UNIVERSIDADE FEDERAL DE CAMPINA GRANDE – UFCG CENTRO DE FORMAÇÃO DE PROFESSORES – CFP

#### TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE ESCLARECIDO – TCLE

Você está sendo convidado a participar como voluntário(a) no estudo “*MUITOS EM UM SÓ CORPO*”: *O ASSASSINATO DE JONATHANN KISS E A EMERGÊNCIA DO MOVIMENTO LGBTQIAPN+ EM JUAZEIRO DO NORTE (2000 - 2023)*. Coordenado pela professora Dra. Ana Lunara da Silva Moraes e vinculado ao curso de Licenciatura em História da Unidade Acadêmica de Ciências Sociais (UACS), do Centro de Formação de Professores (CFP), da Universidade Federal de Campina Grande (UFCG).

Este estudo tem por objetivo buscar compreender quando e de que forma surge o movimento LGBTQIAPN+ na cidade de Juazeiro do Norte–CE, tomando como espaço temporal de análise de 2000 a 2023. Percebendo o contexto histórico e os motivos que, de maneira mais enfática, contribuirão para a emergência desses primeiros grupos, enquanto força política reivindicadora. Buscando fazer uma correlação do surgimento do movimento com a repercussão da morte de um famoso publicitário, morto na cidade nos anos 2000. João Vicente da Silva, popularmente conhecido como Jonathann Kiss, foi um homossexual que, na época, por meio do seu trabalho como produtor de eventos, radialista e comunicador, conseguiu galgar visibilidade como nenhum outro homossexual havia conseguido. Sendo assim, buscaremos, por meio desta pesquisa, investigar como a repercussão ocasionada pela morte do promotor de eventos é recebida pelo movimento LGBTQIAPN+ e o que é feito dela.

Após uma investigação preliminar, identificamos a ausência de trabalhos que tivessem como objetivo investigar o surgimento do movimento LGBTQIAPN+ no município de Juazeiro do Norte, ligado à morte de Jonathan Kiss. Por isso, consideramos relevante trabalhar a temática. A pesquisa, além disso, é relevante, ao pretender, mediante a um trabalho acadêmico, levar para o âmbito da academia discussões sobre a formação da luta homossexual

no município, permitindo o conhecimento da sua luta e trajetória e as políticas públicas conquistadas por incentivo do movimento.

Caso decida aceitar o convite, você será submetido(a) aos seguintes procedimentos metodológicos: elaboraremos um questionário com algumas perguntas, em seguida enviaremos o questionário para o(s) entrevistado(s), para poderem ter o conhecimento prévio do que tratará a entrevista e de como ela será conduzida. Logo em seguida, faremos algumas seções de entrevistas com perguntas dirigidas ao(s) entrevistado(s). Estimamos 1 hora por seção de entrevistas. O número de seções será conforme o aparato de informações do(s) entrevistado(s). Todas as seções de entrevistas serão conduzidas com o auxílio de um gravador.

Dos riscos da pesquisa: informamos que, caso aceite participar do estudo, os riscos são mínimos, sem qualquer risco à integridade do(s) participante(s). a) Em nenhum momento o(s) participante(s) será exposto a situações vexatórias ou que coloquem em risco a sua segurança. De todo modo, salientamos que, caso o(s) entrevistado(s) se sinta constrangido com alguma pergunta, poderá informar ao entrevistador que imediatamente tratará de parar a seção, efetuando as devidas correções no questionário de perguntas. b) Asseguramos que tomaremos todos os devidos cuidados no manuseio dos dados colhidos, proporcionando a confiabilidade dos participantes envolvidos. c) Em nenhum momento, os dados serão usados para causar danos tanto ao(s) voluntário(s) da pesquisa quanto a terceiros. d) Todos os dados colhidos têm por única e exclusiva finalidade o uso acadêmico.

Dos benefícios da pesquisa procedentes ao(s) voluntário(s): contribuir com um estudo histórico cujo objetivo é conceder visibilidade ao movimento LGBTQIAPN+ da cidade de Juazeiro do Norte. Objetivando criar mecanismos que tenham o intuito de combater a homofobia.

Se você(s) voluntário(s) tiver algum gasto decorrente da sua participação na pesquisa, você(s) será ressarcido, caso solicite. Em qualquer momento, se você sofre algum dano comprovadamente deste estudo, poderá recorrer aos responsáveis legais pelo estudo, buscando o direito de ser indenizado.

Informamos que, caso solicitado, a qualquer momento, em um período de 5 (cinco) anos, após o término da pesquisa, apresentaremos um relatório explicitando os trabalhos que estão ou que foram desenvolvidos ao longo da investigação.

Afirmamos ser direto do(s) participante(s) voluntário(s) do estudo, mesmo já tendo aceitado participar da pesquisa, retirar seu consentimento. Tal ato não acarretará nenhum prejuízo ou constrangimento. Salientamos ainda que será mantido o total anonimato do(s) entrevistado(s) durante todas as etapas da pesquisa. Ao término do estudo, afirmamos que os

resultados obtidos serão utilizados com fins acadêmicos, tomando todos os cuidados com o seu manuseio e a divulgação deles.

Atestado de interesse pelo conhecimento dos resultados da pesquisa:

( ) Deseja conhecer os resultados da pesquisa ( ) Não desejo conhecer os resultados da pesquisa.

Você(s) participante(s) voluntário(s) ficará com uma via rubricada em todas as páginas e assinada pelo responsável legal do estudo. Salientamos que, em caso de dúvidas a respeito das etapas desenvolvidas na investigação, poderá ser requisitado ao pesquisador responsável pelo estudo as explicações devidas.

**Dados para o contato com o responsável pela pesquisa**

**Nome:** Cicero Leandro da Silva Batista

**Instituição:** Universidade Federal de Campina Grande - UFCG

**Endereço:** Dr. Francisco Monteiro, 746, Triangulo, Juazeiro do Norte

**Telefone:** (88) 993084591

**E-mail:** cicero.leandro@estudante.ufcg.edu.br

Sendo assim, eu, Josmacelmo Geraldo da Silva, concordo de livre e espontânea vontade em participar como voluntario(a) do estudo “*MUITOS EM UM SÓ CORPO*”: *O ASSASSINATO DE JONATHANN KISS E A EMERGÊNCIA DO MOVIMENTO LGBTQIAPN+ EM JUAZEIRO DO NORTE (2000 - 2023)*. Para fins, declaro que obtive todas as informações necessárias, concordando com a metodologia adotada e com os riscos e benefícios da pesquisa.

Juazeiro do Norte, 08/03/2024



Documento assinado digitalmente

JOSMACELMO GERALDO DA SILVA

Data: 18/03/2023 18:11:35-0300

Verifique em <https://validar.iti.gov.br>

---

Participante da pesquisa

## APÊNDICE 05



### UNIVERSIDADE FEDERAL DE CAMPINA GRANDE – UFCG CENTRO DE FORMAÇÃO DE PROFESSORES – CFP

#### TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE ESCLARECIDO – TCLE

Você está sendo convidado a participar como voluntário(a) no estudo “*MUITOS EM UM SÓ CORPO*”: *O ASSASSINATO DE JONATHANN KISS E A EMERGÊNCIA DO MOVIMENTO LGBTQIAPN+ EM JUAZEIRO DO NORTE (2000 - 2023)*. Coordenado pela professora Dra. Ana Lunara da Silva Moraes e vinculado ao curso de Licenciatura em História da Unidade Acadêmica de Ciências Sociais (UACS), do Centro de Formação de Professores (CFP), da Universidade Federal de Campina Grande (UFCG).

Este estudo tem por objetivo buscar compreender quando e de que forma surge o movimento LGBTQIAPN+ na cidade de Juazeiro do Norte–CE, tomando como espaço temporal de análise de 2000 a 2023. Percebendo o contexto histórico e os motivos que, de maneira mais enfática, contribuirão para a emergência desses primeiros grupos, enquanto força política reivindicadora. Buscando fazer uma correlação do surgimento do movimento com a repercussão da morte de um famoso publicitário, morto na cidade nos anos 2000. João Vicente da Silva, popularmente conhecido como Jonathann Kiss, foi um homossexual que, à época, por meio do seu trabalho como produtor de eventos, radialista e comunicador, conseguiu galgar visibilidade como nenhum outro homossexual havia conseguido. Sendo assim, buscaremos, por meio desta pesquisa, investigar como a repercussão ocasionada pela morte do promotor de eventos é recebida pelo movimento LGBTQIAPN+ e o que é feito dela.

Após uma investigação preliminar, identificamos a ausência de trabalhos que tivessem como objetivo investigar o surgimento do movimento LGBTQIAPN+ no município de Juazeiro do Norte, ligado à morte de Jonathann Kiss. Por isso, consideramos relevante trabalhar a temática. A pesquisa, além disso, é relevante, ao pretender, mediante a um trabalho acadêmico, levar para o âmbito da academia discussões sobre a formação da luta homossexual

no município, permitindo o conhecimento da sua luta e trajetória e as políticas públicas conquistadas por incentivo do movimento.

Caso decida aceitar o convite, você será submetido(a) aos seguintes procedimentos metodológicos: elaboraremos um questionário com algumas perguntas, em seguida enviaremos o questionário para o(s) entrevistado(s), para poderem ter o conhecimento prévio do que tratará a entrevista e de como ela será conduzida. Logo em seguida, faremos algumas seções de entrevistas com perguntas dirigidas ao(s) entrevistado(s). Estimamos 1 hora por seção de entrevistas. O número de seções será conforme o aparato de informações do(s) entrevistado(s). Todas as seções de entrevistas serão conduzidas com o auxílio de um gravador.

Dos riscos da pesquisa: informamos que, caso aceite participar do estudo, os riscos são mínimos, sem qualquer risco à integridade do(s) participante(s). a) Em nenhum momento o(s) participante(s) será exposto a situações vexatórias ou que coloquem em risco a sua segurança. De todo modo, salientamos que, caso o(s) entrevistado(s) se sinta constrangido com alguma pergunta, poderá informar ao entrevistador que imediatamente tratará de parar a seção, efetuando as devidas correções no questionário de perguntas. b) Asseguramos que tomaremos todos os devidos cuidados no manuseio dos dados colhidos, proporcionando a confiabilidade dos participantes envolvidos. c) Em nenhum momento, os dados serão usados para causar danos tanto ao(s) voluntário(s) da pesquisa quanto a terceiros. d) Todos os dados colhidos têm por única e exclusiva finalidade o uso acadêmico.

Dos benefícios da pesquisa procedentes ao(s) voluntário(s): contribuir com um estudo histórico cujo objetivo é conceder visibilidade ao movimento LGBTQIAPN+ da cidade de Juazeiro do Norte. Objetivando criar mecanismos que tenham o intuito de combater a homofobia.

Se você(s) voluntário(s) tiver algum gasto decorrente da sua participação na pesquisa, você(s) será ressarcido, caso solicite. Em qualquer momento, se você sofre algum dano comprovadamente deste estudo, poderá recorrer aos responsáveis legais pelo estudo, buscando o direito de ser indenizado.

Informamos que, caso solicitado, a qualquer momento, em um período de 5 (cinco) anos, após o término da pesquisa, apresentaremos um relatório explicitando os trabalhos que estão ou que foram desenvolvidos ao longo da investigação.

Afirmamos ser direto do(s) participante(s) voluntário(s) do estudo, mesmo já tendo aceitado participar da pesquisa, retirar seu consentimento. Tal ato não acarretará nenhum prejuízo ou constrangimento. Salientamos ainda que será mantido o total anonimato do(s) entrevistado(s) durante todas as etapas da pesquisa. Ao término do estudo, afirmamos que os

resultados obtidos serão utilizados com fins acadêmicos, tomando todos os cuidados com o seu manuseio e a divulgação deles.

Atestado de interesse pelo conhecimento dos resultados da pesquisa:

( ) Deseja conhecer os resultados da pesquisa ( ) Não desejo conhecer os resultados da pesquisa.

Você(s) participante(s) voluntário(s) ficará com uma via rubricada em todas as páginas e assinada pelo responsável legal do estudo. Salientamos que, em caso de dúvidas a respeito das etapas desenvolvidas na investigação, poderá ser requisitado ao pesquisador responsável pelo estudo as explicações devidas.

**Dados para o contato com o responsável pela pesquisa**

**Nome:** Cicero Leandro da Silva Batista

**Instituição:** Universidade Federal de Campina Grande - UFCG

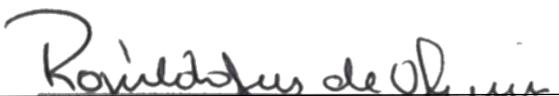
**Endereço:** Dr. Francisco Monteiro, 746, Triangulo, Juazeiro do Norte

**Telefone:** (88) 993084591

**E-mail:** cicero.leandro@estudante.ufcg.edu.br

Sendo assim, eu, Ronildo de Oliveira, concordo de livre e espontânea vontade em participar como voluntário(a) do estudo “*MUITOS EM UM SÓ CORPO*”: *O ASSASSINATO DE JONATHANN KISS E A EMERGÊNCIA DO MOVIMENTO LGBTQIAPN+ EM JUAZEIRO DO NORTE (2000 - 2023)*. Para fins, declaro que obtive todas as informações necessárias, concordando com a metodologia adotada e com os riscos e benefícios da pesquisa.

Juazeiro do Norte, 10/05/2023



Participante da pesquisa

## **ANEXOS**

## **ANEXO 01 – Transcrição da entrevista 01**

*Ailton Gama é um homem gay, uma pessoa conhecida na comunidade LGBTQIAPN+ da cidade de Juazeiro do Norte. Foi amigo de Jonathann Kiss, chegou a trabalhar com o produtor de eventos como coreógrafo.*

### **Nome completo?**

*Ailton Pereira Gama.*

### **- Você chegou a conhecer Jonathann Kiss?**

*É, primeiramente, foi, virou uma amizade e depois comecei a trabalhar com ele. Ele trabalhava muito com festa, ele fazia Os Melhores do Ano, fazia desfile. E eu comecei a trabalhar com ele. A partir disso aí, eu montava a coreografia de abertura, trabalhava também na parte de decoração junto, tinha outras pessoas que trabalhavam.*

### **- De que maneira Jonathann Kiss conseguiu se tornar um promotor de eventos conhecido não só na cidade de Juazeiro do Norte, mas na região do Cariri cearense?**

*Pronto. Ele estudava no Moreira de Souza, nesse tempo não o conhecia. A partir do Moreira de Sousa, ele já começou a fazer Miss estudantil, que faz na escola, e ele já começou. Foi começando e, como se diz, se assumindo ali.*

### **- Qual foi o ponto auge da carreira de Jonathann, o momento em que ele se tornou uma figura conhecida na cidade?**

*Teve. Foi no tempo que ele fazia essas festas, ele fazia Os Melhores do Ano. Que a sociedade daqui a todo mundo queria fazer roupa nova para ir para essa festa. Ele sempre trazia um artista novo que fazia esses Melhores do Ano. Esse foi o bum na carreira dele.*

### **- Com relação a sua sexualidade, Jonathann sofria preconceito por ser homossexual?**

*É, tinha. Não, mas assim, pelo que eu via, não tinha um preconceito.*

### **- Então, existia, mas pelo fato dele ser uma pessoa conhecida, as pessoas mascaravam?**

*Não, não. Eles tinham um respeito porque ele era um tipo que abria, vamos dizer, a porta para a sociedade.*

### **- Com relação a sua vida amorosa, ele era aquela gay escandalosa ou uma bicha discreta?**

*Era. Essa parte íntima dele, para a casa dele, só iam os mais próximos, nem o povo todo da*

*equipe ia, só iam os mais íntimos para a casa dele. Quando ele morava no, foi o tempo que ele foi morar no Novo Juazeiro, e ele tinha uma casa que tinha uma bica, um jardim, e para lá só*

*íamos mais íntimos mesmo. No final de semana, que às vezes tinha festa no sábado e no domingo, ia uma turma para lá, passava o domingo lá, ia almoçar lá. Eram só os mais íntimos.*

**- Como era a relação de Jonathann com a sua família?**

*É porque eu não convivi muito com a família. Eu ia à casa da mãe dele, conheci o irmão dele, mas não era de conversar sobre Jonathann Kiss.*

**- E naquela época, como era ser homossexual na cidade de Juazeiro do Norte?**

*Eita, e teve muita coisa. No tempo do Jonathann, tinha o Ronaldo, acho que é até Bruna que a gente chama hoje, tinha o Coelho, sendo a Camila Montenegro, que mora na Espanha. E eles tinham uma amizade. Pelo que eu via, não tinha um preconceito.*

**- Me fala de Jonathann, sua personalidade, vaidades, gostos?**

*Muito vaidoso. O cabelo dele era dele, tinha uma amiga da gente que era Senízia. Senízia era quem cuidava do cabelo dele. Quando ia ter a festa, aí ele já marcava com Senízia, para aquele cabelo dele, supervaidoso. A casa dele era uma casa de boneca, o quarto dele era muito bonito, espelho grande, cama bem grande, cortina bem... era uma casa de boneca.*

**- E a personalidade dele?**

*Para mim, como dizer. Eu sempre falava assim que era dois leões, como leões se entendem, né? Tinha uma amizade boa. Ele era exigente demais, quando era para ter a festa, todos os detalhes. Ele era muito perfeito, detalhista nessa parte.*

**- E o seu visual, quando ele passava, chamava muita atenção?**

*Ah, muito, é, eu vou dizer por mim. Porque às vezes a gente olhava assim, brincando mesmo, a gente olhava assim, é o que é, um travestir, um gay.*

**- Como era a relação de Jonathann com o meio social?**

*Tinha, aonde ele chegava, as pessoas já o conheciam, já conheciam o tipo da festa dele. Então, os patrocínios que ele conseguia, mas tinha a parte dele. E às vezes ele conseguia uma permuta, você decora aqui, aí eu vou botar seu nome na festa, e você dá uma parcela, um valor. Esse, Os Melhores do Ano, ele fazia, cada pessoa que fosse participar pagava um valor, contribuía.*

**- A descoberta o lançamento da modelo Suyane Moreira, ajudou a impulsionar a carreira dele?**

*Mas ele nem aproveitou muito a fama da Suyane, porque quando ela já ficou famosa, ele já tinha falecido. Ele não chegou a ver o sucesso dela. E se ele tivesse, acho que, se ele tivesse vivo, acho que ele já tinha um programa de televisão. Ele fazia entrevista com gente famosa. Quando vinha toda a região, mas quando vinham os cantores, tivesse algum show, ele fazia essas entrevistas. Tinha essa revista também. Era uma revista de moda da sociedade do Cariri. Tinha o pessoal que fazia a revista, ele fazia só na entrada da revista que ele botava um textinho dele. Não lembro o nome da revista, acho que era Fashion moda, uma coisa assim. Sim, ele era maquiador também, na festa de quinze anos ele maquiava.*

**- Com relação a militância homossexual, Jonathann chegou a se envolver com a causa?**

*No tempo, e que agora a gente já tem a casa da diversidade, ABMAVI, que a Brenda faz parte, no tempo dele não tinha esse movimento. Ele era tipo uma madrinha do pessoal, ele foi quem abriu as portas para quem veio depois. Hoje sou conhecido através dele.*

**- E como as pessoas reagiam com relação a homossexualidade de Jonathann Kiss?**

*Reagiam bem, não demonstravam. Como eu sempre falei, eu achei incrível, nosso tempo até hoje, tinha muito respeito por ele. Tinham o povo, as que eram vulgares, né? Que a gente via que tinha o preconceito, mas com ele, por isso, por ser conhecido, tinham um respeito. Quem estava do lado dele não sofria.*

**- E qual foi o tamanho da repercussão da morte de Jonathann Kiss?**

*Foi um impacto muito grande, porque foi uma pessoa conhecida que morreu assim, foi uma tragédia. Olhe, teve um tempo que morei lá com ele mesmo, no novo Juazeiro, aí eu saí uns dias antes da morte dele. Como eu falei, ele era a madrinha, o exemplo para os gays aqui de Juazeiro, quando ele faleceu foi uma perda. Ele tomava a frente, como ele tinha tipo o microfone, para tomar a frente, para falar mediante nós. Foi uma perda. A partir disso, foi que começaram os movimentos que hoje, graça, já têm a Casa da Diversidade e ABEMAVI, que é um que, se fosse no tempo dele, seria melhor ainda.*

**- Na sua opinião, a morte de Jonathann Kiss teve influência na formação do Movimento de Militância Homossexual na cidade de Juazeiro do Norte?**

*Foi porque eram as panelinhas. Tinha as nossas panelinhas, né? Uma turma mais amiga e tinha outra turma ali, aí foi fazendo os movimentos e a gente foi se juntando. Por isso que foi um impacto tão grande, a gente parou, como assim, Jonathann Kiss, não, não existe.*

**- E fora da comunidade homossexual, consegue dimensionar o impacto?**

*Exato, o impacto maior foi da forma como aconteceu. Eu fui lá, porque eu escutei no rádio, o pessoal que me conhecia e sabia que eu já tinha morado com ele, mandou eu escutar na rádio que estava passando. Quando eu escutei, corri, estava lotado de gente, tinha a porta, eu entrei para ter a certeza. Quando eu cheguei lá, ele estava deitado no chão. Eu fiz só passar para ter a certeza e fui para a parte de trás, que tinha um quarto na parte de trás da casa dele. Eu fiquei lá, mas sem acreditar. Eu fui para ter a certeza de que aquela imagem, aí depois eu procurei deixar a imagem dele, esquecer aquela imagem da morte, fui trabalhando isso.*

**- Na sua concepção, a memória de Jonathann Kiss ainda é presente no movimento?**

*Eu acho que esqueceram um pouco. Porque quem lembra, porque assim, ele era, trabalhava, eu sempre falo isso, ele trabalhava para a sociedade e a sociedade foi quem o matou. É um mistério que a gente não sabe. Quem foi que mandou matar? Isso é o que eu digo, é um mistério, foi a sociedade mesmo que o matou.*

## ANEXO 02 – Transcrição da entrevista 02

*Josmacelmo Geraldo da Silva foi um dos fundadores do grupo AADECHO e atualmente ocupa o cargo de presidente do Conselho LGBTQIAPN+ DA CIDADE DE Juazeiro do Norte.*

### **- Nome completo?**

*Josmacelmo Geraldo da Silva*

### **- Na sua concepção, qual foi o tamanho da repercussão da morte de Jonathann Kiss?**

*Olha, Jonathann Kiss era bastante conhecido em Juazeiro do Norte, só que, a meu ver, naquela época, ele não tinha essa repercussão de lutar pela causa LGBT. A causa dele é que ele era empresário, e como empresário ele trazia muitas atrações para o Juazeiro do Norte, mas não na visão daquela causa, que é a luta da população LGBT, né? Então, era mais a questão de se promover, que ele era prometer, ele tinha que se promover. E aí ele trazia umas atrações nacionais para o Juazeiro, coisa que alguém jamais iria trazer. Fazia algumas festas bastante participativas e tinha uma visão dentro do empresariado. Não na questão social, no movimento LGBT. Tive algumas vezes na residência dele, ali na época em quando ele residia com a mãe dele, se eu não me engano era na Santa Cecília, acho que era na rua Santa Cecília, ali próximo do Socorro. Algumas vezes eu estiver lá, ele fazia desfiles e ensaiava as meninas lá na casa dele, e algumas vezes eu estiver lá, algumas vezes a noite. A época eu tinha por volta de 16 a 17 anos, e a gente fazia, passeava pela cidade mesmo a noite, algumas praças. A repercussão da morte de Jonathann Kiss, após ele sair da residência da mãe dele e residir sozinho, lá onde ele foi residir no Novo Juazeiro. E houve essa questão de duas pessoas terem feito essa barbaridade com ele, causando a morte dele a época. E isso trouxe uma comoção muito grande na cidade de Juazeiro do Norte, não só aqui, mas foi levado ao Ceará todo e também até mesmo outros Estados do país. A questão da morte brutal do prometer Jonathann Kiss. E isso chocou bastante toda a sociedade, até mesmo porque o vínculo de amizade dele na cidade de Juazeiro do Norte, era um vínculo com empresários. Donos de lojas, que sempre estavam patrocinando os eventos dele, e isso chocou bastante esse meio empresarial e a sociedade em si. Foi muito chocante. Eu me lembro a época que no velório dele, aconteceu na casa da mãe dele, na rua Santa Cecília, foi levado o corpo, o cachão para lá. E aquela rua se transformou em uma grande fila, que vinha lá da Praça do Socorro até a residência dele, que era dois quarteirões. Uma fila muito grande para dá o adeus a ele, o último quando ele estava lá sendo velado. E chocou bastante. Eu na época tinha essa idade como eu já falei, entre aí, acho que uns 20 anos,*

*eu o conheci com 16, 17 anos, quando ele faleceu eu já estava por volta de 20 a 21 anos. Foi um choque bastante grande de forma trágica, da forma que aconteceu com ele.*

**- E para a comunidade homossexual, como foi essa perda?**

*Olha, a morte, como foi brutal, ela faz, ela traz a qualquer ser humano um choque. Porque foi uma morte brutal, mas outras pessoas do meio LGBT, da cidade de Juazeiro do Norte, e que não tinham tanto envolvimento assim com a sociedade, chegaram a falecer de forma trágica, e que nunca foram lembrados. Trago aqui a questão, quando eu me lembro do Miner, ele trabalhava na Cagece, era um senhor já aposentado, trabalhava na Cagece, e ele foi encontrado na casa dele, ali próximo ao seminário, todo enrolado no tapete e o mataram com uma facada na boca dele. E essa morte do Miner não chocou tanto, por quê? Porque o Miner não tinha um vínculo com a sociedade assim de fazer eventos. Mas ele tinha com a comunidade LGBT. Ele tinha um, bastante conhecido com a comunidade LGBT, e a morte dele foi bastante trágica, como foi a de Jonathann Kiss. Mas o que envolve as pessoas é justamente aquele, aquela questão de que Jonathann fazia eventos. Na cidade de Juazeiro do Norte, e ele aparecia muito mais na mídia do que qualquer outra pessoa. Mas houve outras mortes, com requintes, como no Miner. Como outros casos, outros acontecimentos, mas o de Jonathann Kiss toma mais destaque por conta disso. Ele era uma figura pública, conhecida por conta dos seus eventos, por conta de ser um radialista, ter um programa de rádio, que na época ele tinha um programa na Rádio Vale, depois foi para a Rádio Tempo. Quer dizer, era um radialista, tinha um programa de rádio que a época exigia, também tinha a revista dele que ele publicava e distribuía. Então, isso de qualquer maneira choca mais a sociedade, choca mais as pessoas em volta, por conta disso, do aparecimento que se fazia antes da sua morte. Para a comunidade LGBT, sim, é uma grande perda. Uma perda bastante significativa, e, não só a cidade de Juazeiro, mas o Ceará todo, por conta do trágico, como aconteceu essa morte, de forma trágica. Um assassinato bastante violento onde teve a vida ceifada e ninguém até hoje sabe o que, os motivos reais, o que aconteceu, o que foi que aconteceu naquela noite. E, no dia seguinte à morte dele, sentiram falta, porque ele gostava todos os domingos de estar no barzinho perto da casa dele, para tomar um caldo pela manhã, e nesse domingo sentiram a falta, ele não foi. Disse que os vizinhos o procuraram, procuraram, procuraram, e quando um dos vizinhos foi olhar pelo muro, o quarto dava pela frecha para ver dentro do quarto e no banheiro, no muro dava para ver, e disse que estava melado de sangue. E aí chamaram a polícia, e quando o olharam, ele estava lá, morto. Então isso chocou bastante, né? A notícia de um radialista, de um prometer, de uma pessoa, de um ser humano, ser morto de forma tão trágica como foi a*

morte dele. Chocou bastante a comunidade em si, não só a LGBT, mas a comunidade em geral em Juazeiro.

**- Na formação dos primeiros movimentos de militância, você participou? Qual foi o seu papel?**

*A cidade de Juazeiro do Norte, nós tínhamos aqui um movimento, tinha um movimento bastante pequeno que era o Tião. O Tião é um líder comunitário que reside ali no triângulo, ele é gay. Então, ele foi em Fortaleza, e em Juazeiro do Norte ele tinha uma entidade chamada Flor de Mandacaru, Flor de Mandacaru, não, Flor de Liz, me perdoe, Flor de Liz. Só que a instituição dele não era registrada e eu tinha amizade com outras pessoas e sempre ia para a Praça Padre Cícero, e na Praça Padre Cícero eu encontrei um dia distribuindo preservativos, mas que não distribuía para todo mundo da população LGBT. Só para algumas pessoas que tinham cadastro, que tinham uma fixa cadastral e o nome da pessoa tinha que estar naquele cadastro. Há época eu achei um absurdo, porque como você estar prevenindo as doenças e não abrange todo mundo, tem que ter algumas pessoas, como se fosse selecionado. E aí, hoje eu compreendo que era um projeto que tinha que era do GRAB, de Fortaleza, e o Tião era o agente multiplicador em Juazeiro. Então, o que acontece, o GRAB, pedia para o Tião, como agente multiplicador em Juazeiro, distribuir esses preservativos, como forma de prevenção as DSTS, que a época chamava de DST/AIDS. E o Sebastião fazia isso, só que a época me deixou em quieto, porque se é para distribuir, tem que ser para a população LGBT, em geral. Então, eu entrei em contato com o GRAB, e perguntei o porquê disso, ser selecionado as pessoas, me falaram que era o projeto que eles tinham e que o Tião era o agente multiplicador, mas me deram a ideia. Fundem aí no Juazeiro uma associação, registre ela e aí a gente entra com um projeto para ver se a gente consegue algum fundo. E aí a gente faz a distribuição maior. E isso foi feito. De imediatamente reunimos um grupo de pessoas. E aí a gente, surgiu a ideia de se funda o primeiro movimento LGBT de Juazeiro, que se chamava a época, AADECHO. Eu que coloquei, que é Associação de Apoio, Defesa e Cidadania aos Homossexuais. Para se registrar, para se reunir inúmeras pessoas LGBT, nós tivemos que ir até o Caudas, isso para chamar atenção das pessoas e participarem dessa fundação. Conseguimos um ônibus a época com um deputado local que cedeu um ônibus, e nós fomos até o Caudas. Lá no Caudas foi feita assembleia, foi lida a ata, todo mundo assinou a ata, e a partir daí estava criada essa entidade, a entidade LGBT, sendo a AADECHO. E a partir de então, levou-se ao cartório, registrou-se em cartório, ficou uma coisa legalizada com CNPJ, toda legalizada, e mandamos para o GRAB, dizendo que a instituição tinha sido fundada. Então, eles pediram para que a gente fizesse um*

projeto, um pequeno projeto para solicitar recursos do Governo Federal, para que a gente pudesse implantar aqui no Juazeiro, projeto de prevenção as DSTS. E assim foi feito, foi pego um modelo de projeto, um modelo de hanseníase que era do MOHRAN, e esse modelo serviu como modelo, não foi cópia, serviu como modelo. Nós criamos um projeto, foi o primeiro projeto de prevenção de DSTS de Juazeiro do Norte, para a população LGBT. Encaminhamos o projeto pronto para a apreciação no Ministério da Saúde, solicitaram um parecer do Estado, esse parecer foi dado pela Escola Pública de Saúde, a Dr. Virlene Malfada, ela deu o parecer. E aí nós recebemos do Governo Federal a época, em meados de 2000, recebemos em torno de 5 mil reais. Esse dinheiro caiu na conta da instituição, porque tinha que ter uma conta, e a instituição já estava toda legalizada, e foi feito 5 mil reais para que a gente pudesse fazer o projeto? Foi iniciado esse projeto, o valor foi gasto. Só que dentro da instituição, todo movimento é assim, tem pessoas boas e pessoas ruins. Quando começa a saber que tinha dinheiro, e principalmente dinheiro federal, 5 mil reais, pouco dinheiro, já se começou, principalmente no público LGBT, já começa uma questão de inveja, sei lá. Um disse me disse, tão gastando dinheiro com isso, tão gastando dinheiro com aquilo, e já começou um movimento aí para desorganizar a instituição. AQUI Muitas pessoas diziam, como pode, uma instituição que mal foi criada e já recebeu 5 mil reais do Governo Federal, sabendo da dificuldade que se é para receber algum recurso público, e principalmente para a população LGBT. Isso fez com que algumas pessoas dentro da própria instituição, criasse um ambiente não harmonioso, e começaram algumas pessoas dentro da instituição a mandar e-mail lá para o Governo Federal, questionando por que desses 5 mil, porque os viados, como usam a época, porque o governo estava liberando 5 mil para os viados se tinha outras coisas de mais prioridade do que isso. Mas aí, não foi dado ouvidos e esse projeto de 5 mil, nós recebemos uma proposta do governo de se fazer outro projeto com um valor maior. E o outro projeto foi feito, foi entorno de 26 mil reais, a época 26 mil reais era muito dinheiro, hoje não, não dá quase para nada. Mas a época, em torno de 26 mil, era um dinheiro absurdo. Então nós fizemos o projeto chamado de Projeto de Prevenção H2omens. Esse projeto era para beneficiar a questão de prevenção as DST/AIDS e os garotos de programas de Juazeiro do Norte. Então, esse projeto foi aceito, foi liberado, o dinheiro, caiu na conta, pediram para a gente fazer outro projeto, pois, viram que as coisas estavam andando tão bom de um jeito que pediram para que a gente fizesse outro projeto. E nós fizemos outro projeto chamado Trupe da Saúde, onde reunia técnicas circenses com teatros. Era um projeto para ser apresentado em praças públicas, em escolas. Isso, a gente tinha dentro do projeto uma equipe muito bacana que dava de conta do projeto, e tinha esses dois projetos, cada um desses projetos 26 mil reais. Só que o Trupe da Saúde ele foi duplicado, por erro do

*Ministério da Saúde, ele foi duplicado, então quando se duplicou, nós recebemos duas vezes o mesmo valor, por erro do Ministério. E nós entramos em contato dizendo que já havíamos recebido o valor, e tinha caído novamente o mesmo valor. Então disseram, olhe, aqui não tem como devolver, vocês gastem o dinheiro conforme o projeto e mandem nota, mande toda a documentação dizendo que foi feito o projeto e vamos em diante. E assim foi feito. Nesse projeto, o H2homens, nos abrangíamos os garotos de programas, as prostitutas, nos sempre nos reuníamos ali, nós não tínhamos sede, mas nos pedíamos a parceria, ali na Praça Padre Cícero, ali de frente a Praça Padre Cícero, que era o Cinedt. Uma parceria ótima, o Cinedt, cedia o espaço para a gente realizar nossas reuniões lá, a noite dava a chave para que a gente ficasse por conta lá, era ótimo, nossa instituição, o movimento era muito bem-visto na cidade de Juazeiro do Norte. Só, o que acontece, dentro da instituição tinha pessoas negativas, que não contribuía, e com inveja, porque eu fazia o movimento dentro da instituição como diretor administrativo, porque era uma instituição onde tinha presidente, vice-presidente, secretário, tesoureiro, diretor administrativo, diretor de cultura, entre outros. ? ó que a gente, eu sempre fui assim, se eu vejo que uma pessoa não está dando de conta de um serviço, eu tento ajudar, se eu vejo que mesmo com a minha ajuda a pessoa não consegue ir para frente, a gente não pode é parar o trabalho, não pode é parar, mas tem que colocar as coisas para frente. Então o presidente a época era Cesar, cabeleireiro o qual faleceu, era Cesar, o tesoureiro era João Alves, que é irmão do menino aqui, que tem uma lanchonete na rua São Paulo, e tinha o Paulinho que era diretor de algumas coisas, que hoje está morando na Espanha, tinha Naldinho que era tesoureiro, enfim, era uma instituição que funcionava como se tinha que funcionar. E aí, nós recebemos o recurso do Governo Federal, e dentro do projeto tinha a aquisição de um veículo, imagina só, um veículo para uma associação de gays em Juazeiro do Norte, onde outras associações, outras entidades não tinha de jeito nenhum, nem uma bicicleta para andar. Então era uma inveja tão grande que as pessoas começaram a ter inveja, como pode uma entidade dessa ter dinheiro e a gente a tanto tempo não tem. Aí começaram com as baixarias, com os fuxicados, dentro mesmo da instituição tesoureiro começou com olho gordo. O carro que veio, nos fomos em Fortaleza comprar, era um Saveiro. Esse carro era só para auxiliar os trabalhos na instituição. Houve algumas coisas dentro da instituição, houve discussão entre diretores, entre tesoureiro, isso tudo por conta do dinheiro, antes de ter o dinheiro havia harmonia, depois que passou 50 mil, 26 mil, não sei quantos mil, aí começou um desentendimento, desandar as coisas, dizer que o dinheiro não estava sendo utilizado, que eu estava roubando o dinheiro. Por fim, colocaram a instituição ADECHO no ministério público, com várias denúncias, eram muitas denúncias, eles mesmos, tesoureiros, todo mundo*

*da instituição, denúncias incabíveis que não existia. Mas, aí o Ministério tem que dar ouvido e tem que fazer a parte dele. Por fim foi feito o inquérito, mandou para a polícia federal, por fim solicitaram a busca do carro, solicitaram, enfim, a instituição ficou toda desandada, desandou totalmente, a gente ficou sem recursos, não tinha nem recursos para a gente pegar o aluguel da sede, nem energia, nem água, ninguém mais quis ajudar por causa dessas denúncias, e por fim, a instituição chegou a fechar por falta de recursos e por conta de um processo que tinha na justiça. A primeira instituição LGBT de Juazeiro do Norte, foi com muita luta para se criar, foi uma coisa rápida, rápida se criou e rápida ela acabou.*

**- Além da AADECHO, havia outros grupos?**

*Não, não havia outros grupos, era só ela, a ADECHO. Uma entidade muito forte, a gente tinha parceria com a faculdade, com outras instituições. Inclusive, um vereador dava muito suporte, era o vereador Fabio José do PSTU, na época ele ajudava muito essa instituição. Nós tínhamos um reconhecimento estadual, nós éramos reconhecidos como a primeira entidade LGBT na cidade de Juazeiro do Norte. Após o fim dessa instituição, que foi no ano de 2005, se eu não me engano, houve o fim dela. E o tesoureiro criou outra instituição chamada GALOSQUE. Essa instituição não vingou, aí se juntou Adriano Nobre na época, fundaram outra instituição, AVINGAR, AVIDAR, uma coisa assim, aí não vingou. E aí, o Faustino, através do MORHAN, conseguiu o projeto da parada gay do Estado, mas não tinha uma entidade definitiva, de cunho forte na cidade de Juazeiro. A GALOSQUE, depois veio AVIDAR, aí depois veio outra instituição que eu não me lembro, por fim, o movimento de Juazeiro está nas mãos da ABMAVE. A ABMAVE é a Associação Beneficente Madre Maria Vilar. Ela é um movimento LGBT, hoje em Juazeiro do Norte, e hoje está na mão dela, por conta desses acontecimentos em Juazeiro do Norte, e por conta também de que as pessoas vão passando se interessando pela causa, buscando recurso. Quem está à frente do movimento é o movimento Madre Maria Vilar, a qual é a ABMAVI.*

**- Na época, quais eram os principais objetivos da AADECHO?**

*A ADECHO na época, Associação de Apoio e Defesa e Cidadania aos Homossexuais, tinha como principais objetivos o apoio, defesa e cidadania. Então, essa instituição era para apoiar a causa LGBT, era para defesa da causa LGBT e para a cidadania LGBT. Nós fizemos aqui um mutirão para tirar RG da população LGBT, a época é a época, né? Fazíamos mutirão, fazíamos teste de HIV em praça pública. Então, era uma instituição, o objetivo dela era esse, procurar*

*a defesa, a cidadania e o apoio da população LGBT no município de Juazeiro do Norte. O que ela cumpriu com o seu papel na época em que ela existiu.*

**- Na época do surgimento da AADECHO, o movimento encontrou muita resistência na cidade?**

*Ave-Maria, resistência demais. Na época, 2000, 2005, por aí, a gente sofria uma perseguição tremenda. Porque aquela época era muito escondida, as pessoas não tinham hoje a liberdade que se tem, de chegar em qualquer esquina, em qualquer casa dizendo a sua orientação sexual, sem temer a nada. Naquele tempo, naqueles anos, as pessoas se escondiam, né? Não gostavam muito de aparecer, mas quem estava à frente de uma instituição dessa, dava a cara a bater para cuidar de tantas outras pessoas que estavam escondidas, sem querer aparecer. A resistência foi muito grande, inclusive o Fabio José, a qual na época era vereador e nos solicitamos que fosse criado em Juazeiro, a lei municipal do dia do orgulho gay e da livre expressão sexual. Imagina aquela época, um vereador apresentar um projeto desse em uma câmara totalmente machista, que a maioria tudo, homem, e um vereador apresentar um projeto desse. E ele apresentou, depois vai para a comissão, depois vai para alguma coisa, depois vai para a votação. E quando ele apresentou, ele Fabio José, que era o vereador a época, ele dizia que alguns colegas vereadores ficavam tirando sarro da cara dele a época, mas aí ele não se importava. Ficavam perguntando o que ele era da instituição, qual era a função dele, se ele fazia parte, sofriamos naquela época a homofobia e nós não sabíamos como reagir. Hoje em dia, se algum vereador faz um papel desse, ele sofre punição, porque as leis hoje estão sendo mais presente e mais atuante, hoje em dia. Mas naquela época eles perguntavam ao Fabio José, o que ele era da instituição, se ele fazia parte, tiravam uma ondazinha da cara dele. Mas aí faz parte também da questão do machismo que se encontrava na Câmara Municipal. O importante é que esse projeto do dia Municipal do Orgulho Gay, na cidade de Juazeiro do Norte, esse projeto foi aprovado totalmente pela maioria dos vereadores, foi unanimidade. A provado na Câmara, mesmo com o preconceito que eles tinham, mas eles aprovaram esse projeto. A época, o prefeito, se eu não me engano, era Carlos Cruz, quando esse projeto ele é aprovado, vai para o prefeito para sancionar, e o prefeito não quis sancionar, engavetou o projeto, após Dr. Raimundo assumir como prefeito, aí foi ele que sancionou a lei. Mas a lei foi aprovada e ficou engavetada, pois, o prefeito não quis sancionar, nem quis vetar a lei, esperou o outro prefeito entrar para ser sancionada. O outro prefeito foi o Dr. Raimundo Macedo, a cada ano a cabeça já ia se abrindo mais para o movimento LGBT, e hoje essa lei existe, ela estar em vigor, é a lei Municipal de Livre Expressão do Orgulho Sexual em Juazeiro do Norte. Uma conquista do*

*movimento, da associação ADECHO em Juazeiro do Norte, não só essa lei, mas nós tínhamos outra lei e ficávamos sempre na luta para que ela fosse aprovada de antes discriminatória, que também existe em Juazeiro do Norte, é empresas, comércios similares não podem discriminar pessoas pela questão da discriminação sexual dela. Existem essas duas leis em Juazeiro do Norte, que foram feitas por nossa luta a época, e que isso é um marco conquistado pelo movimento LGBT a época e que hoje está fazendo parte do legislativo local.*

**- Como você caracteriza as Paradas do Orgulho LGBTQIAPN+ na cidade de Juazeiro do Norte?**

*Pronto, vamos falar um pouquinho das paradas, paradas em Juazeiro do Norte. Nós não tínhamos ainda a ADECHO e queríamos fazer uma parada em Juazeiro do Norte. Aliás, nós já tínhamos, mas não tínhamos projetos aprovados para a parada gay. Então, o que aconteceu, a primeira parada de Juazeiro do Norte. Nos nus reunimos, já marcamos a data que iria acontecer, dia 28 de junho daquele ano, e aí nos coremos atrás de apoio, porque nós queremos um carro de som, queríamos um trio elétrico, queríamos alguma coisa e não tinha nada, porque ninguém queria ajudar, principalmente em Juazeiro? Era um absurdo uma terra santa como Juazeiro, conhecida a época por questões religiosas, isso aquilo outro, qualquer pessoa dar um carro de som para uma parada gay. Mas aí a gente conversou e a época, o Dr. Geovane tinha um carro de som ótimo, trio elétrico, ele disse que dava o carro dele, mas aí ele não sabia que era para a parada gay. Ele sabia que era para um movimento, e quando nós já estávamos prontos para esse carro descer na Rua São Pedro, nos sempre fazíamos a concentração ali onde é a escola militar, vizinho ao Estefano e dali a gente descia até a praça Padre Cícero. Na primeira parada gay, quando a gente já estava se reunindo, quando olhou para o relógio, o motorista de Dr. Geovane disse que não vai, não dá para ele ir. Então foi um choque muito grande, como ele vai dizer em cima da hora que não vão ceder mais o carro. Então estava tudo certo de que o carro iria descer e aquele movimento iria acontecer, então foi um desespero tão grande, nos fumos em algumas rádios. Inclusive João Hilario fazia parte da rádio Vale FM, e eu desabafei, né? Dizendo que o Dr. Geovane tinha dado o carro, já estava tudo certo com carro de som, e que ele tomou o carro por conta que era uma para gay, ele não sabia, e quando ele soube que era uma parada gay, ele mandou recolher o carro para não descer, que era um absurdo. Mas aquele meu desespero na rádio, o Dr. Raimundo, o filho dele, assessor dele, não sei quem era, ouviu e cedeu o caminhão dele, que ele tinha também um caminhão de som. Então aquilo foi um alívio, deu o carro dele, o caminhão dele. Então a gente foi na rua São Pedro na parada, sem ter nada, só a população, muita gente a época, por conta que a gente fez a*

*chamada no rádio. Mas foi bastante gene a primeira parada, ai pronto, todos os anos fazia a parada. No segundo ano, nos já contávamos com o apoio do Ministério da Saúde, já liberou uma verba, me parece que foi 3 mil a época, isso já aliviou bastante. E a autoridades também, certo eleitorais para aparecer, passaram a ajudar também porque via muita gente, a primeira parada deu muita gente, foi uma repercussão nacional até. Saiu em jornal, saiu em rádio, saiu em televisão, por conta disso, porque em Juazeiro nunca existiu e de repente ter uma parada gay em Juazeiro do Norte. Então isso fez a visibilidade, que as pessoas andam atrás de voto, justamente quando eles olham que ali tem voto, eles começam a liberar alguma coisa. Ir à gente contou aí já na segunda parada, a gente contou aí com cerca de 5 mil pessoas, depois a terceira parada a quarta, ir nos finalizamos se não me engano foi na quarta ou quinta parada gay em Juazeiro, deixamos de realizar. Ai a ABMAVE, o MOHRAN, aliás, que Faustino faz parte, teve o apoio do Estado para ele, ele fez também, depois passou para a GALOSQUE, depois da GALOSQUE veio a ABMAVE, e hoje, até hoje em dia é a ABMAVE quem realiza. Mas a primeira parada foi a instituição ADECHO que realizou em Juazeiro do Norte. Naquela época muito difícil, mas a gente sempre conseguimos, nosso objetivo era trazer a visibilidade a população LGBT no município de Juazeiro e isso nós conseguimos com muita luta, muita resistência, mas conseguimos.*

**- Na época de surgimento da AAECHO, como era viver a homossexualidade?**

*Na época em que surgiu, a situação da homofobia na cidade de Juazeiro do Norte era extrema, né? Nós sabemos que sempre teve essa questão, pois Juazeiro é tida como uma cidade religiosa, as pessoas respeitam muito a imagem do Padre Cícero, ele é o dono da cidade, portanto, qualquer comportamento fora dos padrões era tido, olha só, naquela época era tido como inaceitável. E, uma, AAECHO, ela é fundada, como eu falei, não sei se eu falei anteriormente. No dia da aprovação da lei que dava utilidade pública a ela, o vereador que nos ajudou foi o vereador Fábio José, do PSTU. E ele, como vereador, sentia na pele o quanto era a rejeição, ali dentro, do parlamento, o qual poderia garantir as leis necessárias, né? Ele sentia na pele o quanto a rejeição ali, essa questão toda. Até mesmo dentro do parlamento, poderia partir do parlamento, essa quebra de preconceito, a época era muito, tinha muito preconceito. As pessoas não tinham hoje, você ver a liberdade das pessoas de se dizerem quem elas são. Mas naquela época, só quem tinha muita coragem mesmo, quem enfrentava a sociedade, dizendo a sua orientação sexual. Muitos LGBT da época mantinham as escondidas, por conta da questão familiar, das pessoas, da própria sociedade não aceitar. Quando as pessoas passavam pelas ruas, por exemplo, que tinham um andado diferenciado, não padronizado, e as pessoas*

*desconfiavam de longe, essas pessoas serviam de chacota. As pessoas riam dela, debochavam, até vaiavam. Na rua, era um preconceito tremendo que havia na cidade de Juazeiro do Norte, naquela época.*

**- Como vocês mesmo mencionou AADECHO, foi a primeira instituição a organizar a primeira Parada do Orgulho Gay na cidade de Juazeiro do Norte. Gostaria de saber, se nessa primeira parada havia um sentido político, de reivindicar a violência, ou era mais pela questão da afirmação?**

*A época quando nos, conversando para fazer a primeira parada de Juazeiro do Norte, tinha a questão da quebra de preconceito mesmo, da sociedade juazeirense, de começar a aceitar a diversidade. Inclusive, o nome seria, Primeira Parada Gay Pela Livre Expressão Sexual. Quando se fez essa parada, justamente, quando houve essa primeira parada, foi justamente para isso. Quebrar o preconceito que existia em Juazeiro do Norte, dando visibilidade ao movimento LGBT, que se iniciava a época. Digo que se iniciava, mas o movimento já existia, mas era um movimento as escondidas. E a partir do momento que nos fundamos essa associação na cidade de Juazeiro, nos pretendíamos da visibilidade ao movimento de Juazeiro. E aí, foi feita essa primeira parada. Nós tivemos uma resistência muito grande, não da população LGBT, nem da população que por curiosidade queria ver, como se era aquela parada. A primeira parada gay, justamente foi para isso, foi para quebrar o preconceito na cidade, dando visibilidade ao movimento LGBT. O primeiro movimento nascido, nascido que eu quero dizer, o recém-nascido para mostrar a sociedade juazeirense, justamente a questão LGBT. Não uma parada onde anteriormente muitas pessoas viviam escondidas. Anteriormente tinha os carnavais em Juazeiro do Norte, e as escolas de samba, você via nas escolas de samba, muitas pessoas gays desfilando, não se sentiam constrangidos, justamente por isso. Porque a sociedade aceitava aquele momento, de carnavalesco. Mas a parada gay, justamente, é para sair do carnavalesco, e passar a mostrar, para a sociedade, de forma que ela possa ver e conseguir enxergar, para quebrar o preconceito, a discriminação a essa população. Então, a primeira parada gay de Juazeiro do Norte, nós tivemos resistência, mas a resistência que tivemos, não foi da população LGBT. Foi da questão política, política que eu digo é político mesmo. A cidade de Juazeiro do Norte teve alguns políticos que não aceitaram, teve algumas críticas. Mas o que valeu foi justamente a população que a gente queria alcançar, e nós conseguimos alcançar com essa primeira parada gay.*

**- Quais eram as principais demandas das pessoas que procuravam a AADECHO?**

*Nós recebemos muitas pessoas, a AADECHO começou a ter sua sede fixa numa rua, que nós começamos ali. Teve a fundação dela, depois da fundação dela, nós ficamos tendo a sede dela, a sede era dentro da minha residência, e depois nos fomos procurar, alugar um local para nos colocarmos ela. Conseguimos ali, na rua onde é o Cine Eldorado, nos colocamos ali a sede fixa da AADECHO. A procura da AADECHO, a gente sentia muita carência da população LGBT, eles procuravam a AADECHO, muitos deles por que não, porque muitos deles estavam em conflito familiar. Eles procuravam a AADECHO, para passar uns momentos, umas horas ali dentro. Porque dentro da AADECHO, nos oferecíamos uma sala onde tinha leitura, as pessoas poderiam navegar em internet. Que a época era muito difícil a pessoa ter, muitas vezes não tinha internet em casa. E aí, a gente começou a notar que as pessoas procuravam na carência do conflito, muitas vezes em casa, conflito familiar, a carência a moras, a carência de efetivação, tanto amorosa quanto familiar também. A rejeição dentro de casa, e algumas vezes nos também fomos procurados pela questão da fome. Muitas pessoas nos procuravam na questão de uma procura de uma cesta-básica, porque estava passando necessidade. E nos ajudávamos a quem nos procurava da melhor maneira possível. A instituição era aberta a população LGBT da cidade de Juazeiro do Norte, e muitas pessoas nos procurava, muitas passaram por ela e muitas tiveram a ajuda dela. Nós tínhamos a sede, quando a sede funcionava na sua sede fixa, que era alugada, que nos pagávamos aluguel, recebíamos a população LGBT. Qual afretávamos também oficina de sexo mais seguro, com distribuição de preservativos, distribuição de material informativo. E essas cestas-básicas, que a época não se chamava cestas-básicas, era ajuda mesmo, dávamos ajuda em alimentos. Nós fazíamos algumas campanhas nos colégios do município, né? Arrecadando alimentos, e esses alimentos se tornavam em ajuda para essa população.*

**- Na época do surgimento da AADECHO, como estava a situação do contágio do vírus do HIV?**

*Olha, era muito falada essa questão da AIDS, como se fosse uma causa homossexual. E as pessoas que eram vítimas dessa doença sofriam um preconceito muito grande. Eu cheguei a ver pessoas que não queriam beber em uma xícara de café de uma pessoa que tinha AIDS, mandava quebrar a xícara. Era um preconceito muito grande com a população. Os casos de HIV eram escondidos, porque as pessoas, por sofrerem tamanha a discriminação, escondiam. E aqui em Juazeiro, não tinha tratamento como tem hoje. Não tinha o Centro de Referência em Infectologia, as pessoas precisavam, faziam o tratamento fora do domicílio. Tinha um ônibus que levava da prefeitura, levava até a cidade de Fortaleza, capital, para que as pessoas*

*fizessem o tratamento lá. Muitas dessas pessoas davam o endereço de Fortaleza, pois constava que no Juazeiro a quantidade de pessoas era baixa, porque essas pessoas que faziam tratamento faziam fora do município. Por isso que começamos a fazer o trabalho de prevenção, na época chamava-se de DST, mas hoje é IST. Na época, nós começávamos a fazer o projeto, era o projeto H2omens, justamente para isso. O projeto H2omens, que nós tivemos o apoio do Ministério da Saúde, ele foi, fazia com que aquelas pessoas, garotos de programa, pudessem ter dentro da AADECHO, capacidade para ser um agente multiplicador de informação. Porque o agente multiplicador de informação leva à prevenção das DST/AIDS. Então, nos capacitamos aqui inúmeras pessoas LGBT, garoto de programa, prostituta. Na própria AADECHO, havia essa capacitação para que eles pudessem ser um agente multiplicador de informação. E a época essa doença era muito terrível, as pessoas que tinham eram muito discriminadas. AADECHO realizou em Juazeiro o primeiro fórum, em atenção às pessoas vivendo com HIV/AIDS, na cidade de Juazeiro. Foi até no panorama hotel, esse fórum. Os projetos são para prevenção e muitas pessoas que têm a doença fazem tratamento em Fortaleza, porque é até mesmo, porque aqui não tinha como hoje ter um Centro de Referência em Oncologia, hoje tem Juazeiro para as pessoas. Então elas fazem o tratamento aqui.*

**- O fato de não existir informações, campanhas, mecanismo de proteção, contribuiu com a propagação do vírus do HIV na cidade de Juazeiro do Norte?**

*Sim, há época, havia muita falta de informação. Se há época, você pegasse um preservativo, e abrisse o preservativo em uma praça pública, ou em algum local para explicar o uso do preservativo, aquilo era um escândalo. As pessoas não aceitavam aquilo, uma imoralidade, uma coisa proibida. E há época, houve-se muita resistência com a questão de se informar a população sobre essa questão de preservação. E justamente é isso. As pessoas tinham o hábito de fazer suas relações sexual sem se preocupa de se proteger, de oferecer não só a ele mais ao parceiro. Havia muitos casos registrado no município. Porque hoje a informação ta aí para todo mundo, só se contamina quem quer. Porque a informação estar para todo mundo, porque a informação agora com a tecnologia evoluída, a informação através da internet, de grupos de WhatsApp, Facebook, Instagram. Que dizer, as pessoas hoje estão muito mais protegidas quando não existiam esses meios de comunicação. E se você pudesse passar qualquer informação sobre prevenção, era muito taxativo, as pessoas taxavam muito como coisa proibida, coisa que você não poderia ta falando. Principalmente se fosse para adolescentes, pior ainda, não podia se falar nada disso, hoje tá mais aberto. Houve inúmeras pessoas contaminadas em Juazeiro do Norte, principalmente pela falta de informação concreta de como*

*se prevenir, como usar o preservativo. Nós tivemos outro projeto que era o Trupe da Saúde, que também era prevenção a AIDS e DST. O Trupe da Saúde, ele tinha técnicas circenses de teatro, onde nós éramos procurados por diretores de escolas, para levar essas informações ao estudante. Então, quando chegava na escola, se se reunia em sala de aula ou no pátio da escola, e por meio de técnicas circenses, tinha um grupo de agente multiplicadores. Eles passeavam a informação de modo que agradavam, principalmente os adolescentes. Conseguíamos passar as informações de como se prevenir. E, assim, a época, as coisas vão se evoluindo, o preconceito não vai acabando, mas vai diminuindo, porque acabar não consegue não. Então a época foi falta de informação mesmo, muitas pessoas se contaminavam. Principalmente essas pessoas que iam para São Paulo. Lá em São Paulo, não se cuidavam, não usavam preservativo e traziam de lá. Chegando aqui na cidade e passava o vírus.*

**- Sem o apoio do poder público, das famílias dessas pessoas, você considera que AADECHO, era o principal ponto de apoio para esses sujeitos?**

*A época, a gente, a instituição AADECHO, quando ela tinha sua sede fixa, ela era um ponto de apoio também nessa questão. As pessoas sofriam o preconceito, a discriminação, até mesmo pessoas que tinham o vírus HIV, que procuravam AADECHO como um meio de desabafo. E lá nós não tínhamos, na época, psicólogos, nós não tínhamos assistente social, essa equipe altamente funcional para fazer esse atendimento. Era um atendimento de emergência daquelas pessoas poderem conversar mesmo, aconselhar e falar sobre a situação. E através dos projetos que tínhamos, poder distribuir os preservativos, material lubrificante. Enfim, fazendo com que as pessoas se sentissem acolhidas.*

### ANEXO 03 – Transcrição da entrevista 03

*Ronildo Alves de Oliveira é um dos colaboradores da ABEMAVI.*

**- Nome completo?**

*Ronildo Alves de Oliveira.*

**- O que é a ABEMAVI e quando ela surgiu?**

*A ABEMAVI teve seu início em 2008, via voluntários que já realizava trabalhos no bairro São Miguel, em diversas frentes. Frentes essas com crianças mais pobres, idosos, mais juridicamente falando, institui-se a associação em março de 2009. São 14 anos exatos que nos atuamos. A ABEMAVI atua no campo do enfrentamento a todo o tipo de preconceito, discriminação, nos direitos humanos da população e também, é, no fortalecimento de vínculos, seja ele criança, nosso público. Famílias, gestantes, é, população em situação de rua. E em 2014, precisamente, nós começamos a trabalhar com o público LGBT, que estar nos principais espaços de sociabilidade aqui em Juazeiro. Por exemplo, Praça do Giradouro, Praça Padre Cícero. A gente começou a ir com ações de saúde, né? Abordando, orientando, prevenção naquela época as DSTs, que hoje são IST. Começou todo aquele trabalho de escuta, encaminhamento e em 2015, a ABEMAVI, tivemos a ideia enquanto instituição, de iniciarmos as semanas das diversidades. Em 2015 foi a primeira Semana da Diversidade, e aí então, a semana, é, antecipa as paradas, antigas Paradas Gay. Que hoje atuamos como paradas do orgulho LGBTQIAPN+. Então o marco, outras instituições já tinham assumido aqui no cariri as semanas, anteriormente a GALOSQUE, outros movimentos, mais em 2015, nos de fato assumimos as Semanas da Diversidade. E uma semana de atividades políticas, culturais, pedagógicas, sobre saúde sociais, que antecede toda aquela semana do dia da realização das paradas do orgulho. Então, desde 2015, nos atuamos juntos a população. Então, ela não fica só na parada, ela começa com as semanas, outras atividades como o 29 de janeiro, sendo o dia da diversidade trans, o dia 28 de agosto, sendo o dia da diversidade lésbica. E aí, a gente começa já, tendo todo uma capilaridade aqui no cariri, com uma instituição que ele começa fazendo um trabalho diferenciado, durante todos os 365 dias. Não fica mais só na semana da diversidade. E aí, começa a ser crescer esse público, crescer esse público, esse público, as semanas vão tomando uma dimensão maior, né? E, como a parada também, e até que em 2020, nós, após o falecimento da Cristiane Lima, que foi uma mulher trans, travestir, uma mulher travestir, que fazia parte da nossa instituição. Inclusive representou a ABEMAVI, conselheira*

*LGBT, é importante esse recorte aqui, faço um também, um resgate histórico. A ABEMAVI foi a grande precursora, também, que fomentou a criação do primeiro conselho LGBT do Estado do Ceará em 2013. Então, ela tem sua contribuição, suas ações de advogue, em 2013, quando a gente criou o primeiro concelho, o município criou, graças uma cobrança da gente, é tudo mais. Outra ação da ABEMAVI, foi a criação do dia municipal de luta contra a LGBTfobia, que, o 10 de setembro. Por que 10 de setembro? E a data do assassinato de Jonathann Kiss, por isso que a gente fez essa homenagem, que ficou como um dia emblemático para o movimento. E aí, nós tivemos, no próprio estatuto, trabalhando com a população LGBTQIAPN+. E tivemos a mudança para a nossa alteração, quando a Brendha Vlazack, uma mulher trans, assumiu a vice-presidência da ABEMAVI, né? Então, também, trazendo para si, a presença da população LGBTQIAPN+. E em 2020, voltando, nós assumimos a ideia de já, por toda a demanda social que se tinha, o contando com a população, nos demos início a Casa da Diversidade Cristiane Lima. Que é uma casa inclusiva para a população LGBTQIAPN+ de Juazeiro e do Cariri, que nos últimos anos já atendeu mais de 2 mil, pessoas LGBTQIA+, no município e no cariri.*

**- Na época que a ABEMAVI surge, quais eram as principais demandas do público LGBT na cidade de Juazeiro do Norte?**

*Em 2014, acho que ainda estamos no momento de lutar pela legislação, que era, lembro, a gente lutava muito, porque a LGBTfobia era crime, em todo o Brasil. Vivenciava os relatos de violência, de LGBTfobia, que não era considerado crime. Então, acho que naquele primeiro momento, 2014, 2015, é tanto que eu acho que a parada de 2015, 2016 era essa. LGBTfobia é crime, legalizasse já, né? Então, naquele primeiro momento, também foi um momento de divisor de águas, onde começa a formular as políticas públicas que nós não tínhamos no município. O município não tinha um concelho, não tinha leis específicas para a população trans. Hoje nós temos a lei de cotas, 3%, nós temos a lei que não foi tirada do papel para a criação da primeira casa de referência do Estado, do interior do Ceará. Então, assim, a coisa avançou depois de 2015.*

**- De onde provinham os recursos para manter a instituição e os seus projetos?**

*Hoje a ABEMAVI atua no campo de doações, sejam elas pessoas físicas ou jurídicas, né? Com nossos diversos grupos de atendimentos, mas focados na população LGBT, nós tínhamos nas épocas da semana e da parada, geralmente nos consegue o benefício, né? Acessando um edital de seleção pública da Casa Civil do governo do estado do Ceará. Que através desse incentivo*

*a gente consiga fazer as semanas das diversidades e as paradas. E durante todo o ano, a gente conta apenas com recursos pequenos, ilimitados, né? Por exemplo, nós temos um parceiro que é o fundo LGBT, o fundo positivo, que através dele a gente consegue pagar água, luz da Casa da Diversidade, né? E outras doações espontâneas que sempre aparecem, sextas básicas, sejam os quites de higiene, que nos últimos dois anos têm contribuído muito, principalmente nesses tempos da pandemia da covid19 que deixou, assim, sequelas. Por exemplo, hoje a gente tem também atendimento psicológico gratuito, social, é enfermagem. Então, assim, é muita coisa que se foi ofertada, né? E a gente precisa cada vez mais fortalecer, buscar parcerias para garantir a sustentabilidade da Casa da Diversidade e o trabalho junto à população LGBT+.*

**- E as Paradas do orgulho LGBTQIAPN+, como eram organizadas?**

*Paradas em si em Juazeiro, até 2014, eu mesmo participei de algumas, eram aquelas datas pontuais, tinha um dia, geralmente eram nos finais de semanas, sábado e domingo. Descia-se naquele cortejo na rua São Pedro e se enceravam com atos de fala, mas assim, não tinha aquela perspectiva de ato político, cultural, era um ato mesmo cultural, né? E tanto que a gente instituiu, em 2015, as semanas da diversidade, foi para dizer: não vai ser um dia, não, vai ser a semana toda de ações que antecedem. E aproveitar para sempre trabalhar um tema norteador, a cada ano a gente traz um tema. Por exemplo, ano passado, como era ano de eleições municipais, a gente trouxe o tema dá, não eram eleições para governos, né? Era para o governo, presidente, senador e deputado. A gente trouxe o tema do voto, LGBT, seu voto com orgulho. Então, a gente sempre traz essa consonância do momento em que a gente vive esses temas principais.*

**- E a morte de Jonathann Kiss, de alguma forma a repercussão da sua morte, a sua memória, ela está presente no movimento?**

*Sim. O Jonathan foi aquele precursor, logico que teve outras pessoas primeiro que ele, né? Que iniciaram, não, um movimento organizado, mas foram LGBTs que tiveram sua grande contribuição na sociedade juazeirense e no Cariri. Mas a partir da morte do Jonathan em 2000, ela começa a ser uma luta que não era só mais de LGBT, era uma luta de sociedade que queria que fosse feita justiça, era luta das famílias, era luta de outros grupos organizados de classe, né? Então, é, o assassinato de Jonathan, naquela década, foi um momento repercutido. Então, assim, para não deixar passar em branco, por isso que a gente instituiu, fizemos esse pedido de lei, né? A Câmara Municipal instituiu, o prefeito sancionou, né? O prefeito Arnon Bezerra, na época, sancionou a lei, dando o 10 de setembro como dia municipal de luta contra a*

*homofobia, contra a LGBTfobia no geral. Só que a gente vê ainda muita inércia do poder público, né? Porque a lei diz que precisa ser feitas ações conjuntas, ações afirmativas, mas ainda são poucas as ações, né? Então, que o dia 10 de setembro também, por memória do Jonathan, por tantas outras, por Pamela, né? Que também foi uma mulher trans assassinada aqui, nos últimos 5 anos, né? Por todas as outras que sofreram violência, mas a morte de Jonathan, a prefiguração de Jonathan antes da morte e um divisor de água, como um precursor, como aquele que organizou, não organizou um movimento, ele nunca organizou nem uma instituição, mas foi quem acolheu as meninas trans, os homens gays. Que naquele momento fez sua história e contribuiu com essa luta.*

**- Então na sua percepção, o fato de o Jonathann Kiss ser uma figura pública, conhecida, certo de que outras pessoas também morreram em circunstâncias brutais, semelhante à morte de Jonathann Kiss, mas por ele ser essa figura pública, a morte dele despertou esse sentimento. Assim, na sua concepção, a morte de Jonathann foi a grande responsável por despertar esse sentimento?**

*Desperta sentimento, sentimento de luta, de revolta, de rebelião, de resistência. Porque, até então, nós já tínhamos outras pessoas LGBT que tinham sido assassinadas, né? Mas nos últimos 30 anos, a morte de Jonathan foi uma das maiores, chamou a atenção da mídia, da imprensa televisiva, escrita, da internet, né? Teve outras mortes depois de Jonathan também, né? Mas assim, a de Jonathan foi aquela que deu o impulso para se começar a escrever esse novo momento na história do movimento LGBT do Cariri e do Juazeiro. Porque estava aqui, era o Jonathan que fazia aquelas festas, era o Jonathan que acolhia muitas vezes pessoas LGBT que eram expulsas de suas casas, quando não existia nenhuma outra filantropia, nem outra casa. Ele também fez esse papel social.*

**- De que maneira a memória de Jonathan Kiss estar presente no movimento?**

*O Jonathann, como ele falou, a presença do Jonathan é muito marcante, né? Precisava ser escrito muito sobre ele, falado muito, muito resgate de histórias. Porque tinha outras pessoas antes dele que jamais, por exemplo, o Zé do disco, que é muito antigo aqui no Juazeiro, o De que veio antes do Jonathan. Mas o Jonathan, além de ter ocupado o seu espaço naquela época, seja por seus eventos culturais, seja por seus eventos LGBT, também teve um momento cultural que foi a morte violenta do Jonathan. Foi quando começou, no Brasil afora, a luta do movimento para ser considerado crime, né? Porque foi com crueldade. Foi com isso que muitos outros assassinatos do Brasil não ficaram somente como homicídio, mas que fossem colocados*

*como forma de crime de ódio, né? Que é essa a LGBTfobia, essa diferenciação do crime, do ódio, do tamanho da violência que fosse praticada. Então, o Jonathan tem sua presença, sua contribuição naquela década de 2000. Com a contribuição dele, como também pós-morte, quando começa a ser feito esse resgate de histórias. Temos a Comenda, como você mesmo falou. A Comenda é uma forma de evocar o momento, para homenagear outros ativistas LGBT, que estão vivos hoje, fazendo acontecer a luta e a resistência para que outros LGBT não sejam mortos, não sejam cercados os direitos, não sejam criminalizados, afastado o estigma, mas que sejam validos os direitos humanos da pessoa como o geral. Mas nós sabemos que a LGBTfobia é muito mais presente nesses casos. Temos o Brasil ainda hoje no ranking, no mundo, o país que mais mata LGBT, e a morte de Jonathan também faz parte desses índices.*

**- E o conselho LGBT, o que é o conselho, quais as atividades que ele desenvolve?**

*São os concelhos municipais de direitos. Existem vários, crianças, idosos, adolescentes, eles são fiscalizadores e propositivos, eles não executam, o conselho não executa, quem executa é o executivo, né? O legislativo legisla e o executivo realiza, e tal. Nós do terceiro setor, podemos estar propondo. Então, em 2013, nós criamos, depois de muitas leis, mas só foi sair do papel em 2015, o primeiro conselho LGBT municipal de direito LGBT, né? E paritário, 50% são civis, 50% é governo. Então, quem faz parte desses conselhos? Existe seleção cada 2 anos, um fórum onde é feita a eleição desses representantes, e lá essas reuniões são mensais, qualquer pessoa pode participar. Acontece no CSU, uma vez por mês, onde são discutidos os temas, né? Relevantes para a população LGBT, acolhe denúncias também, encaminha, e também é parceiro na realização de algumas atividades pontuais, como o dia da diversidade, lésbica, trans. E o conselho hoje é referência, a partir do exemplo dele, criou-se o primeiro conselho de Fortaleza, na capital, depois dele criou-se o primeiro conselho estadual LGBT. E agora tivemos recentemente a criação do segundo conselho, o qual foi o do Crato, e o terceiro conselho, sendo o de Jardins. O Cariri tem apenas esses três conselhos LGBT. Mas foi a partir do exemplo da garra, do exemplo de Juazeiro do Norte.*

**- Qual é o trabalho que é desenvolvido na ABEMAVI hoje?**

*Hoje a ABEMAVI tem fundamental desde a questão do acolhimento, por exemplo, nós temos curso agora de informática profissionalizante para pessoas trans e LGBT aqui na casa. Então, a gente tem uma sala de informática, inclusive, essa sala de informática leva o nome da Pamela Pavanek, que foi um travesseiro nosso que estava aqui com a gente todos os dias e foi brutalmente assassinada há 5 anos, lá em Exu, Pernambuco. E, essa sala tem vários*

*computadores, como já falei, está acontecendo até o final de abril um curso profissionalizante. Nós também temos as qualificações, as capacitações para a população LGBTQ+. Como os atendimentos individuais que chegam aqui. Por exemplo, agora meio-dia, chegou uma menina travestir que sofreu transfobia em uma churrascaria hoje, foi almoçar, o cara percebeu que ela era travestir, disse que não ia vender, que não queria ela lá, enfim. Acabam chegando essas demandas espontâneas, a gente acolhe, orienta, se for para encaminhar para algum órgão, a gente já encaminha, se não, a gente envia para a casa da diversidade, que já tem toda uma equipe pronta para acolher.*

## ANEXO 04 – Transcrição da entrevista 04

*Faustino Pinto é um militante atuando em defesa da causa LGBTQIAPN+ e junto ao movimento das pessoas com Hanseníase – Morhan.*

### **- Nome completo?**

*Faustino Pinto*

### **- Para você, quem foi Jonathann Kiss?**

*Então, Jonathann Kiss para mim, você acabou de citar bem. Jonathann Kiss para mim, era um promotor de evento, radialista, tinha uma influência muito grande dentro da sociedade, ele conseguia, naquela época, década de 80, adentrar na casa de pessoas que visualmente não gostavam desse tipo de público. E ele conseguia, conseguia entrar nesses tipos de lares, conseguia transitar numa tranquilidade muito grande. Até porque as mulheres da época admiravam o cabelo dele, que era um cabelo imenso, bem lisinho, preto, e muitas mulheres, assim, eram alucinadas por aquele tipo de cabelo na época. Muitas queriam ter o tipo de cabelo, as roupas que Jonathann usava eram meio estranhas. Ele meio que, sempre andou na moda, mas ele tinha um look assim, que eram bem característicos dele. Que era uma calça boca de sino, um tamanco, se usava muito tamanco naquela época, é, uma blusa meio que mostrando, não era uma mine blusa, era uma blusa meio que mostrando a barriga, barriga grande, lógico. E ele tinha uma pele muito bonita, muito limpa, ele se cuidava bastante. Mas assim, para mim, era uma pessoa que não era, ele era uma pessoa que transgredia, ele estava além do seu tempo, mas não era uma pessoa que dizia assim, é, eu defendo uma causa. Porque muita gente atribui o movimento LGBT ao Jonathann, mas não é, ele não militava em causa nenhuma. Ele fazia algumas atividades de caridade, mas que não tinham nada a ver com o movimento LGBT. A gente nunca viu Jonathann em defesa de gay nenhum, essa é a verdade.*

### **- O fato de Jonathan não atuar em favor da causa homossexual, não seria por medo de se expor?**

*Assim, naquela época, década de 80, os homossexuais nas ruas falavam: lavem o “viado”, eles jogavam, às vezes eles jogavam pedras. Batiam, botavam para correr, tinham muito essa questão. Hoje se fala em violência, mas eu acho que a violência naquela época era bem maior. Hoje a gente tem as redes sociais, que não nos deixam ficar desenformados. Alguém passa numa rua aqui, próximo ou longe, sempre vai ter alguém, uma pessoa que vai noticiar nas suas redes sociais, as notícias chegam mais rápido. Naquela época, o povo era assassinado, vítima*

*de violência, e a gente só sabia das coisas quando noticiava no rádio, ou a fofoca era espalhada*

*pela cidade inteira. E assim, muitas pessoas naquela época eram vítimas dessa violência, Jonathann não era, mas eu acho que a questão de Jonathann, não querer se envolver. Porque, na verdade, ele era, ele agia por conveniência, era uma pessoa que, na época do carnaval, no carnaval, estava lá no meio de todo mundo, no meio da galera, no meio do trio. Porque o carnaval na época era feito, e ainda hoje é, na sua grande maioria, por pessoas pobres, ele estava lá no meio. No meio dos outros homossexuais, tinha muito “cafuçus” lá, bandido e tudo, ele estava lá no meio. Sem problema nenhum, era de conveniência. E, fora essas situações, ele não estava, ele não circulava, e circulava com esse tipo de gente quando saía à noite. E, eu acho que assim, ele não queria realmente esse tipo de envolvimento, não porque fosse diminuir o seu trabalho enquanto promotor de eventos, enquanto radialista e tal, acho que era aquela coisa de não querer se misturar. Eu, você sabe, até hoje, até hoje existe essa coisa do gay que é fino e do gay que é “cafuçu”. E do gay que é fino e não quer se misturar com o gay que é “cafuçu”. Na verdade, eu acho o nosso movimento LGBT muito preconceituoso. Então, assim, que é um preconceito que eu digo que é estrutural, é um preconceito raiz, ele vem de muito tempo, daquele que tem um lugar na sociedade, não quer muita aproximação com aquele que é pobre ou que não é do meio. Do que tem preconceito com gordo, que tem preconceito com o gay magro, que tem preconceito com o gay mais afeminado, com o mais masculino, é que tem essas coisas. Eu acho que era por aí, não era pela questão de se eu for me envolver, vai diminuir o meu trabalho, porque ele não tinha realmente na minha opinião, sabe.*

**- Na sua concepção a morte do Jonathann Kiss despertou algum sentimento de revolta entre a comunidade homossexual?**

*Olha, é, sim. Sei que a morte do Jonathann foi uma morte emblemática, tal, foi matéria, e só foi matéria de jornal e tudo, porque ele era uma pessoa conhecida da sociedade. Houve um crime bem maior, na minha opinião, um crime bem mais cruel, no sentido da cena do crime, do que a de Jonathann. E Jonathann foi vítima de violência, aquela coisa toda, pegaram na estatueta, aconteceu, ninguém sabe até hoje qual foi a motivação. Mas teve um crime, que foi de um homem, na faixa dos seus 50 anos. Que foi assassinado em um matagal, e com uma faca enfiada no ânus. Então assim, se é para se escandalizar com um crime, um crime como este é muito mais de ódio do que o de Jonathann. Porque você vê que assim, uma pessoa pega outro, que ele foi encontrado, é de cabeça para baixo, com as nádegas para cima e com a faca enfiada dentro. Então isso é um crime de ódio de verdade, do que aconteceu com Jonathann. Quem estavam na casa de Jonathann eram pessoas que eram do seu convívio, a gente nem pode dizer que foi um crime de ódio. Porque assim, o que se tem são as apurações, ninguém sabe realmente*

*os reais motivos. Agora um crime como este, dava para escandalizar a comunidade LGBT muito mais, e ser muito mais banido de luto. Mas eu penso que o movimento se apropriou da morte do Jonathann, ele se apropriou. Acho que, é, procuraram algo para chocar a sociedade. E para voltar os olhares para o movimento LGBT, que eu acho que foi desnecessário, pois não precisava. O movimento LGBT, logo quando surgiu, já escandalizava por si só. Por ver aquele monte de viado, sapatão na rua, já escandalizava por si, só. Eu lembro que, nas primeiras paradas LGBT aqui em Juazeiro, era na rua São Pedro, e o trajeto ele era imenso. Era do ginásio poliesportivo até a praça Padre Cícero, você via gente, da concentração até a Praça Padre Cícero, as ruas eram superlotadas. Era uma coisa assim, eu acho que, de caminhadas. Eu acho que nem uma coisa tradicional de Juazeiro que é, um evento que fazem com os carroceiros, todo ano desce um monte de carroças pela rua São Pedro, não juntava, não junta tanta gente como naquela época. Era gente do lado direito, do lado esquerdo, as calçadas ficavam abarrotadas e as pessoas brigando por um espaço na calçada, para ver melhor. E na época, hoje não, as bichas querem ir ao chão, mas na época tudo queriam ir em cima do trio. Era dois, três trios, aqueles trios imensos, que alugavam o trio, tinham muito dinheiro. Na época, quando o movimento LGBT surgiu, o Ministério da Saúde dava muito dinheiro para essas paradas. Eu lembro que eram trios que vinham de outros Estados, trios imensos. E a rua ficava abarrotada. Então, assim, é, então, o quer que eu acho, não precisava dessa apropriação. E aí começaram a chegar na prefeitura, parava, iam rezar um pai de nosso para Jonathann, mas porque para o Jonathann. Se antes do Jonathann, depois do Jonathann veio muita gente que faleceu devido à violência.*

**- Então, na sua concepção, o movimento se apropriou da repercussão da morte de Jonathann Kiss para conceder visibilidade as suas ações?**

*Sim, eu acho que sim. Eu acho que não tinha essa grande necessidade. Porque assim, se você for ver do ponto de vista de Jonathann, não era envolvido em movimentos sociais, nem tinha essa bandeira de luta. Porque se você for colocar assim, mas Jonathann era transgressor, não pera aí, teve outras pessoas também. Teve outras pessoas nessa cidade também.*

**- Saberria informar a data precisa da formação dos primeiros movimentos de ativismo homossexual na cidade de Juazeiro Norte?**

*Então, porque, na verdade, assim, o movimento LGBT, ele nem nasceu, na verdade, assim, dá vontade de fazer um movimento. Eu acho que foi por conta dessa coisa nacional de o movimento ter aparecido, vamos montar uma associação de gays. Na época era, sim, os*

*profissionais do sexo para fazer ativismo, só que o tipo de ativismo era entregar camisinha e entregar panfletos. Eu lembro que o pessoal da deputada Luizianne Lins na época, nós sempre tivemos movimentos de muita expressão lá na hanseníase, ela procurou a gente para que a gente indicasse. Indicasse um profissional do sexo masculino e uma profissional do sexo feminina, para ir para Fortaleza, fazer um treinamento e tal. E depois, chegar em Juazeiro e fazer esse tipo de trabalho. E assim a gente indicou o Sebastião, Tião, que é o agente de saúde. Aí nós mandamos o Tião, o Tião foi, a profissional do sexo era uma mulher de prostíbulo, ela foi também, eles voltaram para Juazeiro. No fim, só ele que permaneceu fazendo esse trabalho, ela não. E ele ficou muito conhecido, porque os homossexuais o procuravam para pegar preservativos, aquela coisa toda. Realmente, ele era muito ativo nesse sentido. Distribuía preservativos no centro, nos mercados, fazia todo esse trabalho. E aí com o tempo, procuraram, me procuraram na sede do MORHAN, porque queriam montar uma associação de homossexuais e tal, me pediram minha acessória. Tá, ajudei a montar o estatuto, ajudei a montar o regimento, como fazei, essa coisa toda, e aí eles montaram. E aí depois, na verdade, assim, é muito engraçado as coisas, as pessoas te procuram quando não tem dinheiro na história, depois que montaram toda a estrutura, aquela coisa toda. Não precisavam mais de mim, e aí começaram a buscar dinheiro no Ministério da Saúde, e aí, não era mais convidado para nada. Bom, mas sem problemas, eu sempre militei na hanseníase. E aí montaram essa associação, a AADECHO, no início assim, ela parecia uma coisa boa, no início ela parecia uma coisa boa, porque se fazia assim, para época fazia-se um trabalho legal, de acolhimento, recebia as pessoas lá na sede deles e tal, distribuía o material para prevenção, e essa coisa toda. Só que assim, sempre foi envolvida em escanda-los, e por conta desses escanda-los acabou que eles foram denunciados pelo próprio vice, que também estava envolvido nos escanda-los, e aí responderam um processo na Polícia Federal, tiveram que dissolver a instituição. Sim, no dia da audiência eu participei da supervisão do Ministério da Saúde, eu participei. Eu, Dr. Salete, advogada, mas outros, Ana Paula, assistente social. E o João dizia assim categoricamente, com muita clareza, foi uma televisão para mim, uma para ele, foi tanto para mim, tanto para ele. Para nós, era assim, uma coisa absurda ouvir tudo aquilo, e tu falando abertamente. E essas coisas, acho que desmerecem completamente o movimento e as lutas.*

**- Quantos anos a instituição permaneceu aberta?**

*Durou bastante tempo. Porque assim, enquanto estava se entendendo. Nas coisas que faziam, tudo bem. Depois que começaram a se desentender, o vice pegou e resolveu denunciar,*

*denunciar, e assim eu achei de muita loucura. Porque é crime e você estar junto, dizer: eu fiz e fulano fez também, é uma coisa assim, meio doida. Eu acho assim, então, eu vi que ao invés do movimento crescer, ele decresceu. Aí, voltando às paradas, o público passou a diminuir, diminuiu de uma forma que eles tiveram que reduzir o percurso.*

**- Isso devido aos escândalos?**

*Porque aí os dissidentes acabaram montando outras instituições. Tinha, era muito parecido com AADECHO, na verdade, era um nome parecido com AADECHO. Que foi uma que foi assassinada, estava assaltando em Barbalha, é, as bichas são desse nível. Estava assaltando uma moça em Barbalha e o irmão da vítima viu e atropelou. Ah, homofobia, dá para tu uma coisa dessa, uma pessoa estar lá fazendo um assalto com uma arma em punho na frente de uma outra pessoa. O irmão da vítima, acho que era irmão, uma coisa assim, tomou uma atitude, teve uma reação, atropelou, matou, foi homofobia, isso já desmerece. Então tinha essa outra que foi assassinada por conta desse assalto, que ele pegava e fazia assim, ele arranjava um trio elétrico. Olha só, para você ver como a política também, ela muitas vezes estraga as coisas. Tinha uma pessoa da política da época que dava o trio para viado sair da Avenida Aílton Gomes até o Romeirão, sair esculhambando a outra, a outra instituição, apoiado por uma deputada. Dava o trio, aí essa que foi assassinada subia esculhambando. Aí o povo começou a ver essa cachorrada. Um falando mal do outro, tinha esses escândalos, porque fulano está roubando, estar fazendo isso, e isso era no microfone. Quem gostava de fofoca, adorava ir até lá para escutar. E aí, começou realmente a descaracterizar a parada, começou a não ter mais público.*

**- Depois da AADECHO, não teve nenhuma outra instituição séria?**

*Na verdade, eu acho que o movimento social, ele não tem que fazer uma assistência nenhuma, sabe. Eu tenho, eu acho bonito o trabalho de algumas instituições aqui, acho legal e tal. Mas eu acho que assim, eu acho que você tem que caracterizar a sua instituição da forma como você trabalha. Você não pode dizer que é um movimento social, você o caracteriza como ONG. Como ONG, mas um movimento social não é, movimento social é outra coisa. Eu acho que assim, o movimento LGBT, ele não pode, não só o movimento LGBT, mas o movimento negro, o movimento LGBT, o movimento de mulheres. Ele não pode ser assistencialista, ele tem que ser de luta. Até porque, assim, é moda os políticos se elegerem com essas bandeiras e depois não fazer porra nenhuma, então o movimento social serviria para isso. Eu discordo quando vejo o movimento o tempo inteiro de mãos dadas com o governo. E o que muito rola aqui. Eu vejo o trabalho de algumas instituições hoje como um trabalho sério, ajuda e tal, aquela coisa*

*toda. Não deveria ser assim, deveria ser um movimento que desce instruções para que as pessoas ficassem empoderadas. Aí, nosso movimento, nossa associação empodera as pessoas, não, ninguém empodera ninguém. A GALOSC, por exemplo, a GALOSC foi assim uma “putaria” também, não foi uma instituição séria. Depois disso, está aí o pessoal do Crato, eles faziam muito evento e tudo, e muitas vezes e taxado pelo movimento e pelos homossexuais, que, pelos LGBT, que só fazem festas. Mas cada um tem à sua maneira de agir. Eu acho que, mesmo fazendo festa, está dando voz. Está dando visibilidade, a luta, eu acho que é válida. Eu só discordo do assistencialismo, que eu acho que você deve dar ferramentas, das instruções para que as pessoas se unam e lutem pelo bem maior. Mas tem o pessoal da ABEMAVI, que fazem um trabalho legal e tal. Tem feito esse trabalho a bastante tempo, tem a parte assistencialista, que eu não concordo, não acho legal. Mas eles fazem um trabalho descente.*

**- Qual foi a sua participação na realização das primeiras Paradas do Orgulho LGBT?**

*Eles, numa confusão dessas aí, acabaram que ficaram sem, era a GALOSC já, na época. Ficaram sem o CNPJ para conseguir fazer, sem receber recurso para fazer. E aí, foi quando a gente entrou e fez, fez uma parada, fez uma, para nunca mais na vida. Porque foi uma das piores experiências que eu já tive no movimento social.*

**- Consegue lembra o ano?**

*Agora eu não consigo te dizer. Por que assim, eu milito na Hanseníase faz mais de 20 anos, nunca tive problemas desse nível. Quando eu fui fazer a parada, para não ficar um vácuo, e assim, eu fui fazer porque fui acionado por eles mesmo para fazer essa parada. Até panfleto debaixo da porta me chamando de ladrão foi uma coisa absurda, de gente ir para rádio falar mal de mim, sabe. Assim, eu sempre fui atrevido, e não importa, eu fazia de qualquer jeito. Fiz, foi uma parada legal, foi uma parada onde pela primeira vez misturou todo mundo, por que não era misturado. Tinha a história das bonitas, das mais ou menos, das feias. Nos trios tinha essa classificação, que eu acho que triste dentro do movimento. E eu misturei todo mundo, enquanto couber viado nessa porra, pode subir, e assim foi. E a partir daí, eu comecei realmente a me envolver no sentido de ver as coisas acontecerem de forma inclusiva, de forma que realmente pudesse ter essa visibilidade que normalmente é uma coisa séria. Lembro de uma parada em que eu estava no evento, e eu esculto lá atrás assim, uma conversa desse nível assim. Como vai ser a divisão dos trios? No primeiro trio, vão às bonitas, era no “coffee break”, o resto das pessoas tinha entrado lá para a sala e, ficaram só os remanescentes ali. E eu estava ali tomando lanche e escultei o diretor da instituição falando isso. No primeiro vão as bonitas,*

no segundo vão as mais ou menos, e no terceiro vão as “reque quer”, linguagem usada para aqueles que são realmente no sentido pejorativo, aquelas que são péssimas. As desdentadas e não sei que, tá bom, escultei. Voltei, o evento transcreveu, encerrou. Ai eu não: não vai abrir para fala não? Não, já encerrou o evento, já está na hora, não, não encerrou, não. Eu ainda não falei, vou falar. Mas, Faustino, temos que entregar o SECS, depois que eu falar, vocês entregam. Aí eu fui lá e contei todo o episódio que escultei lá atrás. Eu disse: olha, amanhã, 3 horas da tarde, eu estou lá. Estarei lá vigilante, porque se vocês não misturarem esses “viados”, essa parada não sai. Eu chamo polícia, ministério público, imprensa, essa parada não sai. 3 horas, me aguardem lá, 3 horas eu estou lá. Às 3 horas eu estava. Estou eu por trás do trio e vi na hora que o diretor com outro que chegou lá, todo bombado, de calcinha de sunguinha, botou as mãos no quadril. O que é isso? Coisas de Faustino, eu peguei, estava de trás do trio da volta e falei, são coisas minhas mesmas. E eu vou lhe dizer aí de você ou de qualquer um que tirar um viado desse aí de cima. Eles vão descer a rua São Pedro do jeito que estão aí. Aí foi uma coisa linda. As travestis, que faziam ponto. Tudo no trio em cima, balançando os peitos, sem ter, na época era peito de papel, de enchimento, balançando. Umas sem dentes, aquela coisa mais linda descendo a rua São Pedro, todo mundo ali junto. Então, eu comecei a ser vigilante, na verdade, eu virei referência. Porque assim, eu chego até esculto, lá vem Faustino. Então, assim, se é para fazer movimento, tem que se fazer movimento de forma séria. As pessoas acham que as paradas são só para putaria. E eu acho, é uma festa e essa festa é preciso, para que de visibilidade. Eu acho que é preciso que se tenha esse momento das paradas. Para que as pessoas encontrem, para que elas conversem, elas interagem com o movimento. Eu acho que é preciso, né? Embora ela tenha descaracterizado o real motivo para que ela foi criada. Mas assim, hoje, particularmente, eu tenho duas inserções dentro dessas paradas. Um no Crato, no qual eu faço presença política, participo de todas as ações, seja de seminários, fóruns, da parada e tal. E de Juazeiro, que eu contribuo com a Comenda Arco-íris Jonathann Kiss. A Comenda Arco-íris Jonathan Kiss, para mim, e como. E aí eu digo, anteriormente eu falei da questão da apropriação de visibilidade. E, como o próprio movimento já estava usando essa imagem do Jonathann, essa imagem e tudo. Eu achei que era melhor dar outro sentido a essa história. Porque, se tão tipificando como homofobia, se acharam cruel o que aconteceu com Jonathann. Se acham que é, isso poderia ser evitado. Então eu comecei a contar histórias de GLBT. Contar histórias de pessoas que faleceram vítimas, seja de suicídio, de assassinatos, de doenças. E dos vivos também, porque é acho todas as histórias, elas devem ser cotadas, todas. E eu acho que só o fato de a pessoa sair de dentro de casa, o fato dela ser gay. Então, eu acho assim, se a pessoa sai de casa, todo dia, e enfrenta essa sociedade que

*ainda vê os homossexuais com maus olhos. Que eu costumo muito defender essa história que, olha, para com isso, que tem casais homossexuais que são bem mais limpinhos que vocês. Já que querem usar de forma pejorativa, então eu vou apelar para onde doí, né? Porque assim, se a gente for ver, tem cara aí que, pelo amor de Deus. Então comecei realmente a contar histórias. O engraçado de contar essas histórias é que às vezes você vai falar com uma pessoa que se acha menos que o Jonathann, né? E quando ela começa a contar a história dela, você pensa, que história, que história. Uma pessoa que enfrentou família, enfrentou a sociedade, tá aí vivendo até hoje. Muitas, algumas concursadas, pessoas que têm seus trabalhos na informalidade, mas que estão aí. Estão aí vivendo nesse mundo cão. E que tem até uma história de vida, de luta, de batalha, bem mais interessante que a de Jonathann.*

**- Então a comenda surge com o intuito de da visibilidade a essas pessoas?**

*E virou objeto de desejo, virou objeto de desejo. E tem gente que já chegou a me pedir: quando é que eu vou ser homenageado? Vai chegar a sua vez, quando você estiver realmente fazendo alguma coisa. Porque assim, quando eu pego uma pessoa mais velha para contar a história dela. Ela tem todo um passado, uma história de bastidores que ela não conta no dia a dia, mas que na entrevista ela conta. De casa, de violência, de namoro, e de relação que ela teve escondida. Então, assim, são tantas histórias que esse povo conta, de guetos. Fiquei sabendo, entrevistando uma outra pessoa, que havia guetos em Juazeiro, Crato e Barbalha de homossexuais, porque não existiam bares que os recebessem. Então eles pegavam, se juntavam aquela turminha e estavam lá os gays. Então, eu não sabia que isso aqui existia, isso era da minha época e eu não sabia que existia. Agora assim, pessoas jovens, pessoas jovens que já encontraram o mundo, como a pessoa que me pediu para serem homenageadas, então assim, não vai, querida. Por enquanto, não. E, encontram o mundo fácil, né? Entre aspas, porque hoje elas saem da maternidade já balançando, já se requebrando. Hoje o mundo é ruim, continua matando, continua machucando. Agora, quer se comparar há década de 80, 90? Não tem como, essa galera sofria, essa galera dessa época sofreu, que foi uma época realmente de não aceitação. Hoje em dia, as pessoas entram em qualquer lugar.*

**- Não havia qualquer assistência ou preocupação com esse pessoal?**

*Naquela época em que surgiu a AIDS, até o contato de conversar com muita gente era como se você estivesse pegando AIDS, só em conversar. Era uma coisa assim, absurda essa história do preconceito com as pessoas que tinham AIDS. Na verdade, AIDS hoje, vamos dizer assim, pode dar ao luxo de ter HIV e ter uma vida normal. Naquela época, não, a pessoa pegava o vírus e*

*morria logo, sem contar que ela morria duplamente. Ela morria por conta da doença e morria por conta do preconceito da sociedade. O que, um gay chegar numa casa, eu cheguei a escutar. Joga esse copo fora, fulano veio aqui e bebeu nesse copo.*

**- Era uma espécie de pavor?**

*Era, no toque na mão, de alguém chegar e se sentar na sua cama, no seu sofá.*

**- Seria como hoje a gente entende as formas de contágio do covid?**

*Sim. Então, você imagina o que essas pessoas enfrentaram na época. Hoje, não vamos dizer que seja uma coisa normal o que acontece hoje. Como eu falei, se não fossem as redes sociais, a gente nem sabia tanto. A questão é que, assim, a violência ficou tão mais conhecida, uma estatística que amedronta por conta das redes sociais. Mas naquela época era o mesmo, aliás, talvez fosse bem pior.*

**- E a memória do Jonathann Kiss, ela ainda se encontra presente dentro do movimento?**

*Eu acho que ela é usada quando convém. Porque eu já fui a muitas reuniões, muitas outras coisas. E assim, a gente não vê se falar muito na pessoa do Jonathann. Muitas vezes, eu soube que, agora recente, estavam fazendo um levantamento, fazendo um livro, uma coisa assim, uma biografia, não sei. Pois é uma biografia, nem sei como vai ser essa biografia, porque assim. Biografia, eu acho que você não tem que fantasiar, tem que ser fiel.*

**- O fato de ter se criado uma lei, ter dado o nome do Jonathann Kiss, sem esquecer do Centro de Referência LGBT, espaço destinado à proteção da comunidade LGBT. Você não acha que essa não é uma tentativa de conceder visibilidade à memória de Jonathann?**

*Eu acho que assim, colocar o nome do Jonathann é um nome forte, é um nome forte, realmente dá visibilidade. Mas assim, há outros atores da história, há outros atores que poderiam estar. Teve gente, que circulava em Juazeiro, que assim, não sei. Mas assim, um nome forte, um nome que politicamente é muito bem usado por muita gente. Eu acho isso.*

**- Depois que você realizou a Parada Homossexual, quem assumiu a organização do evento?**

*O pessoal da ABEMAVI. Porque, na verdade, eu só fiz uma, depois o pessoal da ABEMAVI começou a assumir essa história, começou a assumir. Mas teve um período de vacância, eu acho que houve um período de vacância, se eu não estiver enganado, um período de vacância. Depois que o pessoal da ABEMAVI começou a assumir.*

## **ANEXO 05 – Transcrição da entrevista 05**

*Brendha Alves Feitosa é uma mulher trans, uma das mais importantes lideranças do Movimento LGBTQIAPN+ na cidade de Juazeiro do Norte. Atualmente ocupa o cargo de coordenadora da Casa da Diversidade Cristiane Lima.*

### **Qual o seu nome completo?**

*Brendha Alves Feitosa*

### **- Quando e quais os motivos que motivaram a fundação da Casa da Diversidade Cristiane Lima?**

*A Casa da Diversidade Cristiane Lima, ela é um projeto né! Criado, pensado, realizado e fundada pelas duas instituições, aliadas. Que é ABEMAVI, Associação Beneficente Madre Maria Vilar, que tem como mentora a Santa Dulce dos Pobres. Como também a Associação Careirense de Luta contra a AIDS. A ABEMAVI tem 14 anos de fundação dentro do cariri, aqui em Juazeiro do Norte, Crato, Lavra, desenvolvendo um trabalho relevante, significativo para as populações de vulnerabilidade social. População essa, também, LGBTQIAPN+, como também a Associação Careirense de Luta Contra a AIDS, que tem um trabalho voltado para as prevenções de saúde no período de janeiro a dezembro. Desenvolve várias ações voltadas para as patologias DST, saúde da mulher, do homem, as hepatites virais, a prevenção ao suicídio, tuberculose. Então, são várias que, Associação de Luta Contra a AIDS, há onze anos, a sua existência há onze anos que vem desenvolvendo. Ai quando essas instituições aliadas, pensam que a população LGBT precisa de uma atenção maior e mais especializada. Quando nós tivemos também, com a criação dessa casa, a gente já ocupava alguns assentos no conselho de direitos, cujo conselho, o projeto do conselho de direitos LGBT, é um projeto de advogas da ABEMAVI. Quando o conselho de direitos LGBT de Juazeiro do Norte, e o primeiro do estado do Ceará, criado no interior, na grande metrópole de Juazeiro do Norte. Quando eu fui a primeira presidenta, e também nesse conselho a saudosa Cristiane Lima, a Chica do Ralei, conhecida vulgarmente falando, era uma das nossas representantes no acento do conselho, uma pessoa muito atuante. Por isso que a gente traz o nome dela. Agora em abril, 30 de abril, a casa completa 2 anos, 2 anos de criação, de fundação e de realização. E por quê? A ABEMAVI, antes dela criar a casa da diversidade, ela já acolhia as pessoas LGBT, ela já ajudava. Então, eu conheci a ABEMAVI, fui acolhida pela ABEMAVI em 2013 para 2014. Então são 10 anos que eu faço parte desta instituição, ela é responsável pela pessoa que eu sou hoje, por isso que eu estou à frente da Casa da Diversidade. Estive fora da coordenação quando*

*eu fui gestora, pois eu não podia ocupar dois cargos de coordenação, tanto no terceiro setor*

que é a organização da sociedade civil, a OSQUE, no governamental também, como na gestão. Que fui gestora do Núcleo de Diversidade e Gênero, na gestão anterior a essa. E aí, a casa hoje, ela é uma referência no cariri, no Ceará e no Nordeste. Porque é uma casa que tem todos os atendimentos gratuitos, de segunda a sexta ela funciona das 14h30min às 19h, com algumas atividades internas e externas. Passando esses atendimentos a ser assessoria jurídica, Dra. Janiele Goulart, assistência social com Brendha Vlazack, anteriormente com Alisson Dias, as psicólogas, Dra. Erineide e Alessandra Braga e a enfermeira Jéssica Santana, o massoterapeuta Flávio. Com todas as parcerias, a recepcionista Aline, e nós temos a coordenadora administrativa, Dra. Ana Pereira, que é uma advogada também, que e a que coordena com o nosso grande articulador e pai, carinhosamente porque ele abraça a população com muito amor e afeto, estar na defesa dos direitos humanos dessa população que é o Ronildo Oliveira. Que é o meu grande pai, pai das populações em vulnerabilidade social. Então, a casa hoje, ela tem esse papel de incluir, de emancipar, de qualificar a vida profissional dessas pessoas, de contemplam essas pessoas com alguns direitos, a partir da segurança alimentar, buscando se inscrever em editais, buscando parceria e recursos. Para que a gente possa não de forma assistencialista, mas chegando junto a uma necessidade muito básica, sendo os alimentos, quando podemos, a gente contempla essas pessoas LGBT com a sexta básica, quando também recebemos apoio de instituições de fora, que vali salientar a presença da HFBrasil. Que é uma instituição que tem sede em Losangole, mas com sede no Brasil, mediante Begua de Jesus, nós recebemos esse apoio, quando ele nos apoia. Que aqui na casa nós temos uma sala com enfermagem, a enfermeira Jéssica Santana, estar lá todos os dias fazendo os testes. E é o único serviço que se amplia para as outras populações que não seja LGBT+. E aí, essa casa hoje, ela tem oficinas, ela tem encontros, ela tem um grupo das mães da diversidade, segunda, terça-feira de cada mês, as mães de nós LGBT se reúnem. Para discutir, para vivenciar, para fortalecer, para conhecer. Para que outras mães e pais possam entender que ter um filho LGBT, não é coisa de outro mundo, não é vergonha, não é anormal, não é doentio. Mas nós precisamos do acolhimento, primeiro no contexto familiar, para depois ter um acolhimento na sociedade. Então, nós temos todas essas vivências com roda de conversa, com oficinas. Temos parceria com universidades, com o sistema S. SEX, SENAC, SEZ, nós temos também a parceria com a Unopar. Pessoas trans cursando nível superior, com bolsas integrais, cursos de qualificação do SENAC. Temos um curso de computação aqui na ABEMAVI, na sala Pamela Pavanek, que é uma sala de informática conseguida por meio de uma emenda parlamentar. Nos demos o nome a essa sala de uma travestir nossa, que foi morta

*pela LGBTfobia aqui no nosso cariri. Então, a Casa da Diversidade é um porto seguro para essas pessoas, e eu tô na coordenação.*

**- Quais são as principais demandas dessas pessoas que procuram a Casa da Diversidade Cristiane Lima?**

*A principal demanda hoje é a psicologia. A psicologia tem sido algo gritante, as pessoas estão adoecidas mentalmente em várias perspectivas. Na perspectiva de ser quem é, querer ser quem é, a partir da sua percepção, na sua transexualidade, na sua travestilidade. A pessoa se descobrir trans, travestir, homem trans, pessoa não binária. Isso às vezes causa um complexo, uma confusão na cabeça, de um contexto patriarcal, em raízes fundamentadas em um fundamentalismo religioso né? No machismo, no racismo, em um contexto que essa sociedade traz no seu perfil. E aí, quando essas pessoas encontram culturas de pai, avós que viveram em outra geração, não dizendo que isso é algo novo. Nós existimos desde que o mundo foi mundo, agora que estar mais pertinente, que esteja mais evidenciada essa luta, mas que antes de Brenda, antes de outras trans, homens trans, vieram outros. Nós temos 60 anos de Stonewall, a luta lá em Nova Iorque, como no Brasil, nós temos essa luta desde a década de 80, 70. Quando as travestis lutavam, travestis na sua grande maioria negras. Então, quando elas buscam a Casa da Diversidade, adoecidas mentalmente. Porque nos hoje temos um índice alto de pessoas que se suicidam, nós temos um índice alto de pessoas com depressão. Por conta de vários fatores, por conta de várias mazelas sociais, mazelas essas que causam evasão escolar, por questão de não ser bem tratado no âmbito escolar. O nome social desrespeitado, os olhares, a transfobia, o racismo, a proibição de usar um banheiro de acordo com sua identidade de gênero, entende? O mercado, quando se evade da escola, aí passa não ter uma qualificação, uma formação intelectual. A maioria das nossas companheiras, travestis, estão no mercado da prostituição, 99%. Mas por quê? Primeiro ela foi excluída da família, depois ela evadiu da escola sem ter perspectivas, onde ela foi buscar sobrevivência, na prostituição, vendendo seu próprio corpo para sobreviver. Sabendo que aquele trabalho é tão digno quanto outro que ela estivesse, de forma, de maneira formal. Mas quando isso não acontece, tá lá vendendo o corpo, realizando fantasia de homens, que usam e acessam a pornografia de travestir e transexuais no Brasil, mas são os mesmos homens que nos mata. E o mesmo machismo que se realiza sexualmente, mas são os que nos mata. E quando isso acontece, eu enquanto mulher trans não estou na escola porque eu sofrer exclusão, sofrer homofobia. E quando eu saio da escola eu vou arranjar um emprego como? Qual é a empresa, o mercado de trabalho que tem a sensibilidade, a humanização de ter na sua razão social, no seu quadro de*

*funcionários uma pessoa trans. Onde é que vai tirar a dignidade dessa empresa, não, vai é levantar o perfil dessa empresa. Pois ela vai passar a ser uma empresa inclusiva. Que ela tem que ver o profissionalismo da pessoa, a capacidade da pessoa. Nós precisamos oportunizar espaços para essas pessoas trazerem que querem largar a prostituição, ter uma dignidade, de ter um salário para sobreviver, para se emancipar na vida, para ter cargos e carreiras, para que elas possam ser bem-vistas. Quando isso não acontece, elas estão lá. Estando na prostituição tem vários perigos, delas morrerem, dos clientes não pagarem o programa, delas se envolverem com facção, com aliciamento de drogas, e por vários fatores. Mas elas lá estão protegidas, espero que seja fundo os agressores, pois homofobia é crime, equiparado ao racismo. Nós temos uma lei também aqui em Juazeiro do Norte, que é uma lei municipal que é exatamente na data que Jonathan Kiss foi assassinado, dia 10 de setembro, e o dia municipal contra a LGBTfobia. Então a casa hoje, a demanda maior é a psicologia, mas depois vem o serviço social que cada pessoa LGBT, que vai na casa, para criar vínculo com a casa, participar, passa pelo serviço social. Tendo lá seu prontuário, com todos os dados, escolaridade, renda, para puder a gente chegar, assistir a essa pessoa. Depois vem assessoria jurídica, quando algumas pessoas se sentem lesada moralmente, sexualmente, psicologicamente, fisicamente, violência institucional. A nossa assessoria jurídica estar lá. Também a testagem é muito procurada. Mas o topo dos atendimentos mais procurados e a psicologia.*

**- Quando chega uma vítima da violência, qual o processo que é feito?**

*Bem, como nós somos um projeto, uma casa de referência enquanto não governamental, uma organização da sociedade civil, nos orientamos. Acompanhamos a vítima até a delegacia, muita das vezes a vítima se sente impedida assim, na questão da angústia, de ter sido a vítima, de procurar fazer o B.O, com medo de represália, de ameaçar e morrer. E aí a nossa assessoria jurídica acompanha até a delegacia, ou nos orientamos para o ministério público, defensoria pública, Creas. Então, a gente dialoga com as instituições que possam efetivar e garantir o direito dessa pessoa, ampara pelas leis, claro, mas também com base no acontecimento, na violência. Porque a lei Maria da Penha contempla a nossa população trans, mas se a violência for em âmbito doméstico, se aquele agressor tiver um vínculo afetivo com a vítima. Quando é na rua, nós de Juazeiro do Norte, temos o disque LGBTfobia, que foi algo criado por nós, enquanto núcleos dos direitos LGBGT. E aí, quando essa pessoa procura a acessória jurídica da casa, ela tem todos esses encaixamentos. A acessória jurídica vai buscar a instância quando*

*essa pessoa sofreu. Câmeras, testemunhas, os fatos, para que a gente possa efetivar a punição desses agressores através dessas instâncias.*

**- De onde vem os recursos que mantem a Casa da Diversidade Cristiane Lima?**

*A casa, quando ela foi, acho que quando ela completou um ano, acho que quando ainda era na rua do Cruzeiro, nós entregamos uma carta ao gesto municipal pedindo um apoio. Apoio esse que poderia ser para a estrutura da casa enquanto um aluguel. Nós tínhamos a vereadora Aurélia, que é uma grande apoiadora da casa, uma mulher lésbica. Quando ela estava no legislativo, ela apoiava a casa antes de a gente conquistar, que agora a sede é própria, antes ela pagava aluguel. E agora, a gente entregou uma carta ao gestor municipal há um ano, até hoje a gente espera. Porque o município poderia chegar pagar uma luz, uma internet, mas isso não foi acordado. Entregamos uma carta também, fomos à Fortaleza há uns meses. Porque a ABEMAVI faz parte da campanha, sua nota tem valor da receita federal. E aí a gente foi a Fortaleza receber um prêmio e entregamos uma carta ao governador, como também à secretária da diversidade, Mithete. Que agora nós temos uma secretaria específica para a diversidade no estado do Ceará, e nós entregamos uma carta buscando apoio. Fora isso, a gente hoje busca inscrição em editais de programas, como o fundo Elas, Fundo Positivo. Todos esses programas nacionais, que lançam editais para que a gente desenvolva programas dentro da instituição. Que seja saúde, que seja social, que seja de qualificação profissional, a gente se inscreve em projetos. Dra. Ana Pereira, sendo a coordenadora administrativa da casa, ela vira madrugadas. Escrevendo projetos, escrevendo a nossa instituição, para que a gente possa receber recursos, possa manter a casa, para que a gente possa desenvolver ações, para que a gente possa ter um recurso de segurança alimentar, mais cestas básicas. E assim a gente vai continuando. Mas a gente vive de doações. Aí nós temos a mesa Brasil que doa alimentos, nós temos a Ceasa que doa alimentos. Porque além da população LGBT, tem a população de rua que a ABEMAVI cuida. Família em estresse, pobreza, pessoas encarceradas, pessoas com HIV/AIDS, idosos, crianças, gestantes. São várias populações, mas no que se trata da população LGBT, nós procuramos recursos todos os dias. Apoiadores de instituições, tanto com qualificação profissional, como também com intervenção dentro da casa e por aí vai.*

**- Quais são as perspectivas almejadas pela Casa da Diversidade para o futuro?**

*E a gente tem essa intenção de primeiro ter uma estrutura maior na casa. Futuramente, ter um primeiro andar, ter um auditório para a gente fazer nossos eventos lá. E fora da casa. Nós procuramos convênio, tanto em Barbalha como em Crato, com o apoio da ADACHO. Que é*

*uma associação da cidade do Crato, que nos encaminhou, para que esses dois municípios, no sentido crajubar, possam ter um convênio e também atender essas pessoas LGBT dos dois municípios aqui em Juazeiro do Norte. Que a casa possa ser uma casa regional, mas que ela possa ter uma contrapartida nesses municípios para apoiar e ajudar a casa. De forma financeira, ou como já falei, na estrutura física da casa, em relação à manutenção da casa. Mas essa é a nossa perspectiva, que a casa da diversidade possa ser uma casa regional. Mas nós atendemos pessoas que migram de outras cidades, estados para Juazeiro, e nós atendemos essas pessoas. A casa está de porta aberta, e qualquer pessoa LGBT, não importa o município, chega em Juazeiro e são orientados de que aqui em Juazeiro tem essa casa de apoio, não é uma casa abrigo, mas uma pessoa foi expulsada de casa, está sendo ameaçada, a gente acolhe até resolver o problema. Não é uma casa abrigo. Então, a nossa intenção é atender regionalmente, mas que a gente possa ter apoio dos municípios que encaminham essas pessoas.*

**- Houve muita resistência com relação a fundação da Casa da Diversidade?**

*Não. Porque assim, a AABEMAVI hoje, e a Associação Careirense de Luta contra a AIDS, são referências no Cariri e no Ceará. Nós temos um evento nacionalmente que a ABEMAVI promove, que a Careirense promove. Então, fora outros eventos que a gente promove também, seminários. E hoje o respeito a Casa da Diversidade, ABEMAVI, a Careirense, é sem explicação o respeito. Eu sei que todo e qualquer grupo coletivo que lute em defesa dessas populações vão sofrer críticas. Mas a crítica vai existir, o preconceito vai existir, as discriminações podem não acabar, mas vão diminuir. Porque o que a gente quer não é a visibilidade de status, mas sim, uma responsabilidade respeitosa de apoio. É uma instituição séria, transparente, que tem um papel social que às vezes identifica a demanda primeiro que o gestor, que as esferas. Porque nós sabemos que esse é um papel do gestor, do município e do Estado, identificar esses sujeitos nas suas áreas de vulnerabilidade social, e garantir os direitos deles através das políticas públicas, dos projetos, enfim. Mas a casa hoje é vista com bons olhos, a gente vai sofrer o preconceito porque a gente mata um leão todos os dias, mas quando vida tivermos estaremos de pé, enquanto Casa da Diversidade Cristiane Lima, a Associação Careirense de Luta contra a Aids e todos os outros órgãos que nos apoiam. Eu falo na minha representatividade, na frente de mulheres do cariri, no Fona trans, que eu sou representante. É um fórum nacional que tem como presidenta a Geovana Beibe. Uma grande mulher militante, que lá na década de 80 foi junto a outras mulheres negras do Nordeste, que lutou por nós. E nós temos essa parceria, a ADACHO. Então todos nos juntos aqui no crajubar, nos somamos para que a gente possa diminuir esse preconceito, essa discriminação voltada para nós.*

**- Existe muita resistência em relação as Paradas do Orgulho LGBTQIAPN+?**

*A resistência, as intolerâncias vão existir, como eu torno a dizer, o preconceito e a discriminação vão existir. Mas tem uma grande maioria que nos apoia, que as famílias vão lá, já para mostrar às crianças que nós não éramos, não é anormal, não é doença, as pessoas precisam naturalizar isso. Mas isso é um momento em que as pessoas têm que naturalizar, têm que acolher. Você não precisa ser LGBT para levantar nossa bandeira, é questão de direitos humanos. Nós somos seres humanos, nós precisamos existir, viver com dignidade, com paz, com alegria, com respeito. Por que mata? Por que matar nos trans que morremos cada 18h? Nós só queremos existir, e dar é um momento de liberdade, de alegria.*

**- Qual o papel do Conselho Municipal de Direitos LGBTQIAPN+?**

*Ele foi pensado em 2013, mas ele só foi instituído em 2016. O conselho tem uma responsabilidade no controle social referente à nossa população. Porque ele é um conselho autônomo, propositivo, consultivo, deliberativo e fiscalizador das políticas públicas. Ele é paritário, ele tem sociedade civil, através dos movimentos sociais que são ABEMAVI, Associação Careirense de Luta contra a AIDS, Frente de Mulheres do Cariri, Quizomba e Levante Popular. Tem a secretaria de assistência social, educação, saúde, cultura e segurança pública. Então a gente dialoga, são 5 titulares de cada instância. Governo e sociedade civil, com seus suplentes, ao todo, dão 20 conselheiros com seus suplentes. E aí a gente dialoga, a gente encaminha ofícios para secretarias para dialogar sobre leis. Que nós temos a lei de cotas no município para processos seletivos e concursos, para que pessoas trans possam concorrer e ter suas vagas, com sua cota de 3%. Dialogamos com a saúde, na formação e capacitação de profissionais. Dialogamos com a segurança pública através do disk LGBTfobia, dialogamos com as instâncias privadas e públicas. Um controle social voltado para essa população, desde os espaços sociais com os espaços públicos.*

**- Quem foi Jonathann Kiss?**

*Jonathan Kiss foi uma referência, ele foi um marco histórico da população LGBT em Juazeiro. Jonathan Kiss significou ousadia, dinamismo, criatividade, além da elegância, da postura, da beleza, da inteligência que Jonathan tinha. Era orgulho para Juazeiro do Norte, para o Cariri, para o Ceará, para o Brasil. Porque Jonathan Kiss além de ter sido um grande prometer, já causava. A sua presença já causava uma referência dentro do espaço escolar. Ele estudou no Moreira de Sousa, conhecido como João Vicente, mas, artisticamente, socialmente, como Jonathan Kiss. E aí Jonathann, quando se tornou promotor de eventos no Cariri, começou*

*trazendo as grandes personalidades nacionais, artísticas para desfiles. A grande Suyane Moreira, fruto de Jonathan Kiss, como tanto outras pessoas. Quando trouxe Elke Maravilha. Jonathan Kiss foi o grande percussor do movimento LGBTI em Juazeiro do Norte. Quando também se destacava, naquela época não tinha parada, mas já se fazia presente nas grandes festas chiques de fantasia. A melhor fantasia era a de Jonathan, ele trazia do Rio de Janeiro, de Fortaleza. Juazeiro já teve escola de samba, e ele tinha as melhores fantasias.*

**- Qual a importância do Jonathann para a população LGBT?**

*Ele serviu como figura de inspiração, o Jonathan teve programa de rádio, era uma audiência gigantesca. Quando a gente escutava aquele som, aquele carro branco. Se você fosse comprimento por Jonathan, você tinha uma referência, você era bem-visto. Então, ele quebrou todos os estigmas, todos os tabus da época. Juazeiro é uma cidade religiosa, tem um fundamentalismo religioso conservador, patriarcal, mas Jonathan, ele rompeu com tudo isso na época. Ele rompeu, ele foi referência, ele foi espelho, ele foi uma porta para muitas pessoas na área artística, na área de evento, na área jornalística. Que ele tinha esse espaço na mídia também. Se não tivessem tirado a vida de Jonathan, seria nosso representante na câmara legislativa, que eu tenho certeza de que ele tinha galgado por esse caminho. Acho que ele seria um grande parceiro da ABEMAVI, da Casa da Diversidade, não tenho dúvida disso. Tem vários prometes na região que têm ele como referência. Porque Jonathan tinha a revista, hoje eu vejo que ele foi inspiração para muitos.*

**- Como era os eventos que Jonathann Kiss realizava?**

*Ele realizava os Melhores do Ano, desfiles de moda, festa fantasia. E os programas, jornal, concursos. Tinha os concursos de moda que ele fazia, trazia os modelos nacionais para desfilar com as modelos.*

**- Qual o tamanho da repercussão da morte de Jonathann Kiss e qual o sentimento que essa morte despertou no sentido de propiciar uma ligação entre essas pessoas para formarem um movimento de militância?**

*Foi uma morte muito trágica, ele lutou muito contra os dois assassinos dentro de casa. Quando ele morre, ele abre um pensamento que precisamos ter: cuidado com quem relacionamos, com quem vivemos, com quem falamos, com quem procuramos aliança, nós temos que ter muito cuidado. Mas quando ele morreu, a sociedade, a própria comunidade LGBT da época, se sentiu*

*sozinha por perder uma grande referência, um grande defensor, um grande representante da nossa população, deixou essa população de olhos abertos para os perigos.*

**- Na atualidade, a memória de Jonathann é presente?**

*Ela é presente, que a gente tem que lembrar dele não só por esse viés da morte, você referenciar Jonathan pelo assassinato, mas você referenciar Jonathan pelo que ele fez de bom, pelo que ele representou, pelo que ele realizou, pelo que ele foi. Ele é uma referência.*